

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
TESE DE DOUTORADO

**EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INTERDISCIPLINARIDADE: estudo das
vivências e representações sociais dos espaços urbanos em Ribeirão
Preto-SP como metodologia de formação política construída com alunos
da Educação Fundamental.**

Heliana da Silva Palocci

2003

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INTERDISCIPLINARIDADE: estudo das vivências e representações sociais dos espaços urbanos em Ribeirão Preto-SP como metodologia de formação política construída com alunos da Educação Fundamental.

**Autora: Heliana da Silva Palocci
Orientador: Prof. Dr. Mansur Lutfi**

Esse exemplar corresponde à redação final da tese de doutorado defendida *por Heliana da Silva Palocci* e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Orientador

Comissão julgadora:

2003

**Catálogo na publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Palocci, Heliana da Silva.

**P186f Educação, Cidadania e Interdisciplinaridade: estudo das
vivências e representações sociais do espaço urbano em
Ribeirão Preto-SP como metodologia de formação política
construída com alunos da Educação Fundamental. Campinas,
SP: [s.n.], 2003.**

Orientador: Mansur Lutfi.

**Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.**

**1. Cidadãos. 2. Interdisciplinaridade 3. Cidades. 4. Projeto
pedagógico. I. Lutfi, Mansur. II. Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação. III. Título.**

03-077-BFE

DEDICATÓRIA

A cada cidadão excluído da cidade, para que a ética, a luta e a esperança possam devolver-lhes o sonho de uma sociedade mais justa.

Aos meus pais, cidadãos que me possibilitaram ver o mundo com as lentes da solidariedade.

À nova sociedade que se constrói em cada experiência de inclusão.

Aos educadores e educandos que desejam um projeto político pedagógico emancipador para a escola.

Ao André e ao Guilherme, filhos amados, por quem dedico todo esforço de construção.

A todos os cidadãos que, no trabalho de convivência com as diferenças, exercitam sua cidadania.

Ao Pedro, parceiro, companheiro, ouvinte paciente diante dos conflitos, incentivador dos sonhos e presença de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Mansur Lutfi, orientador, amigo, parceiro dos grandes sonhos.

Ao Prof. Dr. Cesar Aparecido Nunes e Prof. Dr. Antonio Carlos Amorim pelas contribuições durante o exame de qualificação.

À equipe de professores da Unicamp, por despertar o desejo de estudar sempre mais.

Ao Prof. Arquilau Moreira Romão e Prof^a Dr^a Lucilia Romão, companheiros de trabalho, de lutas, de partilha... Amigos cidadãos...

Às funcionárias da secretaria da Faculdade de Educação, pela disponibilidade em me socorrer nas exigências burocráticas.

A cada cidadão pesquisador, aos alunos e professores que se tornaram parte deste desejo de construção da cidadania.

RESUMO

A educação formal assumiu historicamente o papel de formação do ser humano em três dimensões fundamentais: formar a pessoa, articulando-se com as demais instituições sociais, que estruturam nossa civilização e cultura; formar o cidadão, para compreender o tempo, espaço e sociedade onde vive e atua e formar o profissional, numa sociedade pautada pelo trabalho. A presente pesquisa buscou compreender como se constrói a cidadania e a formação dos cidadãos na cidade, definindo as principais representações e vivências do aluno no seu processo de construção da mesma.

Para compreender este processo, tomamos o microssistema do quarteirão como unidade síntese dos conflitos e representações da cidade. As observações e pesquisas do cotidiano foram relacionadas com a história da cidade e as possibilidades de intervenção no microespaço urbano (quarteirão) habitado pelo cidadão. A idéia de que a relação cidadão-cidade é construída historicamente fez emergir deste estudo diretrizes teórico-metodológicas para a organização do projeto político-pedagógico da escola pela via da interdisciplinaridade.

Para compreender as referências teóricas, adotamos o materialismo histórico como referencial metodológico. Dessa forma, emergem deste estudo algumas diretrizes metodológicas para a construção de um projeto pedagógico para escolas que, ao dialogar com a cidade, aproxime o cidadão do seu espaço urbano, despertando para a reorganização deste espaço, resgatando as relações entre cidadãos e provocando mudanças de comportamento.

Consideramos que a vivência e atuação social dos alunos, como sujeitos pesquisadores e cidadãos participantes, no processo de apreender as contradições da cidade torna-se a matriz metodológica da consciência ética, estética e política dos estudantes. Ao apreender a realidade da cidade, no estudo de suas contradições, os alunos preparam-se para atuar emancipatoriamente em seu tempo e espaço.

ABSTRACT

The formal education historically assumed the role of formation of the person human being in three basic dimensions: to form the person, articulating itself with the other social institutions that give structure our civilization and culture, to form the citizen, to understand the time, space and society where it lives and acts and to form the professional, in a society guided by the work. The present research looked for understanding how the citizenship is built and the formation of the citizens in the city, defining the main representations and experiences of the in its process of construction of the citizenship.

To understand this process, we took the microsystem of the block as synthesis unit of the conflicts and representations of the city. The comments and research of the daily one had been based the history of the city and the possibilities of intervention on the urban microspace(block) inhabited by the citizen. The idea of that the relation citizen-city is built historically made to emerge from this study theoretical-methodologic lines of direction for the organization of the pedagogical politican project of the school by the interdisciplinarity.

To understand the theoretical references, we adopted the historical materialism as methodological guideline. This way, some methodologic lines of direction for the construction of a pedagogical project for schools emerge of this study that, when dialoguing with the city, the citizen of its urban space approaches, awaking for reorganization of this space, rescuing the relations of the citizens and provoking behavior changes.

We consider that the experience and social performance of the pupils, as searching citizens and participant citizens, in the process to learn the contradictions of the city becomes the methodologic source of the ethical conscience, aesthetic and politics of the students. When learning the reality of the city, in the study of its contradictions, the pupils prepare themselves emancipatory to act in its time and space.

SUMÁRIO

PÁGINAS INICIAS

INTRODUÇÃO.....1

CAPÍTULO I – A cidade em seus registros e marcas estruturais:
história, cultura, política e demografia.....20

CAPÍTULO II – A cidade e o cidadão: memória, discurso e
representação.....48

CAPÍTULO III – A cidade e o bairro: a conquista da identidade
no espaço urbano.....65

CAPÍTULO IV – A cidade, a escola e o aprender a conviver:
formando o cidadão e construindo a cidadania...113

CONSIDERAÇÕES
FINAIS145

BIBLIOGRAFIA150

ANEXOS -Fotos165

INTRODUÇÃO

Existe a fala da cidade: aquilo que acontece na rua, nas praças, nos vazios, aquilo que aí se diz. Existe a língua da cidade: as particularidades próprias a uma tal cidade e que são expressas nas conversas, nos gestos, nas roupas, nas palavras e nos empregos das palavras pelos habitantes. Existe a linguagem urbana, que se pode considerar como linguagem de conotações... Existe a escrita da cidade: aquilo que se inscreve e se prescreve em seus muros, na disposição dos lugares e no seu encadeamento, em suma, o emprego do tempo na cidade pelos habitantes dessa cidade.

Henri Lefebvre

INTRODUÇÃO

*As cidades, como os sonhos, são
construídos por desejos e medos.*

Italo Calvino

O presente trabalho de pesquisa científica no campo temático da Educação, nasce do desejo de construir uma metodologia que possa aproximar o cidadão da sua cidade.

Cada pessoa toma sobre si a necessidade de conhecer e apropriar-se das formas materiais e simbólicas do mundo onde vive. Este é um processo híbrido, parte se dá nas condições sociais objetivas, parte acontece em sua significação subjetiva. Reinventar a cidade, redescobrir o cenário do abstrato ao mais concreto, do mais evidente ao mais camuflado, este era no início um desafio, um caminho a ser percorrido.

Quando nos propusemos a trabalhar em uma pesquisa na área de Metodologia de Ensino, objetivando identificarmos os passos, motivações, formas e operações possíveis, estabelecemos recortes na formação do cidadão e na construção da cidadania, para que a Escola pudesse ser efetivamente uma agência de formação política.

Inicialmente visitamos os órgãos públicos do município de Ribeirão Preto (SP), cidade que é o espaço social de nosso estudo, com o objetivo de iluminar o trabalho. Fomos buscar, nas secretarias municipais de Saúde, Educação, Bem-Estar Social e Meio Ambiente, as informações sobre a cidade, para reunir um conjunto de informações que pudessem subsidiar o projeto metodológico interdisciplinar

e garantir a superação das concepções ou olhares fragmentários que pudessem advir no decorrer da pesquisa.

Descobrimos que só isto não seria suficiente, seria preciso buscar na história da cidade as raízes do cotidiano atual. Isto nos levou a permanecer várias semanas no Arquivo Histórico do Município, pesquisando jornais, revistas, documentos e almanaques que datam de 1896 a 1996, permitindo-nos passear pela história do século XX. Encontramos uma gama variada de documentos, notas fiscais, charges de jornais, anúncios classificados e fotos que evidenciam costumes, fatos, até sonhos dos cidadãos desse período.

As informações oficiais e os dados históricos muito contribuíram para que o trabalho fosse fundamentado, porém, para desvendar a cidade e seus cidadãos, fomos buscar, outras fontes, depoimentos e registros. Resgatamos o noticiário do rádio, dos jornais, das revistas do século XX, catalogamos periódicos editados pelas associações de bairros, igrejas, escolas e pelo comércio local. Embora com esse farto material em mãos, nossa busca apenas começava. A cada descoberta, nossos desafios foram aparecendo. Entrevistamos autoridades e moradores dos bairros. Essas entrevistas também ofereceram informações valiosas.

Nossa busca, ou talvez ousadia em descobrir a cidade, ficou do tamanho do medo em não conseguir abraçar todos os conflitos que se apresentavam.

Foi-se desvendando um cenário oculto, contraditório, que me despertou a necessidade de ir além das evidências. Descobrir o perfil de nosso cidadão passou a ser também uma tarefa e trincheira de reconstruir sua cidadania. Mas o que é cidadania? Quem são esses cidadãos? Quais são os seus desejos, seus sonhos? Qual o imaginário que habita, ocupa espaço, agride e acolhe essas pessoas que compõem a cidade? Essas eram as perguntas naquele momento.

Aprendemos com GUARINELLO (1998):

“A cidadania nos Estados nacionais contemporâneos é um fenômeno único na História. Não podemos falar de continuidade do mundo antigo, de repetição de uma experiência passada e nem mesmo de um desenvolvimento progressivo que unisse o mundo contemporâneo ao antigo. São mundos diferentes, com sociedades

distintas, nas quais pertencimento, participação e direitos têm sentidos diversos.”

Foi assim que, buscando encontrar as redes de *pertencimento* na e da cidade intentamos trabalhar com os alunos do Ensino Fundamental, na direção de assumir um compromisso com a cidade. Optamos por selecionar sete bairros, escolhidos após um estudo de toda a cidade, junto à Secretaria Municipal de Obras. Não bastava listar sete bairros, queríamos radiografar a cidade e expor seus conflitos. O microssistema do quarteirão¹ apresentou-se como a unidade próxima do cidadão. Abaixo, apresentamos a lista dos bairros selecionados e o nome das ruas que tiveram um quarteirão escolhido:

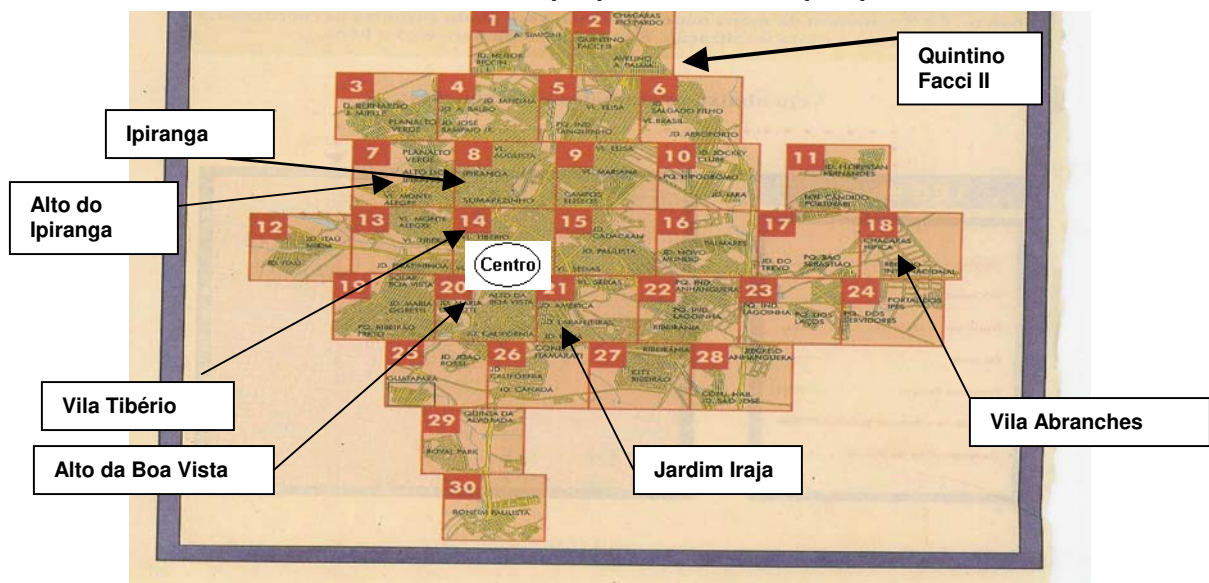
Bairros

- 1-IPIRANGA
- 2- QUINTINO FACCI II
- 3- VILA TIBÉRIO
- 4- JARDIM IRAJÁ
- 5-ALTO DO IPIRANGA
- 6-ALTO DA BOA VISTA
- 7-VILA ABRANCHES

Ruas Pesquisadas

- Mato Grosso
Cajuru
Epitácio Pessoa
Isac Theodoro de Lima
Tapajós
Maringá
Adhemar de Barros

Planta da cidade com destaque para os bairros pesquisados



1. IPIRANGA, um dos mais antigos bairros da cidade e um dos mais populosos. Ele abriga famílias de trabalhadores desde o início do século XX.

2. CONJUNTO HABITACIONAL QUINTINO FACCI II, bairro com sistema de casas populares, na sua maioria habitado por migrantes, que vieram trabalhar na cidade e aqui se estabeleceram.

3. VILA TIBÉRIO, por ser o retrato da história da cidade, com seus idosos sentados pelas praças, casas de construções datadas do início do século XX e cidadãos trabalhadores.

4. JARDIM IRAJÁ, bairro que se formou a partir da década de 80, de construções novas, com vários prédios de 4 a 6 apartamentos, em geral habitado por jovens casais.

5. ALTO DO IPIRANGA, bairro pobre, pouco desenvolvido, violento em suas relações, bairro que espalha crianças sujas pelas ruas, bêbados pelas esquinas, bares por todos os quarteirões, pouca infra-estrutura.

6. ALTO DA BOA VISTA, com suas mansões, jardins planejados por paisagistas, esconde os cidadãos bem sucedidos, que interferem nas decisões da cidade. Este bairro é de classe média alta.

7. VILA ABRANCHES, bairro isolado do centro comercial, desprovido de infra-estrutura básica, bairro que preenche as páginas policiais dos jornais com seus crimes, tráfico de drogas, a prostituição e as crianças abandonadas. *

Depois de escolhidos os bairros, procurando apresentá-los como espaços distintos, representantes de diferentes classes sociais emergiram, estes bairros abrigam pessoas com os conflitos resultantes das classes sociais a que pertencem. Uma interrogação e inquietude nos colocava frente a esta tese. Falar do bairro ainda nos parecia distante demais para o nosso objetivo de descobrir a cidade e conhecer o cidadão.

Em uma tarde cinzenta, após mapear os bairros e fotografá-los, diante de uma praça pública e conversando com os idosos que jogavam dominó e baralho, passamos a observar que a referência para aquelas pessoas não era a cidade, nem tampouco o bairro, eles sempre relatavam histórias e descrições do quarteirão onde

moravam. Contavam experiências dos vizinhos, conflitos de suas famílias, sonhos e esperanças do homem do bar, da mulher da padaria. Olhando para todo o levantamento já feito, descobrimos que ele não apresentava a realidade, embora já tivéssemos quantificado e descrito toda a cidade. Percebemos que a cidade não se dava a conhecer no seu todo, na multiforme atmosfera da contradição.

Buscamos, então, a solidez de um método LEVEBVRE (1991) nos apontava uma base teórica e política ao afirmar, parodiando MARX:

Não é a consciência que determina a vida (social), mas a vida que determina a consciência. A libertação 'é um fato histórico e não um fato intelectual'. Impossível libertar os homens enquanto eles não forem capazes de adquirir o que lhes é necessário para viver: alimentação, bebida, habitação, vestuário em qualidade e quantidade perfeitas.

Decidimos escolher uma rua em cada um dos bairros já selecionados e um quarteirão em cada rua escolhida. Iniciamos a tarefa de conhecer esses quarteirões externa e internamente. Em cada visita, antes de entrevistar os moradores, ouvir suas histórias, ouvir o relato de suas alegrias, angústias, desejos e frustrações, passamos a observar todos os componentes que interferiam na vida daquele quarteirão, na sua saúde, seu bem-estar, na construção da sua cidadania. As interrogações que permeavam toda observação eram: Como um cidadão é social e historicamente construído? Como se dá essa construção? Como ocorre a formação do cidadão e a construção da sua cidadania? Descobrir isso seria poder intervir neste processo de construção, seria descobrir a cidade em suas particularidades, em suas contradições, seria desvendar os números das estatísticas e entender um processo mudo, calado, que habita a cidade no silêncio de seus quarteirões.

Olhamos para o quarteirão nos seus detalhes. Quantas árvores estavam plantadas? Quem as plantou? Como era a coleta de lixo domiciliar? E a varredura das ruas? Como estavam os terrenos vazios? Havia mato, lixo espalhado? Eram murados e calçados? Como era a rede de esgoto? E o destino do mesmo? E a rede de água? De onde vinha? Quantos bueiros havia no quarteirão? Estavam entupidos? Como as pessoas varriam as ruas? Onde colocavam o lixo? Como eram

as construções das casas? Quantos e como são os estabelecimentos comerciais? Qual a distância até o Posto de Saúde? a Escola? a Praça?

Cada detalhe foi anotado e descrito antes de conversarmos com as pessoas. Entrevistamos os moradores e fomos descobrindo quantos desempregados havia no quarteirão, quais os empregos que geravam o sustento daquelas famílias, o número de analfabetos e os alfabetizados até que série estudaram, as doenças e os doentes, as atividades de lazer, a origem das pessoas, o número de habitantes por moradia, se a casa era própria, se havia carro, quantos e quais eletrodomésticos... As descrições iam desvendando as histórias e passamos a perguntar como era a vida, quais as dificuldades, qual o maior sonho, o que era ser feliz, ter saúde, há quanto tempo moravam no bairro, o que achavam do bairro e da cidade. Perguntamos em quem eles votaram na última eleição para prefeito, quais programas ouviam no rádio e viam na TV, o que faziam nos finais de semana, qual a renda familiar... Após essas perguntas, passamos a ouvir a história de vida de cada cidadão, o que tornou difícil nos comportarmos como pesquisadores isentos e distintos da realidade. Cada história ouvida, mais do que um relato, se apresentou como uma peça escondida pela cortina do palco deste espetáculo. E, ao abrirmos essas cortinas, nos deparamos com a fragilidade dos espaços urbanos, as desigualdades estruturais, a ingenuidade e a simplicidade dos cidadãos de segunda classe, pobres, expropriados, doentes, solitários, carentes, esperançosos, crédulos, à espera de um amanhã que tarda a chegar.

Nas casas simples dos bairros populares, fomos recebidos com naturalidade, como se fosse normal invadir as vidas e desvendar os segredos daqueles habitantes. Os sofrimentos vinham à tona, em um elo de simplicidade, preguiça, desesperança e emprestava ternura para a violência desvendada. Os bêbados, os drogados, as prostitutas e as crianças sujas se misturavam com os idosos, as mães e os bebês, como se fossem blocos distintos da mesma escola de samba, cada ala possui uma ordem desarmônica, cada bloco tem sua identidade, é um nicho, e são contraditoriamente sem identidade. A situação acima mostra que há um movimento na cidade que camufla as relações pessoais, mas há uma relação invisível naquilo

que vemos. Por isso desconfiamos com BRECHT: “... *não ache nada natural, a fim de que nada passe por ser imutável...*”

Os quarteirões foram surgindo, aparecendo e desaparecendo, abrindo e fechando-se como um leque mágico. Nos bairros sofisticados, tivemos dificuldades, pois o medo impedia as pessoas de nos receberem. Apesar dos problemas, tentamos entender esse outro universo dos que possuem em excesso muitos bens materiais, casas enormes, com inúmeros eletrodomésticos, carros, empregados... Mas nos assustamos com o medo que passou a dominar esses cidadãos. Havia uma angústia nos relatos, um tédio depressivo na solidão das mulheres, que, bem vestidas, diziam sonhar com dias mais alegres, relatavam não sentir bem-estar, pois a solidão, o vazio e o isolamento contribuíam para que elas se tornassem pessoas infelizes. Não queriam escola, hospital, asfalto ou qualquer outro bem, pois poderiam comprar. Não se sentiam cidadãos, não se encontravam como participantes da cidade.

Voltamos a nos questionar: Como se constrói um cidadão? O seu bem-estar? a cidadania?

Quando coletamos os dados das entrevistas, relacionamos com a bibliografia e as informações colhidas nos órgãos públicos e privados, associação comercial e industrial, associações de bairro, igrejas, ministério público e nos deparamos com os vários conflitos da cidade.

Ao concluir a pesquisa de campo com os moradores dos bairros, surgiu por parte destes cidadãos interesse e desejo em melhorar aquele microsistema, o quarteirão. Alguns cidadãos se dispuseram a plantar árvores, outros reconheceram que, ao jogarem lixo nos terrenos vazios, estavam provocando o aparecimento de microrganismos e insetos. O lixo esparramado pelas calçadas passou a ser notado pelos moradores.

Esta primeira aproximação com o espaço urbano despertou-nos para as possibilidades de construirmos uma metodologia com estudantes do ensino fundamental. Foi neste momento que a reflexão acerca do projeto assumiu um outro caminho. Qual seria o impacto de mudanças de comportamento, se iniciássemos o

trabalho com as crianças e pudéssemos desencadear ações pedagógicas no espaço urbano? Como poderíamos formar o aluno-cidadão, comprometido com a cidade? Como construir a escola-cidadã, inserida no contexto da cidade, de modo a transpor a fragmentação das disciplinas?

Optamos pela via da transdisciplinaridade, que ultrapassa o limite de conhecimentos estanques, para propor a construção do conhecimento integrado. O objetivo prioritário permaneceu. Formar o cidadão. O cidadão crítico, criativo, engajado na luta pela melhoria do planeta.

A pesquisa até então realizada nos bairros, passou a ser organizada para a escola, para ser desenvolvida ao longo de um ano letivo, como um projeto transdisciplinar, pois iria além das disciplinas, transpondo seus conteúdos e possibilitando intervenções. Que os alunos-cidadãos, ao se descobrirem nos seus microespaços dos quarteirões, pudessem intervir no macroespaço da cidade. Que ao compreenderem seus espaços próximos, pudessem reconstruí-los e reinventá-los de forma participativa e criativa.

Neste momento, iniciamos o projeto na escola de ensino fundamental; pautada na história da cidade, no cotidiano, na realidade dos quarteirões, nas histórias de vida dos cidadãos e nas informações gerais da cidade.

Escolhemos o materialismo histórico como matriz epistemológica de nossa investigação. Trata-se de um método, que privilegia a consideração das condições objetivas e materiais, de modo a compreender como estas bases interferem e definem as derivações representativas e ideológicas.

Outra vez LEVEBVRE (1991) nos acena para a solidez e potencialidade da metodologia crítica e materialista, centrada em categorias que possam dar conta da arbitrária realidade social e política da cultura e do trabalho, da história cultural e das transformações na base material das sociedades, ao afirmar:

Marx e Engels concebem um processo de duplo aspecto: história e práxis. A história resume a produção do ser humano por ele mesmo. O termo 'produção' é tomado numa concepção muito mais ampla que a encontrada nos economistas; ele recolhe o sentido da filosofia inteira: produção de coisas (produtos) e de obras, de idéias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e de verdades. A história, portanto, vai do passado distante (original) ao

presente, e o historiador retomando em sentido contrário este caminho para compreender como este passado pode engendrar o presente. Por outro lado, a práxis, fundada nesse movimento, apoiada no presente e construindo-o, prepara o futuro, visando o possível, isto é, no limite a transformação total do mundo real por uma revolução total. A prática social (práxis) se analisa: produção no sentido estrito e produtividade social, prática política, prática revolucionária. A dupla determinação do processo, a saber, historicidade e práxis, somente o pensamento materialista e dialético a apreende.

O trabalho desenvolvido, objetivava conhecer a história local dos alunos e com isto apresentar uma prática social que pudesse interferir na realidade.

Ao apresentarmos a proposta de compreender a cidade pela trama dos bairros, mantivemos esta perspectiva metodológica: conhecer a complexidade, a diferença e os conflitos reais e simbólicos, que perpassam as identidades múltiplas da cidade. Trabalhamos com a 4ª série do ensino fundamental da Cooperativa de Ensino de Ribeirão Preto, este foi o nosso universo material de pesquisa e investigação. A Cooperativa de Ensino de Ribeirão Preto foi organizada por um grupo de pais de alunos, com o objetivo de promover ensino de qualidade, com um preço justo. As despesas mensais são rateadas entre os pais cooperados. A administração é composta por uma diretoria eleita pelos pais e supervisionada por um conselho também de pais.

A Direção Pedagógica é composta por um diretor e um coordenador pedagógico, contratados pela direção administrativa. Toda a pesquisa que empreendemos para reconstruir a identidade da cidade era necessária como substrato, para que os alunos pudessem empreender o idiossincrático processo de sentir a cidade, o espaço urbano, o bairro, as contradições, como forma mesma de sua própria constituição como pessoa, cidadão e sujeito histórico. Como um caminho para promover as qualidades inerentes à condição humana. FREIRE (1986) afirma:

O que importa para a educação é a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitam chegar à cultura sistematizada. E por esse motivo (...) já estaria justificada a importância da reflexão.

Neste processo, a organização de um projeto pedagógico de escola que pudesse contemplar diretrizes filosóficas igualitárias, seria compreendida como novas oportunidades históricas de humanização da sociedade. LIBÂNEO(1995) nos lembra a relação intrínseca da educação escolar com a prática social e os mais elevados ideais de humanização:

...O educacional é entendido como uma extensão do social, ou seja, trata-se de desenvolver atitudes de cooperação e solidariedade a fim de inserir-se de maneira positiva no seu meio social já constituído...

Na primeira aula da quarta série do ensino fundamental, levamos uma planta da cidade e solicitamos que cada aluno descobrisse nesta planta o seu bairro, sua rua, seu quarteirão, e marcasse com um papel, seu nome, fixado exatamente no local de sua casa. Esta busca de uma representação de sua identidade, que é única para cada criança, fê-las participantes do processo que estávamos iniciando. Eu e a professora da quarta série do ensino fundamental, contratada pela diretoria pedagógica da cooperativa, com formação de pedagoga e vinte anos de experiência de educadora, apresentava um perfil diferenciado, pois preparava suas aulas com múltiplos materiais, focava seu trabalho na aprendizagem dos alunos e manifestava uma enorme preocupação com a motivação em suas aulas. Iniciamos o trabalho pesquisando a história de cada bairro identificado, e descrevemos as informações de todos eles, como eram formados, as peculiaridades e estatísticas sobre os mesmos.

A professora desde o principio demonstrou abertura para a construção de novos projetos e uma busca de um método de ensino que proporcionasse uma aproximação dos seus alunos com a cidade. Pedimos que as crianças iniciassem um livro sobre o seu quarteirão. Na primeira página, tínhamos a planta da cidade com a localização do bairro, rua e quarteirão de cada aluno. Eles tiveram como tarefa de casa pesquisar o quarteirão, com um roteiro previamente preparado com os itens solicitados pela professora. Listamos todos aqueles itens pesquisados quando visitamos os bairros.

Pedimos que eles observassem, descrevessem e desenhasssem nas páginas que se seguiam. Sugerimos que se utilizassem folhas para retratar as árvores, terra, areia, papéis picados, palitos, da forma que achassem melhor para realizar a sua tarefa de representar a espacialidade subjetivamente apreendida.

Na aula seguinte, todas as crianças trouxeram a tarefa de casa. Os alunos orgulhosos queriam contar suas pesquisas, a professora ficou surpresa, pois segundo sua observação até os alunos tímidos queriam contar como era o seu quarteirão.

Ouvimos os relatos e fomos completando as informações recolhidas, com conhecimentos que esclareciam os dados obtidos. Assim, por exemplo, quando eles contaram que a água vinha dos poços profundos, informamos que em Ribeirão Preto existem 178 desses poços para abastecer a cidade toda e que em outras cidades isto é diferente, despertando o interesse para que eles observassem as particularidades da cidade. Assim prosseguimos com o esgoto, lixo, doenças, arborização e demais itens pesquisados.

Os alunos iam ampliando o livro-tarefa e manifestavam desejo de pesquisar mais seu quarteirão, ao mesmo tempo que queriam saber mais sobre a cidade.

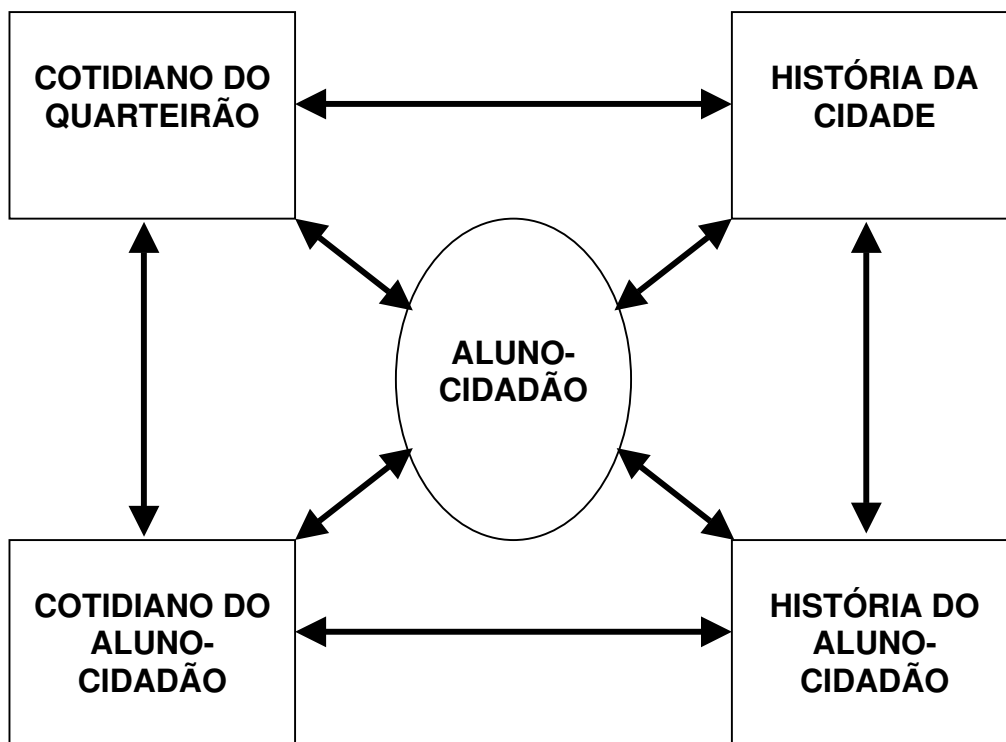
Passamos uma nova atividade para ser realizada em cada casa. Desta vez, pedimos que eles entrevistassem as pessoas da família e os vizinhos, fornecemos o mesmo roteiro utilizado na pesquisa dos bairros, solicitando que continuassem anotando no livro-registro e ilustrassem as páginas.

Novamente retornaram com a tarefa concluída e cheios de novidades. Os avós enriqueceram o trabalho com suas histórias. Utilizamos uma dinâmica de grupo para que todos pudessem falar e relatar suas entrevistas.

O processo foi seguindo sempre fundamentado no esquema a seguir:

Quando concluímos, cada aluno construiu em casa, com sucata, a maquete do seu quarteirão, pois já tínhamos o livro-base de cada um, elaborado originalmente.

A simplicidade dos materiais, o entusiasmo dos alunos, e a exatidão do trabalho, revelaram o rigor de pesquisadores daqueles pequenos cidadãos. A partir da produção do livro e da maquete, iniciamos a confecção de folhetos, cartilhas e histórias em quadrinhos com os temas mais relevantes, escolhidos pelos alunos:



- Cuidados com o lixo
- Higiene pessoal
- Dengue
- Varredura de ruas
- Catapora
- Piolho

- Arborização
- Água
- Esgoto

Após os folhetos e cartilhas ficarem prontos, fizemos uma cópia para os moradores de cada quarteirão dos alunos. As cópias foram patrocinadas pelos estabelecimentos comerciais dos respectivos quarteirões e os alunos entregaram nas casas, iniciando as campanhas para resolução dos problemas de seus quarteirões. Expuseram as maquetes para os vizinhos. Os moradores do quarteirão ficaram surpresos e foram convidados a participar mais da vida da sua rua, a plantarem árvores, pararem de jogar lixo nos terrenos, limparem os quintais para prevenir contra a dengue. A partir desse trabalho, foi-me possível escrever um pequeno livro infantil para relatar essa experiência.

Este trabalho não se concluiu, ele é um processo em construção, que tenta responder à questão inicial: Como se constrói a cidadania? Como se forma o cidadão? O cidadão comprometido com o seu espaço urbano pode tornar-se mais participativo? A participação é o caminho para construção de espaços urbanos mais agradáveis e, portanto, mais próximos dos cidadãos?

Por ser um processo histórico, a construção da cidadania irá se manifestando na construção do cidadão, em todo dinamismo de suas contradições. Não se trata de uma dialética entre a pequena e a grande dimensão do espaço, ou ainda a potencialidade abstrata da identidade, mas a própria percepção da diferença na homogeneidade criada artificialmente pela realidade urbana.

LEVEBVRE (1991) é enfático ao afirmar:

A grande cidade industrial, para Engels, é efetivamente uma fonte de imoralidade e uma escola do crime, mas os moralistas que lançam o anátema desviam a atenção das verdadeiras causas desta situação. 'Se eles dissessem que a miséria, a insegurança, a mentira e o trabalho obrigatório são as causas essenciais, cada um deveria responder – e eles mesmos serão forçados a responder: Pois bem! Vamos dar propriedade aos pobres, asseguremo-lhes a existência.' É muito mais fácil incriminar a cidade, ou a imoralidade geral, ou as forças do mal, que atacar o problema em seu verdadeiro plano: a política.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa politicamente situada, que metodologicamente pode ser dividida em duas etapas ou partes estruturantes. A primeira parte consiste na criteriosa investigação que empreendemos, de maneira histórica documental, com recortes demográficos e dados sócioeconômicos, da cidade de Ribeirão Preto, a partir também da busca de representações e vivências de seus moradores dos bairros. A segunda parte da pesquisa registra a dinâmica feita pelos alunos da escola Cooperativa em seus quarteirões. Podemos resumir as duas fases:

Na cidade, com moradores dos bairros:

1. Levantamento histórico documental
2. Informações sobre o cotidiano
3. Seleção dos bairros como amostra da cidade
4. Pesquisa nos sete bairros, com a seleção aleatória dos quarteirões de cada rua pesquisada
5. Relações dos cidadãos com a cidade

Na escola, nos quarteirões de moradia dos alunos:

1. Trabalho realizado com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental
2. Levantamento do histórico da cidade
3. Localização na planta da cidade do quarteirão de cada aluno participante
4. Pesquisa do cotidiano da cidade no final do século XX
5. Pesquisa de campo, realizada pelos alunos no quarteirão, desvendando a realidade do espaço urbano e a de seus habitantes. Os alunos foram para esta etapa com roteiro predeterminado e um item aberto para observações pessoais.
6. Construção de trabalhos pedagógicos (maquetes, cartazes, redações, livros, poesias, desenhos) abordando a história, o cotidiano e a pesquisa realizada.
7. Mobilização para ações educativas no quarteirão (limpeza de terrenos, plantio de árvores, varrição de guias, limpeza de bueiros, lixo coletado em sacos plásticos).
8. Exposição dos trabalhos pedagógicos na escola e no quarteirão

9. Cada aluno escreveu o seu livro da história do seu bairro

O problema central desta tese tem seu foco na formação do cidadão e na construção da cidadania, através do cotidiano e da história da cidade. A formação do cidadão e a construção da cidadania, como referenciais para construção de um projeto político-pedagógico para escola de ensino fundamental e médio. Esta metodologia de aproximação do cidadão com a cidade poderá ser utilizada em projetos de educação não-formal, tais como os desenvolvidos em associações comunitárias, igrejas, ONGs, sindicatos e outros.

Podemos resumir as etapas a serem desenvolvidas, segundo a descrição abaixo:

1. Pesquisa da história da cidade, bairros, seus aspectos sócioeconômicos, político e cultural. Resgate da história dos bairros através da memória dos idosos, da pesquisa em arquivos históricos e órgãos administrativos da cidade.

2. Pesquisa do cotidiano da cidade, no que se refere ao bem-estar do cidadão. A organização do espaço do bairro, as condições sanitárias e de meio ambiente (áreas verdes, lixo, água, esgoto).

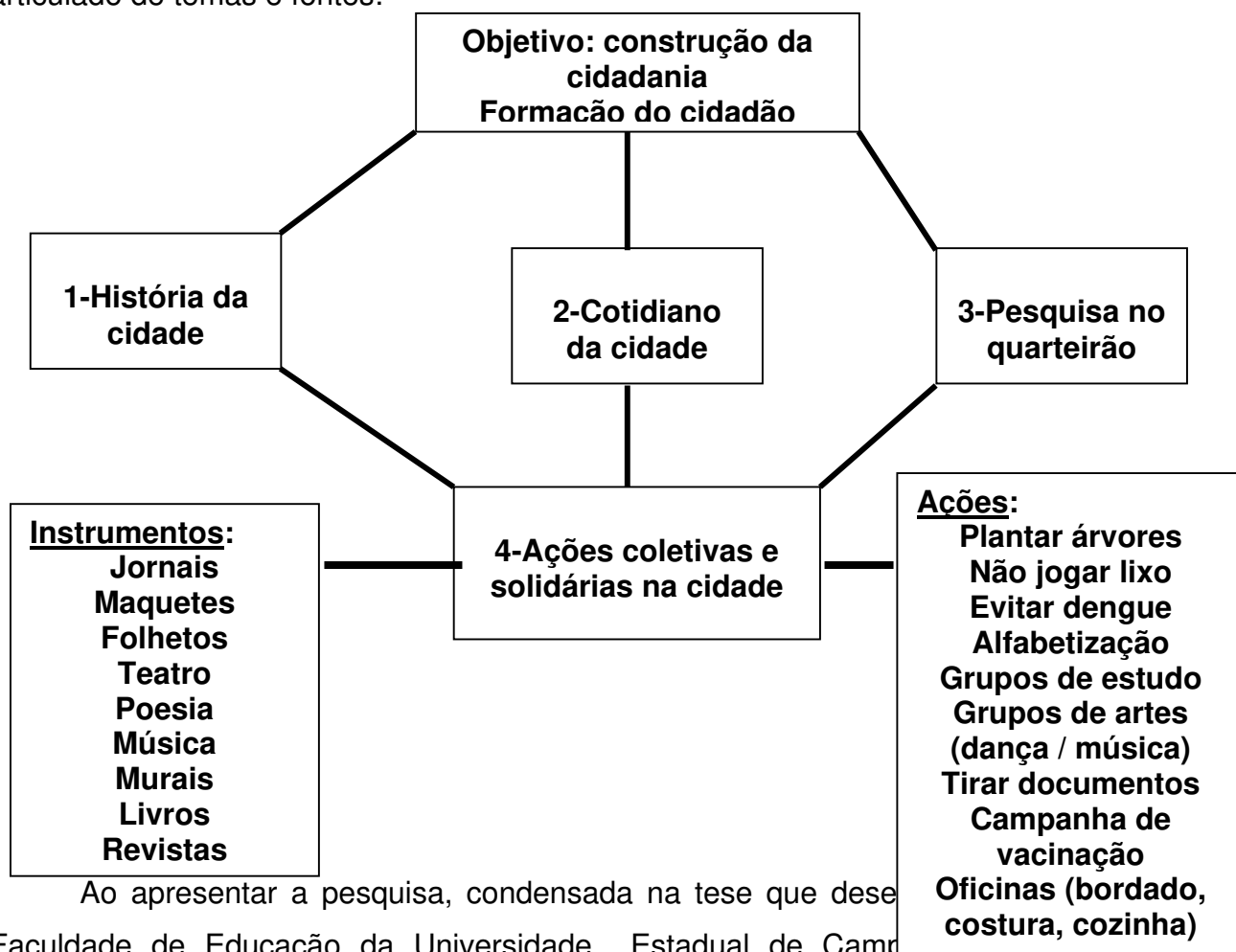
A estrutura de vida dos cidadãos (lazer, cultura, emprego, escolaridade, expressões solidárias), a composição estrutural dos bairros (praças, postos de saúde e policial, escolas, equipamentos culturais e esportivos, clubes, áreas verdes, templos).

3 . Pesquisa no bairro para levantamento da realidade do cidadão envolvido, provocando a observação individual de todos os itens pesquisados no cotidiano da cidade. O cidadão faz o registro do seu local de moradia e proximidades tendo como parâmetro o histórico e o cotidiano da cidade.

4 . Ações no bairro. Após realizar a pesquisa da história e do cotidiano da cidade, da sua realidade próxima, o cidadão é convidado a promover ações que possam mudar comportamentos no seu bairro, tais como promover a limpeza de terrenos baldios, campanhas para não se jogar lixo nas ruas e nos espaços vazios, arborização do espaço, incentivo ao uso racional da água, montagem de cursos de

alfabetização de adultos e outras ações coletivas e solidárias. As ações coletivas foram promovidas, considerando que não são apenas de responsabilidade dos indivíduos, mas sim parte da macroestrutura das cidades. Com esta concepção, pautada no despertar das organizações populares, capazes de pressionarem reivindicarem e sobre tudo exigirem do poder público resultados para todo espaço urbano envolvido. Os grupos formados nos bairros, atuaram para que surgisse uma outra estética. O limite das atuações, foi sempre discutido e, em nenhum momento ocorreu a ilusão de que indivíduos isoladamente pudessem substituir o poder público.

Poderíamos utilizar o esquema abaixo, para visualização de nosso universo articulado de temas e fontes:



Ao apresentar a pesquisa, condensada na tese que dese
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Camp
descrever os passos e perspectivas que logramos registrar, depois de exaustivo

embate com as fontes documentais e bibliográficas, com os universos recortados da cartografia urbana, os depoimentos colhidos e interpretados, de modo a articular, na Escola Fundamental, os eixos da possível cidadania a ser proposta e apreendida pelos alunos.

O **primeiro capítulo** registra a trajetória investigativa da primeira parte de nossa pesquisa, a apreensão histórica e sóciopolítica da cidade de Ribeirão Preto-SP, através de suas fontes formais e depoimentos de seus cidadãos. Nesta etapa, reunimos um conjunto de dados e elementos fundamentais para assumir a visão de totalidade da cidade e a dinâmica de suas contradições.

No **segundo capítulo**, analisamos o perfil do cidadão ribeirãopretano, a partir dos indicadores de seus moradores, suas percepções e dinâmicas. No **terceiro capítulo**, destacamos a experiência da pesquisa empreendida junto aos bairros, aos recortes habitacionais, ao universo das ruas e casas, produzindo uma tipologia temática sobre as principais referências cotidianas da vida urbana; lazer, percepção política, condições de vida, lixo, dinâmica do bairro, imagem e cultura de cada recorte urbano, entre outras.

No **quarto capítulo**, apresentamos a perspectiva educacional-escolar de atuação dos alunos na organização de seus referenciais sobre a cidade. Trata-se aqui da parte central da presente pesquisa, de modo a inferir a possibilidade de novas metodologias de ensino e formação educacional nesta etapa de escolarização. Nesta parte, produzimos uma identidade com o bairro, relatando as conquistas e registros dos alunos, o modo com que interagiram com a cidade e suas conseqüentes apropriações políticas, educacionais e pedagógicas. Ainda nesta etapa do presente trabalho, explicitamos alguns elementos resultantes de nossa investigação para uma proposta de construção da cidadania e da formação dos alunos a partir da reconstrução da representação vivencial e pedagógica da cidade.

As **Considerações Finais** que empreendemos são os registros de nossas esperanças, convicções e perspectivas. Trata-se de uma ordenação derivada do método.

Esperamos que este trabalho contribua para a tarefa proeminente da escola e da educação brasileira na direção de tornar cada cidadão sujeito histórico de suas escolhas e articulador de seus condicionamentos espaciais e políticos.

O cidadão a partir de sua aproximação com o espaço urbano, passa a não só atuar e participar com entusiasmo, mas descobre a importância da sua ação política, da sua responsabilidade como sujeito construtor de espaços urbanos mais saudáveis. Este cidadão participante, amplia seu limite de pressão e cobrança do poder público, reivindicando ações coletivas e obras que possam melhorar a qualidade de vida.

CAPÍTULO I

A CIDADE EM SEUS REGISTROS E MARCAS ESTRUTURAIS: história, cultura, política e demografia.

A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades não são suficientes para explicar aquilo que nasce delas, nelas, através delas.

Henri Lefebvre

*A cidade tem uma dimensão simbólica; os monumentos, como também os vazios, praças e avenidas, simbolizam os cosmos, o mundo, a sociedade ou simplesmente o Estado. Ela tem uma dimensão paradigmática, implica em e mostra oposições, a parte interna e a parte externa, o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não-integrado. Finalmente ela possui também a dimensão sintagmática: ligação dos elementos, articulação das isotopias e das heteropias. Em seu nível específico, a cidade se apresenta como um subsistema privilegiado porque é capaz de refletir, de expor os outros subsistemas e de oferecer como um 'mundo', como uma totalidade única, na ilusão do imediato e do vivido. **Henri Lefebvre***

O presente capítulo pretende apresentar uma identidade histórica e o conjunto dos principais dados sóciopolíticos e econômicos da cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, lugar e universo de nossa pesquisa, atuação, interpretação e reflexão epistemológica e política.

Os estudos das cidades são uma realidade muito recente nas Ciências Humanas e Sociais. Trata-se de um novo eixo temático com múltiplas possibilidades políticas e metodológicas. Como realidade social fundamental da Modernidade as pesquisas sobre a cidade inferem amplos cuidados para não cair em reducionismos impressionistas. Como homens essencialmente urbanos temos dificuldades de uma descrição supostamente objetiva de nossa experiência. Assim, assumimos algumas expressões coadjuvantes, nas quais a objetividade busca, na metáfora, na ressignificação do depoimento, na riqueza da vivência, a plenificação do conceito. A cidade espera que seus cidadãos tenham responsabilidade ao administrar as relações com a parte da cidade onde estão inseridos.

Nesta direção, o pensamento de LEVEBVRE (1999) nos baliza e fundamenta nossas pretensões metodológicas e políticas:

Como a terra, como a nação, em face delas, a cidade se torna, no curso da história, o cadinho onde se elaboram as

relações de produção, onde se manifestam os conflitos entre as relações de produção e as forças produtivas.

A cidade, desde o final do século XX, e no início do século XXI, tem uma fala silenciosa, violenta, pacata, agressiva, áspera, rouca, baixa, inexpressiva ou viva. Uma fala embriagada de controvérsias. Sussurrada nos pontos de ônibus, amargurada nos leitos dos hospitais, frenética no som das discotecas, nas bocas dos botecos, na reza repetitiva e mansa das senhoras das igrejas, no canto explosivo dos trio-elétricos, na lição de cada escola, no clamor do operário que levanta cada tijolo com sua fala sem palavras, sem som, apenas com a cor do cimento. Existe a fala das fábricas embutida nos motores das máquinas, controlada pelo chefe, engolida pelo peão, murmurada pelo senhor cansado e pelo jovem esperançoso.

A fala das casas, das panelas e torneiras, do som do rádio de pilha, do ferro de passar roupas; da vassoura repetitiva, do lixo carregado. O lixo que fede, fere e denuncia. O lixo explicativo, que abre as casas para a rua, expondo o que foi comido, lido, jogado fora. O lixo podre, coloquial, poderoso e irritante. A fala do amor e o registro do ódio.

A linguagem da cidade ultrapassa a fronteira, é síntese de todas as linguagens. A linguagem desarticulada, desencadeada, desodorizada. A cidade é um espetáculo grandioso. Suas atrações formam o cenário de um tempo. Ela é espaço, mas expressa o tempo, é próxima, real e marcada. A linguagem da cidade, da metrópole, da vila, da capital e da cidade-satélite. A cidade é poliglota, fala todas as línguas, mas não dialoga com seus cidadãos, impõe no seu monólogo: normas, leis, regras, decisões, ilusões, não espera que cada cidadão aprenda. Cobra a lição, sufoca, tem pressa, não consola!

Todavia, a despeito desta rede intrincada de sentidos, onde o pertencimento no todo camufla a realidade da disposição social e política do espaço e dos bens materiais, é LEVEBVRE (1991) quem nos orienta:

O que é então a cidade? Como a terra na qual ela se apóia, a cidade é um espaço, um intermediário, uma mediação, um meio, o mais vasto dos meios, o mais importante. A

transformação da natureza e da terra implica um outro lugar, um outro ambiente: a cidade. Mesmo que não haja 'modo de produção urbano', como não há 'modo de produção agrário', a cidade, ou mais exatamente sua relação com o campo, veicula as mudanças da produção, fornecendo ao mesmo tempo o receptáculo e a condição, o lugar e o meio. Na e pela cidade, a natureza cede o lugar a uma segunda natureza. A cidade atravessa assim os modos de produção, processo que começa desde que a comuna urbana substitui a comunidade ligada intimamente à terra. Assim, a cidade se torna, em lugar da terra, o grande laboratório das forças sociais.

Há uma linguagem nos espaços vazios, onde as crianças sujas e sozinhas, correm, soltam pipa, andam de patins, nadam nas fontes. As praças abrigam idosos jogando baralho, dominó, jogando conversa fora e também camufla jovens desempregados, embriagados, drogados, explosão desorganizada de conflitos não solucionados.

O teatro, o museu, o *shopping*, a quadra, o asilo, a creche, o hospital para primeiros socorros, a escola, a catedral, o bar, a loja, a pastelaria, a costureira, o prédio, o cortiço, a favela, a mansão. A cidade perdeu seu vínculo com o cidadão. Os condomínios fechados e os *shopping-centers* reproduzem os centros das cidades, criando artificialmente espaços mais seguros, fazendo prisioneiros os cidadãos, que, tratados como consumidores, encontram-se distanciados da relação com o espaço.

Prossegue o filósofo, dedicado ao tema da desumanização da cidade, LEFEBVRE (1969):

Os violentos contrastes entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre poderosos e oprimidos não impedem nem o apego à cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra. Realidade complexa, isto é, contraditória.

As cidades guardam uma identidade que as tornam únicas, embora com semelhanças e espaços parecidos, são permeadas por construções que lhes garantem a diferença. O passeio pelas cidades, estampa suas formas, expõe seus contrastes e, sobretudo, imprime a marca única de cada uma. Ribeirão Preto, Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Londres, Paris, Roma, New York, Buenos Aires, Sertãozinho, Bonfim Paulista, para citar algumas. Cidades planejadas, ou acidentalmente formadas por aglomerados, guardam uma relação de unicidade, há um elo desses espaços urbanos, com cada cidadão. Podemos citar um panorama dos conflitos na cidade.

No início do século XXI, os cidadãos ainda estão privados dos seus direitos fundamentais, a heterogeneidade estrutural da saúde nos obriga a conviver com quadros dramáticos. A mortalidade infantil (indicador, para cada mil crianças nascidas vivas em determinado ano e população; mostra a proporção das crianças que morrem antes de completar o 1º ano de vida) é uma ameaça ao nosso desejo de sermos cidadãos.

O Brasil é um país com grande concentração de renda, do que decorre um menor acesso a bens e serviços básicos, à manutenção da saúde de crianças e adultos. Convivemos com as doenças cardiovasculares, assim como os diferentes tipos de câncer, com as doenças respiratórias e as infecto-contagiosas, com a dor e a esperança de podermos inaugurar dias mais felizes.

Sabemos que o processo de urbanização brasileiro ocorreu no século XX. Em 1890, a população era de 14 milhões de pessoas, grande maioria morava na zona rural. Em 1991, chegamos a 146,9 milhões de habitantes, dos quais 75,5% na zona urbana. Em 2002, já somos 110 milhões de habitantes na cidade e 60 milhões no campo . A grande migração da zona rural provocou o inchaço das cidades, os indivíduos que antes viviam nos sítios e fazendas, foram expulsos do campo, passaram a sofrer toda a falta de infra-estrutura básica, tais como hospitais e postos de saúde.

A habitação ficou cada vez mais distante dos locais de trabalho. LEFEBVRE (1969), ao analisar a disposição dos espaços urbanos pela consideração das classes sociais, na sociedade capitalista, assim aponta esta contradição:

Os bairros operários, por um acordo inconsciente e tácito, tanto quanto por intuição consciente e confessa – estão separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média.

O final do século XX marcou o reaparecimento de várias doenças que apresentavam-se erradicadas. A dengue e a cólera ressurgem, expondo a precariedade sanitária das cidades. O lixo acumulado, nas ruas e habitações, propicia os criadouros de mosquitos. Mosquitos e pessoas convivem na cidade, expressando a fala de cada cidadão. Ao resgatar a matriz histórica desta disposição espacial de classes, que configura a cidade, o mesmo autor afirma:

Antes da época industrial, a sociedade dissimulava suas partes vergonhosas, suas fraquezas e seus vícios: a loucura, a prostituição, as doenças; ela os segregava em lugares malditos. A sociedade burguesa dissimula, ao contrário, aquilo que ela vive, sua parte ativa e produtiva. Essa disposição hipócrita é mais ou menos comum a todas as grandes cidades

LEFEBVRE: (1969)

Há uma linguagem que expressa o diálogo do cidadão com a cidade. Esta fala carrega a história de vida de cada um e busca a relação entre a cidade e seus habitantes. Na relação direta e diária, desorganizada e espontânea, o cidadão faz o seu monólogo, na expectativa de realizar seus sonhos e ser feliz.

O neoliberalismo explica o mercado e suas regras, dita normas que exigem cidadãos rápidos, competentes, com grande liderança, capacidade de tomar decisões, quando a maior vontade dessa gente tão humilde seria saciar a fome. Não pode explicar o drama de tanta injustiça, nem pode ditar regras para tuberculose, dengue, cólera, meningite e gripes, que reaparecem fortes no cenário nacional, e invadem as cidades, atingindo impiedosamente os seus cidadãos.

GADOTTI (2001) questiona esta gritante diferença social e desumanizadora realidade:

Trata-se do risco de queda nas armadilhas da ideologia neoliberal, que, com sua hegemonia, ora desmoraliza e desqualifica as concepções e proposições diferentes, ora suga, como verdadeiro buraco negro, as contribuições dos antagonistas, dando-lhes outro sentido e provocando nestes a renúncia às próprias bandeiras.

A busca de uma cidade saudável, com base nas práticas de uma sociedade sustentável, vai nos aproximando em direção a uma consciência planetária. E aponta, no turbilhão da denúncia, um anúncio promissor:

Nesse início de terceiro milênio, a descoberta mais fascinante talvez seja a de que estamos começando uma nova jornada de descoberta da Terra como planeta, como ser vivo e em evolução. Gadotti, 2001

Tomamos Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, Brasil, como referência para este trabalho, mas poderíamos ter escolhido qualquer outra cidade.

NERUDA * nos brinda com uma lição de método:

Pablo Neruda, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 13 de dezembro de 1971, invocou o poeta Rimbaud: "Ao amanhecer armados de uma ardente paciência, entraremos nas esplêndidas cidades". Assim disse Neruda. "Venho de uma província obscura, de um país isolado dos outros, por sua geografia. Mas sempre tive confiança no homem. Nunca perdi a esperança. Por isso cheguei aqui com minha poesia e minha bandeira." E concluiu: "Devo dizer a todos os homens de boa vontade, aos trabalhadores, aos poetas, que todo o porvir foi expressado nesta frase de Rimbaud: "Só com uma ardente paciência conquistaremos a esplêndida cidade, que dará luz, justiça e dignidade a todos. Assim, a poesia não terá cantado em vão".

Na radiografia de Ribeirão Preto, a partir da página 33 desvendaremos uma cidade nos seus aspectos históricos, econômicos e sociais. Ribeirão Preto foi a

cidade escolhida como referência deste trabalho. Em cada detalhe da história e do cotidiano desta cidade, surgem as possibilidades de intervenção, de construção da cidadania, de reconstrução do espaço urbano para torná-la uma cidade sustentável.

TÂNIA FISCHER (1997) define as categorias e etapas de possibilidades de uma intervenção de natureza emancipatória ou transformadora da realidade da cidade, associado a um projeto de futuro, socialmente aberto e politicamente definido:

Em primeiro lugar, a definição de um projeto de futuro só será eficaz se mobilizar, desde já, os atores urbanos públicos e privados e concretizar-se em atuações e medidas que possam começar a ser implementadas de imediato. Só assim poder-se-á verificar a viabilidade do plano, gerar-se-á confiança entre os agentes que o promovem e chegar-se-á a um consenso cidadão que resulte em cultura cívica e patriotismo de cidade. Esta será a principal força de um plano estratégico.(...) Em segundo lugar, um plano estratégico deve construir e/ou modificar a imagem que a cidade tem de si mesma e a que se tem dela no exterior. Na medida em que é uma resposta a uma sensação de crise, que é resultado da vontade de entrar em novos espaços econômicos e culturais globais e que pretende integrar uma população que se sente, muitas vezes, excluída ou pouco considerada, o projeto-cidade é um projeto de comunicação e de mobilização cidadão e de promoção interna e externa da urbe.(...) Finalmente, o plano estratégico questiona o governo local, suas competências e sua organização, seus mecanismos de relação com as outras administrações e com seus cidadãos, sua imagem e sua presença internacional.

A cidade revelada se esconde no quadro oculto, pouco conhecido e camuflado. Quem irá registrar os sonhos de cada cidadão, as frustrações e os desejos de cada habitante, a alegria e a angústia do cotidiano? quem fabrica todas essas estruturas? Fomos a todos órgãos oficiais do município e montamos o quadro do progresso, dos números, dos avanços e retrocessos da cidade no século XX.

Mas foi lá no quarteirão, na conversa longa, com roteiro desorganizado, confuso, quase desesperador, que desvendamos a cidade. A cidade do bairro é parte do todo, abriga toda a estrutura, reproduz, mas nem sempre expressa esse

todo. Cada revelação redesenhou o bairro e invadiu a história da cidade, nos obrigou a não apenas registrar os dados obtidos, mas a desvendar esse universo oculto, a reescrever o bairro a partir do quarteirão, a entender a cidade a partir desses pequenos espaços urbanos.

Após essa incansável caminhada pela vida da cidade, as palavras tornam-se inexpressivas, pequenas, não abraçam a emoção e o sentimentos desse povo e da sua criatividade que não cria. Procuramos registrar, descrever a cidade, repensá-la, reconstruí-la. Reunir nesse espaço próximo, o quarteirão, o geral, o impessoal, a identidade da cidade, este foi nosso objetivo inicial.

Na praça do bairro Vila Tibério, a tarde nostálgica, o cenário daquele quarteirão repleto de idosos era calmo, as histórias de antigamente os faziam vivos, contavam e recontavam casos e mais casos. A tarde corria lentamente naqueles risos de poucos dentes, trajes surrados, fora de moda. O vento agitava as folhas das árvores, anunciando a primavera.

Seu João lembrava da primavera na fazenda onde morou, das galinhas, do milho plantado, do porco, da horta e da moda de viola... As lágrimas molharam o rosto suado pelo calor e revelaram a saudade daqueles dias no campo. Essa é a cidade. A mesma do bairro Alto da Boa Vista, onde as casas são cercadas por altos muros, os portões têm guarda particular e as pessoas não saem às ruas. A maioria das entrevistas foi feita pelo interfone, pois a “patroa” não poderia sair à rua por segurança. As casas ocupam quase todo o quarteirão e reproduzem a cidade em seu espaço interno. Possuem mini-estruturas públicas, grandes jardins, home-theater, piscinas, quadras, sauna, salão de festas, parquinhos, biblioteca, salas de TV, academia de ginástica. São cidadãos que também compõem a cidade. Perguntamo-nos o que é a cidadania para essa gente que não quer o asfalto para que os carros não passem na sua porta, não quer linhas de ônibus, porque poderiam atrair mendigos e desempregados.

Esses cidadãos compõem o quarteirão, fazem parte da cidade, não dialogam com a outra parte da cidade, ocupam cargos, tomam decisões, dirigem estruturas, ficam com a maior fatia do PIB. Não freqüentam as escolas públicas, nem os postos

de saúde, não utilizam os transportes coletivos. Não entendem a luta pelas creches, têm medo do exército de desempregados que invade o espaço urbano, sentem-se incomodados com as crianças de rua que quebram a harmonia das esquinas. Esses cidadãos, às vezes, também querem resolver essas diferenças, também acreditam que precisamos mudar, apenas não se sentem co-participantes do processo de exclusão.

Ribeirão Preto, 550 mil habitantes dispersos pela extensão urbana e rural. Habitam os conjuntos, as favelas, os bairros operários, os condomínios de luxo, guardam uma relação, relação de troca, de uso, relação de festa, a festa que não esconde os contrastes, apenas convive com eles. A cidade tem uma história. No início do século XX, abrigou os barões do café, os cafeicultores que, detendo o poder econômico, determinavam o lazer e a cultura. Patrocinavam os cabarés inflamados pela dança das bailarinas francesas, espalhavam produtos franceses por todo o centro comercial, é neste contexto econômico e social que Ribeirão Preto inaugurou o século XX, com a água sendo retirada de poços de aproximadamente 200 metros de profundidade, e terminou o século com 100% de água encanada, filtrada, clorada e fluoretada, com 960 quilômetros de rede de abastecimento .

“A cidade é a obra de uma história.” – diz LEFEBVRE(1969). Vejamos esta assertiva com relação à nossa cidade. O lixo queimado nos quintais de 1903 era carregado para os lixões no final do século, embora não houvesse coleta seletiva para reciclagem. Caminhões percorrem os bairros recolhendo o que seus habitantes descartam. O esgoto, que no início do século XX percorria o caminho da cloaca máxima, através de canais de bambu, passará pela estação de tratamento no início século XXI. Demoramos um século para construir um sistema capaz de ajudar a preservar a saúde dos habitantes de Ribeirão Preto.

O café garantiu muitas conquistas: em 1892, a instalação da Comarca; em 1897, o primeiro Grupo Escolar; 1907, instalação do Gymnasio do Estado; 1908, criação do Bispado; 1924, instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia; 1928, instalação da PRA-7, primeira emissora de rádio do interior e a sétima do país.

Ribeirão Preto exercia muita força política no período do café (apogeu do café vai de 1876 a 1930). Tal ciclo econômico tem seu início com a chegada do café “Bourbon”, mudas trazidas do Vale do Paraíba. A lavoura se expandiu rapidamente, principalmente com a chegada da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro. Com o “crack” da bolsa de New York em 1929, muita coisa muda em Ribeirão Preto. Muitos fazendeiros venderam suas propriedades por qualquer preço. Os trabalhadores saíram das fazendas e mudaram-se para as cidades.

No início do século XX, Ribeirão Preto possuía 265 estabelecimentos agrícolas, quase todos dedicados ao café, 29 milhões de pés em produção. O quadro que descrevemos quantifica e expõe a cidade quanto às estatísticas e os dados mensuráveis. Os coronéis do café não atravessaram o século, foram substituídos ou destituídos pelos senhores da cana-de-açúcar. A monocultura da cana empobrece o solo dos seus nutrientes e faz a periferia crescer com seus bóias-frias, vindos do sul de Minas ou do Nordeste. Esses homens simples, pequenos, com dentes que denunciam, amontoam-se em cortiços, iludidos no imaginário de obter dias mais felizes, não vivem, apenas suportam. A comida é fria, com o gosto amargo da saudade da terra natal.

A terra não dividida torna-se sonho, meta, luta, medo, tudo e nada. A terra que diariamente se ara, planta ou colhe, fere as mãos, apunhala os corações. Os caminhões transitam pela região carregando a cana ou os homens, tanto faz, não há por que separar o produto do produtor do processo. O valor é de troca e de uso.

A nação assiste hoje atenta ao movimento dos sem-terra, caminheiros vão seguindo rumo a Brasília, rumo à Reforma Agrária, rumo ao sonho de um pedaço de chão. A relação cidade-campo mudou profundamente, segundo as épocas e os modos de produção: ora foi profundamente conflitante, ora mais pacífica e perto de uma associação. Mais ainda, numa mesma época manifestam-se relações bem diferentes.

LEFEBVRE (1987) nos ajuda a identificar a matriz histórica e institucional como determinantes da cidade:

Assim é que, na feudalidade ocidental, o senhor territorial ameaça a cidade remanescente, onde os mercadores

conseguem seu ponto de encontro, seu porto de ancoragem, o lugar de sua estratégia. A cidade replica a essa ação da senhoria da terra e é uma luta de classes que se desenrola, ora lentamente, ora violenta. A cidade se liberta, não sem se integrar ao se tornar senhoria plebéia, mas é o Estado monárquico (do qual era uma condição especial) que ela se integra. Contrariamente, na mesma época, e enquanto se possa falar de uma feudalidade islâmica, o 'senhor' reina sobre uma cidade artesanal e comerciante e daí sobre um campo vizinho freqüentemente reduzido a jardins, a cultura exígua e sem maior extensão. (...) Fato que retira desde o princípio desta estrutura social o dinamismo e o futuro histórico, não sem lhe conferir outros atrativos, os de uma requintada urbanidade. Criativa, produtora de obras e de novas relações, a luta de classes não deixa de se acompanhar por uma certa barbárie que marca o Ocidente (incluindo aqui suas mais 'lindas' cidades.

Descrever a cidade é relacionar, interligar, transcender, misturar, provocar um movimento de diálogo com a cidade, diálogo não linear, diálogo em espiral, início e fim, meio e novo início. A cidade é, e sendo, há uma simultaneidade de conflitos.

Um jovem foi assassinado às 19h30min na periferia da cidade, hora em que se abriu no *Shopping Center* o desfile de modas das maiores *grifes* francesas. Às 19h30min do mesmo dia, um grupo de professores de escolas públicas ocupa a praça central para gritar por melhoria no ensino. Os vereadores, às 19h30min, se reúnem para discutir se continuam portando os telefones celulares da Câmara Municipal para uso pessoal. Ainda são 19h30, o prefeito reúne seu secretariado para decidir se privatiza ou não a companhia de transportes coletivos. Morre, neste momento, dona Maria, mais uma dentre tantas Marias anônimas e habitantes comuns da cidade. Dimensão paradigmática.

Quem são esses habitantes que insistem na busca de ser cidadãos? A cidade não ouve o clamor de seus grupos, ela oferece o espaço, ela é propriedade e produto do homem. Ela é construída, tem uma história. É uma obra.

1. 1 Marcos institucionais e dados sócio-econômicos.

A região de Ribeirão Preto é a sexta praça financeira do Brasil (em número de cheques compensados), com um PIB anual de 17 bilhões de dólares, representando de 6% a 7% do PIB do Estado e 1,5% do PIB nacional. Na cidade, estão instaladas 70 agências bancárias (e mais 33 postos de serviços), de 46 bancos do país e do exterior.

Essa região produz 30% de álcool do país (41% do Estado), 20% de açúcar (40% do Estado), 38% da laranja do Estado, 50% da soja do Estado e 70% de suco de laranja exportado.

A região exporta anualmente 2,8 bilhões de dólares em diversos segmentos: cana-de-açúcar, aparelhos e equipamentos eletrodentários, máquinas e equipamentos para indústria extrativa mineral, couro curtido e cromo, implementos e máquinas agrícolas, máquinas e equipamentos para usinas de açúcar e álcool, suco de laranja concentrado, farelo de oleaginosas (soja, algodão, amendoim).

O comércio atende à população local e flutuante. São 33.745 estabelecimentos registrados na Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto – ACI, sendo 19.450 prestadores de serviços, 13.209 estabelecimentos comerciais e 1.086 estabelecimentos industriais.

Conta ainda com a presença de três *shopping centers* de grande porte. Todo este quadro socioeconômico se contrasta com dados levantados em uma pesquisa coordenada pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP de Ribeirão Preto, em parceria com a Arquidiocese de Ribeirão Preto.

Motivados pelo tema da Campanha da Fraternidade de 1999 – “Sem Trabalho... Por quê?” – essas duas instituições realizaram a PAED (Pesquisa Amostral de Emprego e Desemprego). Foram entrevistadas 600 famílias, totalizando 1.958 pessoas, correspondendo a 0,5% da população da cidade. A amostra foi paltada em classes de rendimento do chefe de família. Os bairros e ruas foram sorteados. O resultado encontrado no final da pesquisa está expresso na tabela a seguir, dividida em inativos, ocupados e desocupados.

RESULTADOS FINAIS

	Amostra	% PEA
INATIVOS		
Aposentados inativos em condição precária	75	
Aposentados inativos em condição não-precária	120	
Inativos	511	
OCUPADOS		
Empregados ocupados	694	55,65
Subempregados	125	10,02
Aposentados em condição precária empregados	4	0,32
Aposentados em condição não-precária empregados	66	5,29
DESOCUPADOS		
Desemprego aberto	145	11,63
Aposentados em condição precária procuram emprego	5	0,40
Aposentados em condição não precária procuram emprego	8	0,64
Desemprego encoberto pela desesperança	8	0,64
Desemprego encoberto pela precariedade do trabalho	192	15,40
UNIVERSO ECONOMICAMENTE ATIVO	1247	100,00
UNIVERSO PESQUISADO	1953	

A pesquisa nos informa ainda que, da população economicamente ativa, apenas 55,65% estão recebendo mais que 2 salários mínimos por mês. Dos aposentados, 5,29% continuam ativos e recebendo uma remuneração pessoal maior ou igual a 2 salários. Em resumo, cerca de 61% da PEA (população economicamente ativa) estão satisfeitos com seu emprego atual, sendo que 39,04% da PEA estão em alguma situação precária ou realmente desempregadas.

Dentre estes, os números mais preocupantes referem-se às pessoas que se encontram em situação de desemprego aberto (11,63%), o desemprego encoberto pela precariedade do trabalho (15,4%) e o subemprego (10,02%). As formas de trabalho precário somam, portanto, 25,42%, muito superior à taxa de desemprego aberto. Foi chamado de desemprego encoberto pelo trabalho precário aquele referente às pessoas que estão trabalhando, ganham menos que 2 salários mínimos por mês e procuraram emprego nos últimos trinta dias.

No subemprego, enquadram-se as pessoas que trabalham, receberam menos que 2 salários mínimos e não procuraram emprego. A taxa de desemprego aberto é de 11,63%. Nestes se incluem as pessoas que não desempenharam atividade remunerada e procuraram emprego nos últimos 30 dias.

A pesquisa traçou também o perfil do desempregado em Ribeirão Preto no ano de 1999. São homens (51,70%), têm entre 18 e 25 anos (38,685), moram com os pais (56%), são brancos (62,67%) e têm o primeiro grau completo (52%).

Ao empreendermos este estudo baseamo-nos em BRAVERMAN (1987) que afirma:

(...) A massa de emprego não pode ser separada de sua correlata massa de desemprego. Nas condições do capitalismo o desemprego não é uma aberração, mas uma parte necessária do mecanismo de trabalho do modo capitalista de produção. É continuamente produzido e absorvido pela energia do próprio processo de acumulação. E o desemprego é apenas a parte contada oficialmente do excedente relativo da população trabalhadora necessária para a acumulação do capital e que por sua vez é produzida por ele. Essa população excedente relativa, o exército de reserva industrial, assume formas variadas na sociedade moderna, inclusive os desempregados; os temporariamente empregados; os empregados em tempo parcial...

Assim, apesar de apresentar um PIB (Produto Interno Bruto) de 17 bilhões de dólares anuais, constatamos a alta concentração de renda, visto que as taxas de desemprego relatadas, anteriormente, na tabela apresentam-se contraditórias em relação à prosperidade apresentada pela região.

O mesmo autor, BRAVERMAN (1987) busca identificar na história da organização do trabalho e disposição colonial das riquezas esta chave política da apropriação capitalista.

Concorda-se geralmente que o capital monopolista teve início nas últimas duas ou três décadas do século XIX. Foi então que a concentração e centralização do capital , sob a forma dos primeiros trustes, cartéis e outras formas de combinação, começaram a se firmar; foi então, conseqüentemente, que a estrutura moderna da indústria e das finanças capitalistas começou a tomar forma. Ao mesmo tempo, a rápida consumação da colonização do mundo, as rivalidades internacionais e os conflitos armados pela divisão do globo em esferas de influência econômica ou hegemônica inauguram a moderna era imperialista.(...) Desse modo, o capitalismo monopolista abrange o aumento de organizações monopolistas no seio de cada país capitalista, a internacionalização do capital, a divisão internacional do trabalho, o imperialismo, o mercado mundial e o movimento mundial do capital...

Urge reinaugurar a cidade, como nos diz SANTOS (1987) “A cidade é o espaço urbano onde o cidadão pode construir as possibilidades. A cidade é o espaço próximo, onde o conceito de nação e povo assume características próprias, é o local da proximidade, de vivência do cidadão.” Redimensioná-la como possibilidade de um modelo capaz de abrigar o cidadão, de apresentar-se como um território que, sendo parte do país, expresse seus ideais, suas metas e seus sonhos. Como DRUMMOND, reinauguramos um país que desenvolve “seu frágil projeto de felicidade”.

Reinauguração

*Entre o gasto dezembro e o florido janeiro,
entre a desmitificação e a expectativa,
tornamos a acreditar, a ser bons meninos,
e como bons meninos reclamamos
a graça dos presentes coloridos.
Nossa idade – velho ou moço – pouco importa.*

*Importa é nos sentirmos vivos
e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de
beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos
e do profundo instinto de subsistir
enquanto as coisas em redor se derretem e somem
como nuvens errantes no universo estável.
Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos os olhos gulosos
a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos.
Esta é a magia do tempo.
Esta é a colheita particular
que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante,
no acreditar na vida e na doação de vivê-la
em perpétua procura e perpétua criação.
E já não somos apenas finitos e sós.
Somos uma fraternidade, um território, um país
que começa outra vez no canto do galo de 1º de janeiro
e desenvolve na luz o seu frágil projeto de felicidade.”
(Carlos Drummond de Andrade, in Farewell)*

A cidade de Ribeirão Preto, por ser referência neste trabalho, foi desvendada em vários aspectos, o que nos possibilita uma aproximação dos objetivos desta tese.

A cidade desvendada, abriu suas feridas, expôs as contradições e as diferenças. Apresentou o espetáculo da riqueza e as mazelas da sua pobreza, fez emergir os conflitos e nos colocou como parte deste todo, repleto de bairros sem infraestrutura, desorganizados. Ocultando desemprego, e a desestrutura de uma parte da cidade, que desconhece suas possibilidades e sofre com o resultado da exclusão social.

1.2. A cidade de Ribeirão Preto e sua história social e política.

A idade da cidade começou a ser contada a partir da data da doação de uma área à Igreja Católica por algumas famílias, para a construção da primeira capela, exatamente onde se encontra hoje (2002) a fonte luminosa da praça XV de novembro, no centro da cidade. Foi em 19 de junho de 1856, que os moradores do

povoado, que vieram da região da Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, escolheram como padroeiro São Sebastião, o santo protetor contra as pestes e as intempéries. Em 1870, por lei provincial, deu-se a criação da freguesia de Ribeirão Preto. Passou a ser vila um ano depois, desmembrando-se de São Simão. Passou a ser município em 1889, com a Proclamação da República.

Uma planta de 1874 mostra um pequeno aglomerado urbano, em 1884, a área urbana começa a expandir-se e tomar diretrizes sólidas. Em 1903, a ocupação urbana já está além dos córregos Retiro Saudoso e Ribeirão Preto. O desenho da malha urbana apóia-se numa rede octogonal, constituindo um tabuleiro de xadrez.

Em 1856, o povoado recebeu o nome de Vila da Capela do Ribeirão Preto. Ribeirão Preto era o nome do curso d'água, por onde passa hoje a Avenida Jerônimo Gonçalves, era também o nome da fazenda onde se constituiu o patrimônio da Igreja.

1.3 Ribeirão Preto: sua história e seus marcos.

Não apenas as pessoas que fizeram doação de terras, mas também outros que muito trabalharam pela localidade são considerados fundadores.

José Mateus dos Reis, dono da maior parte da Fazenda das Palmeiras, fez a primeira doação de terras no valor de 40 mil réis, “com a condição de no terreno ser levantada uma capela em louvor a São Sebastião”. Em 2 de novembro de 1845, no bairro das Palmeiras, era fincada uma cruz de madeira como tentativa de demarcação de um patrimônio para a futura capela de São Sebastião.

Foi a terra, desde o início, a mãe de todas as riquezas de Ribeirão Preto. Vermelha e fértil, aguardou paciente, durante séculos, a mão do homem para gerar seus frutos. No final do século XVIII, desanimados com a decadência da mineração em Minas Gerais, os pecuaristas que ali viviam abandonaram as montanhas da Serra da Mantiqueira e apostaram nas promessas do planalto paulista.

No início, eram apenas algumas fazendas de gado, agrupadas no que se chamava Distrito de São Simão. Aos poucos, porém, os habitantes do povoado,

desejosos de se unirem em torno de um marco representativo de sua comunidade, pensaram na construção de uma capela, o primeiro símbolo de uma cidade cristã. José Mateus dos Reis foi o primeiro a doar parte de suas terras para construção da futura igreja. Era o ano de 1845 e a partir daí outros fazendeiros seguiram seu exemplo até que, em 19 de junho de 1856, fundou-se, oficialmente, o povoado de São Sebastião de Retiro. Estava formado o patrimônio e decidido o local da construção da capela em homenagem a São Sebastião. Em volta dela, o povoado cresceu, passando à freguesia, depois à vila.

Quatro anos depois, constituía-se a Câmara Municipal da vila, que atraía com sua terra generosa cada vez mais forasteiros, que vinham tentar a sorte na agricultura do café e no comércio. Chamou-se, ainda, Entre Rios, por dois anos apenas. Entre 1879 e 1881, os habitantes, inconformados, conseguiram devolver-lhe o nome de origem, homenagem ao córrego que margeava suas terras e ao santo de sua devoção. À esta altura, a comunidade agrícola já se transformava num pólo gerador de riquezas. Primeiro, chegara o café, trazido do Vale do Paraíba por Luís Pereira Barreto, em 1876. Atrás dele, vieram os trilhos da estrada de ferro, em 1883, com a companhia Mogiana, trazendo imigrantes para o interior. Em abril de 1889, Ribeirão Preto se transformava em cidade. O café Bourbon foi o responsável pela transformação da cidade no maior centro produtor do mundo, até os anos 30.

A cidade ganhou ares boêmios em pleno interior. Ganharam também novos contornos urbanos, com a implantação de fábricas, como a Cia. Cervejaria Paulista (1911) e, depois, a Companhia Antártica Cervejaria (1914), grandes casas comerciais, a construção de palacetes, a importação de moda e cultura. Durante anos, a força desse império sustentou os caprichos e a exuberância da cidade. Porém, o pior aconteceu na década de vinte, com a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Apagava-se o mais rico período da história da cidade. Ribeirão Preto não parou, apenas mudou de rumo, substituindo a monocultura pela diversificação agrícola.

Formação Administrativa

A Lei Provincial nº. 51, de 02 de abril de 1870, criou o distrito de Ribeirão Preto. O Município foi criado pela Lei Provincial nº. 67 de 12 de abril de 1871, com território desmembrado de São Simão, verificando-se a sua instalação a 04 de junho de 1874. Por força da Lei provincial nº. 34, de 07 de abril de 1879, passou a denominar-se Entre Rios, sendo porém restabelecido o nome anterior pela Lei nº. 99, de 30 de junho de 1881. Em 1885, foi criado o Distrito de Sertãozinho (elevado a município em 1896) e, em 1893, o de Cravinhos, que obteve autonomia em 1897. A vila de Ribeirão Preto adquiriu foros de cidade por efeito da Lei Provincial nº. 85 ou 88, de 1º. de abril de 1880. A 30 de novembro de 1938, quando se compunha dos distritos de Ribeirão Preto e Bonfim, sofreu reestruturação administrativa, com a criação do Distrito de Guatapará. Em 1953, Gaturama passou a denominar-se Bonfim Paulista. Pela Lei Estadual nº. 8092, de 28 de fevereiro de 1964. Atualmente está dividido em 3 distritos: Ribeirão Preto, Bonfim Paulista e Guatapará.

Formação Judiciária

A Comarca de Ribeirão Preto, criada pela Lei nº. 80, de 25 de agosto de 1892, foi instalada em 10 de outubro seguinte.

Desenvolvimento

Ribeirão Preto é o centro da região referência que mais se desenvolve no Brasil. Desenvolvimento com base na diversificação da economia e da qualidade de vida. Nascida em 1856, em uma clareira onde, um século antes os bandeirantes estiveram de passagem, a cidade ganhou impulso com a lavoura de café, cultivada pelos imigrantes e fertilizada pela terra vermelha – “rossa” para os italianos e “roxa” no linguajar caboclo.

A antiga clareira, banhada por dois córregos, logo se transformou em uma importante cidade, ligada ao país por ferrovia, telefonia e rodovias. O desenvolvimento trouxe novas culturas, como a cana-de-açúcar, a soja, o milho, o algodão, a laranja e implantou uma forte agroindústria.

Mais de 80 municípios compõem a região de Ribeirão Preto: são 3 milhões de habitantes que ocupam uma área de 30 mil km². Os bons tempos do desenvolvimento de Ribeirão Preto estão diretamente ligados ao período de ouro do café. A riqueza da região veio da terra com a produção e a exportação desse produto, que virou marca registrada do Brasil no exterior.

Durante 50 anos (1890-1940), Ribeirão Preto viveu a glória da época do café. A linha de trem da Mogiana e os bancos vieram dar continuidade ao desenvolvimento da região. Com a riqueza do café, veio o desenvolvimento cultural. Os dólares ajudaram a construir o Theatro Pedro II, o maior e mais moderno teatro do interior do país.

A região de Ribeirão Preto é uma das âncoras da economia do Estado de São Paulo. Os 84 Municípios que a compõem exibem números generosos que comprovam, com tranquilidade, essa afirmação. Com um PIB (Produto Interno Bruto) de US\$ 22 bilhões, a região tem uma das mais altas rendas per capita do país: US\$ 6 mil.

1.4 Sua Infra-Estrutura Social.

O município de Ribeirão Preto apresenta bons indicadores para o conjunto da chamada infra-estrutura social, além de apresentar elevados níveis de renda. Este conjunto de fatores faz com que a cidade apresente um dos melhores padrões de vida, tanto no estado como no país.

Este fato pode ser constatado pelo Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil que calculou o índice de condições de vida e o indicador de desenvolvimento humano para todos os municípios brasileiros com base nos dados dos censos de 1970, 1980 e 1991. Esse indicador se concentra em três aspectos da condição de

vida: a renda (avaliada de acordo com a renda per capita), a educação (avaliada pela taxa de analfabetismo e pelo número de anos de estudo da população) e a saúde (avaliada através da longevidade).

Em relação ao IDH-M, o município apresentou melhores indicadores que a média estadual e nacional nos três itens considerados na composição do índice. Os melhores indicadores do município referem-se à educação, seguida da renda e, por fim, da longevidade. Assim, Ribeirão Preto possui um dos melhores padrões de vida do Estado de São Paulo e do Brasil, principalmente pelos indicadores de renda, educação e saúde.

Educação

Ribeirão Preto possui uma ampla rede educacional, que vai do ensino básico ao universitário. Pólo universitário, a cidade atrai muitos estudantes da região, principalmente no ensino superior. Com mais de 110.000 jovens matriculados nas escolas de ensino fundamental e médio, nem por isso apresenta superlotações, sendo que a relação aluno por docente é de 25,2 alunos do ensino fundamental e 19,2 alunos no ensino médio por docente, resultado levemente inferior ao do estado de São Paulo.

Entre a população em idade escolar (ensino fundamental), 98% estão regularmente matriculados. Em relação a outras cidades, a qualificação da população, medida em número de anos de estudos, está acima da média. Mais de 42% da população têm mais de oito anos de estudos, sendo que 16,4% da população têm mais de 11 anos de estudos e 13% têm mais de 15 anos ou mais de estudos.

Estes bons indicadores educacionais fizeram com que Ribeirão Preto ocupasse a 14ª posição entre os 4.491 municípios brasileiros pesquisados pelo PNUD/IPEA para a elaboração do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, no critério Índice de Condições de Vida-Educação. Em relação ao Estado de São Paulo, Ribeirão Preto ocupou a 5ª posição em um universo de 572 municípios.

Saúde

A cidade é conhecida nacionalmente como o grande centro de saúde, o município está entre os primeiros do Brasil no *ranking* relativo a indicadores de saúde.

O município conta com cerca de 3.000 médicos, quase seis profissionais por mil habitantes, esse número está aproximadamente três vezes acima da média estadual. Este desempenho se verifica também em outras profissões como dentistas, enfermeiros e técnicos. Além disso, o município apresenta 1.711 leito do SUS, esse número representa cerca de 3,67 leitos por mil habitantes (bem acima da média estadual que se situa em cerca de 2,44 leitos por mil habitantes).

São 20 unidades de atendimento hospitalar e 35 unidades de saúde. O grande número de hospitais e de médicos faz com que o município conte ainda com um quadro significativo de clínicas de saúde das mais diversas especialidades. Ribeirão Preto conta também com diversos laboratórios de análises clínicas, consultórios e um amplo conjunto de atividades relacionadas.

Integram essa rede de saúde de Ribeirão Preto, as faculdades da USP, da Unaerp, do Centro Universitário Barão de Mauá, do Centro Universitário Moura Lacerda e da UNIP como importantes centros de formação de mão-de-obra e desenvolvimento de pesquisas e tecnologias relacionadas.

O super dimensionamento do setor faz com que pessoas de todos os lugares do país venham a Ribeirão Preto realizar tratamentos de saúde. Esse fluxo de pessoas e faz com que haja uma grande transferência de renda para o município tanto por meio dos particulares como pelos repasses de verbas oriundas do setor público.

Demografia

Com 505.012 habitantes segundo o Censo Demográfico de 2.000, o município de Ribeirão Preto se encontra entre os maiores do Estado de São Paulo e do Brasil.

O município apresentou elevadas taxas de crescimento demográfico nas últimas décadas, situando-se sempre acima da média estadual, levando assim a um aumento de sua participação em relação ao Estado de São Paulo. Este desempenho se deve aos fluxos migratórios atraídos pelo dinamismo econômico do município e sua elevada qualidade de vida.

A estrutura etária da população do município é semelhante a do Estado de São Paulo com uma forte concentração na idade ativa (15 a 64 anos), principalmente nos dois primeiros grupos, estágio inicial e intermediário da vida profissional. Outro fator importante, que merece ser destacado, está relacionado à elevada taxa de urbanização.

A taxa de analfabetismo é significativamente inferior à do Estado de São Paulo e do país. Além disso, o número médio de anos de estudo é relativamente maior. Estes indicadores mostram o elevado grau de qualificação da população Ribeirãopretana.

Água, Esgoto e Lixo.

Ribeirão Preto é uma cidade privilegiada em termos de saneamento básico: 99% da população é servida de água encanada. Toda a água consumida e distribuída pelo DAERP (Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto) vem de poços artesianos, de onde é extraída por meio de bombas submersas.

Esses poços têm uma profundidade média de 200m e atravessam rochas como o basalto, até atingir uma camada de rocha sedimentar chamada arenito Botucatu, que funciona como um imenso reservatório de água subterrânea.

Ribeirão Preto tem 178 poços artesianos, dos quais 97 estão em funcionamento simultâneo. Eles são responsáveis pela produção de mais de 304 milhões de litros de água por dia.

Devido à sua origem de poços profundos, a água de Ribeirão Preto requer somente a adição de cloro, que é realizada logo após a sua retirada dos poços. A fluoretação (adição de flúor) também é feita nesta fase. O flúor na água de abastecimento reduz em cerca de 60% a incidência de cáries dentárias, sendo o meio mais eficiente e econômico para a sua prevenção.

A água clorada e fluoretada é conduzida por tubulações aos reservatórios, de onde é distribuída para as redes de abastecimento até chegar às residências, passando pelo hidrômetro, que é o aparelho que mede o consumo de água.

A coleta de esgoto atende 98% dos moradores de Ribeirão Preto, índice comparável aos países desenvolvidos. Porém, apenas 17% dos esgotos são tratados. O restante é jogado *in natura* no Rio Pardo, sendo a principal causa da poluição de suas águas.

Para solucionar este problema, a Prefeitura fez uma parceria com a iniciativa privada e, em regime de concessão, foi implantada a Estação de Tratamento de Esgotos Caiçara. Esta estação trata 14% do esgoto da cidade, proveniente dos bairros situados na bacia do Córrego Palmeiras. Ao chegar à estação, o esgoto passa por um tratamento preliminar, em que os materiais grosseiros, areias e gorduras são retirados. A partir daí, é conduzido a tanques de aeração onde as próprias bactérias presentes no esgoto digerem o material orgânico. Em seguida, o esgoto passa por um tanque de decantação, onde a parte sólida, mais pesada, separa-se da parte líquida, sendo então desidratada e podendo ser aproveitada como adubo. A parte líquida ao final deste processo transforma-se em água limpa e própria para a vida aquática, estando em condições de ser lançada no Rio Pardo.

Uma nova Estação de Tratamento de Esgotos está sendo construída, na margem esquerda do Córrego Ribeirão Preto, junto ao anel viário, com conclusão prevista para 2002. Quando entrar em funcionamento, Ribeirão Preto será uma das poucas cidades do Brasil a ter 100% do volume total do esgoto tratado, o que significa mais saúde para a população e a preservação do meio ambiente, com a despoluição das águas de nossos rios.

No distrito de Bonfim Paulista, duas lagoas de tratamento recebem e processam o esgoto proveniente do distrito, lançando a água já limpa no córrego Ribeirão Preto.

A coleta de lixo comum atende 100% da população da cidade, sendo realizada em todos os bairros, inclusive favelas. Diariamente são coletadas uma média de 450 toneladas de lixo doméstico, que são destinadas ao aterro sanitário. O aterro, situado na periferia da cidade, recebe resíduos domiciliares e comerciais, que são destinados a células sanitárias. O lixo proveniente dos serviços de saúde (hospitais, clínicas médicas, odontológicas e veterinárias, farmácias, laboratórios e motéis), terminal rodoviário e aeroporto, é incinerado.

A coleta de lixo útil ou coleta seletiva recolhe em média 6 a 8 toneladas por dia de materiais recicláveis como papel, papelão, plástico, vidro, latas de alumínio, outros metais e embalagens longa vida. A coleta seletiva porta a porta, com a passagem de caminhão recolhendo o lixo reciclável, acontece em 12 bairros da cidade.

Lixo, Educação ambiental e cidadania.

O lixo é hoje um dos mais graves problemas ambientais do planeta. Nos países mais pobres, aliados a um modelo de desenvolvimento social, que mantém milhões de pessoas à margem da cidadania, o lixo se tornou a única opção de trabalho e fonte de renda para milhões de homens, mulheres e crianças, excluídos do mercado produtivo.

Em Ribeirão Preto, cerca de 300 pessoas viviam e sobreviviam do lixo da cidade, recolhendo alimentos e materiais recicláveis no aterro sanitário. Desses, 75 eram crianças e adolescentes afastados da escola e do convívio social e cada vez mais próximo da marginalidade.

A maioria deles morava nas proximidades do aterro, no Jardim Progresso, onde residem atualmente cerca de 10 mil pessoas. Vivendo do lixo, estavam

expostos não só à contaminação e à promiscuidade social, como ao risco de vida em acidentes provocados por máquinas e caminhões do serviço de coleta.

Em fevereiro de 2001, a Prefeitura Municipal e o DAERP – Departamento de Água e Esgotos de Ribeirão Preto, autarquia responsável pela administração do lixo urbano, deram início a uma série de iniciativas com o objetivo de realizar uma intervenção social, que resgatasse as condições de cidadania dessas centenas de indivíduos, reintegrando-os às condições de dignidade familiar, profissional e social.

A primeira medida tomada foi a contratação, pelo DAERP, de 165 catadores como funcionários registrados para trabalhar no Centro de Triagem da Coleta Seletiva na separação, prensagem e enfardamento do material reciclável coletado na cidade. Com isso, os catadores se retiraram do aterro sanitário e as crianças foram afastadas do trabalho no lixo e encaminhadas à escola.

Os trabalhadores receberam treinamento e cursos sobre saúde e segurança, criou-se um curso de alfabetização para adultos. As crianças que freqüentavam o aterro foram para a escola e incluídas em programas sociais como o Programa de Renda Mínima, garantindo, assim, uma complementação da renda familiar. Os adolescentes foram encaminhados para o Programa Ribeirão Jovem, para aprender um ofício e se integrarem à sociedade. A Prefeitura realizou uma série de obras de infra-estrutura no bairro Jardim Progresso, como a iluminação pública, e o DAERP instalou rede de água e rede de esgoto. Os próximos passos serão o asfaltamento e a implantação de galerias de águas pluviais.

A administração municipal e o DAERP iniciam agora a segunda fase desse trabalho: integrar-se a programas nacionais e internacionais que trabalham a questão do lixo em forma solidária, organizada e viável economicamente, buscando parcerias para o desenvolvimento do trabalho que vêm sendo realizando.

A ampliação da coleta seletiva, a erradicação da *catação* de lixo, principalmente por crianças e adolescentes e a reintegração social desses trabalhadores são alguns dos pontos abordados por esses programas. Trata-se de um esforço de promover, através da prestação de um serviço, a formação e educação ambiental para a cidadania.

1.5 Conclusões parciais.

Neste capítulo buscamos apresentar os marcos históricos e dados qualitativos e institucionais da construção cultural e histórica da cidade de Ribeirão Preto. Os dados apresentados estão configurados na identidade das fontes mais destacadas do universo dominante. São os cenários da história oficial, visto que há poucas possibilidades de uma história ou recortes distintos da marcha da história e do poder dominantes.

Nossa intenção foi a de oferecer um quadro informativo, um conjunto referencial de dados para o conhecimento da cidade, um contexto, os dados de bastidores para definir os contornos dos bairros, das pessoas, da cultura e da política da cidade.

O quadro informativo, este conjunto referencial de dados, apresenta-se contrastado com a realidade dos bairros escolhidos para a pesquisa. Nos quarteirões onde as pessoas foram entrevistadas, emerge o confronto com este quadro informativo. Na fala dos moradores, nas observações das ruas, nos problemas descritos, deixamos saltar o distanciamento entre as informações oficiais e a realidade

No capítulo seguinte, buscaremos delinear a pesquisa que empreendemos nos bairros, trabalhando com universos de contrastes, de modo a oferecer a amplitude, as diferenças e as contradições da cidade escolhida como tema de pesquisa.

CAPÍTULO II

A CIDADE E O CIDADÃO: memória, discurso e representação.

Para todos

... O meu pai era paulista

Meu avô, pernambucano.

O meu bisavô, mineiro.

Meu tataravô, baiano...

... Vi cidades, vi dinheiro

Bandoleiros, vi hospícios

Moças feito passarinho

Avoando de edifícios..

... Vou na estrada há muitos anos

Sou artista brasileiro...

Chico Buarque de Holanda

Vamos nos reconhecendo cidadãos planetários que, mais do que os direitos do homem, queremos direitos da terra, garantindo vida digna a todos os habitantes deste planeta. Gadotti

Os estudos e pesquisas sobre a cidade revelam a própria condição humana. VERNANT (2002) afirma, a propósito da organização da *pólis* ateniense: *a razão, a cidadania, é filha da cidade. Como instituição simbólica e espiritual, como espaço político de coabitação, como construção coletiva de uma vida material e simbólica, a cidade é o centro da cultura, processo e produto da civilização. Enquanto espaço, a cidade encontra-se marcada por recortes, que produzem diferenças sócio culturais diversas.*

A cidade ainda é distante para alguns, o bairro guarda uma proximidade com o cidadão, mas é no quarteirão que os vínculos se estabelecem, que a relação de troca e uso com a cidade se apresenta. No quarteirão há uma representação do conjunto.

Os serviços, que a cidade oferece, chegam ao quarteirão, às vezes inteiros, em alguns momentos aos pedaços, ou não chegam. A água, a coleta de lixo, o esgoto, a arborização, o posto de saúde, o transporte coletivo. No quarteirão diariamente a cidade se reproduz e se expressa.

Carrega a história de vida de seus moradores, a harmonia e os desencontros do habitar, do morar sem muita escolha. Neste pequeno espaço urbano, reproduzimos as contradições da cidade. É a parte que abriga o todo em suas características próprias.

Esta forma de pesquisa, centrada na representação do cotidiano, recebe a denominação de pesquisa qualitativa. HELLER (1989) assim define esta categoria de análise e de interpretação:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão

do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérico a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana como todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. O homem da cotidianidade é atuante, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade. A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão.

A parte da cidade representada pelo cidadão tem nome, sobrenome, tem um número, conhece e é conhecida, é a parte que relata e delata o todo. Registra, denuncia, se desorganiza, busca organização, mas principalmente estabelece sinais concretos. Não estamos falando de anônimos habitantes, mas sim de pessoas identificáveis, com suas histórias de vida únicas, particulares, singulares, histórias construídas na rotina destes quarteirões, pautadas pelas escolhas individuais, mas arrastadas pelas decisões gerais de toda a cidade. Não foi o Sr. João do bar quem decidiu construir o posto de saúde tão distante, mas é o seu João quem caminha para encontrar o remédio para sua dor. Não foi a Dona Maria quem projetou a escola tão distante, ou a praça tão longe, não foi o Sr. José quem organizou a coleta do lixo ou o plantio das árvores da rua. Esses cidadãos falam com a cidade que lhes nega o direito de participar, decidir, usufruir.

Afirma HERON SILVA (2000):

Entendo cidadania como homens e mulheres capazes de usufruir e partilhar cultural e materialmente a sociedade. (...)

cidadania é 'qualificação da existência dos homens'. Trata-se de uma qualidade de nosso modo de existir histórico. O homem só é plenamente cidadão se compartilha efetivamente dos bens que constituem os resultados de sua tríplice prática histórica, isto é, das efetivas mediações de sua existência. Ele é efetivamente cidadão se pode efetivamente usufruir dos bens materiais necessários para a sustentação de sua existência física, dos bens simbólicos necessários para a sustentação de sua existência subjetiva e dos bens políticos necessários para a sustentação de sua existência social.

O lazer, quase ausente, não renova as esperanças do quarteirão. Fomos a outros quarteirões, de outros bairros, pobres, ricos, operários, antigos, novos, barreiros, despovoados, tristes, perigosos, alegres, distantes, diferentes.

As diferenças desenharam o cenário de cada um, apresentando cenas às vezes repetitivas, mas um núcleo comum se fez presente em todos os quarteirões: seus habitantes pouco ou quase nada decidiram sobre sua organização. Os cidadãos não dialogam com a cidade, não são ouvidos e nem ouvem suas decisões.

APAP (2002) trabalha conceitualmente esta articulação entre a cidadania projetada e a cidadania vivenciada:

No entanto, é evidente que ninguém nasce cidadão, mas se torna cidadão. Não se trata de um estado (que não é adquirido no momento do nascimento, nem quando se chega à maioridade, à idade adulta, à idade da 'razão'), mas de uma gestão evolutiva, de uma conquista permanente. O cidadão é capaz de intervir na cidade, de exercer um ponto de vista sobre as coisas (no sentido desenvolvido por Jean Foucambert a partir do theoros grego, que diz que, tomando um ponto de vista, ou seja tomando distância das coisas, pode-se construir uma teoria). Portanto, a cidadania é a capacidade construída para intervir, ou simplesmente, para ousar intervir, na cidade. Mas essa conquista permanente não possui um elemento preparatório, um pré-requisito; para caminhar é preciso... caminhar; para se tornar cidadão, é preciso agir como cidadão, intervir sobre seu ambiente, transformar a situação na qual a pessoa se encontra. Não há antes nem depois, só um 'fazer' em perpétuo movimento, em perpétua interrogação.

No Orçamento Participativo fica definida uma parceria entre o poder público e o cidadão. Os representantes dos bairros decidem o destino dos recursos,

estabelecendo as prioridades para aquele conjunto de habitantes. Esses senhores e senhoras, que participam desta experiência, se expressaram com o entusiasmo e o desejo de defender sua cidade, de protegê-la, de preservá-la.

Há, nestas falas, uma relação de proximidade e carinho com a cidade, estas pessoas sentiram-se co-responsáveis, reforçaram suas auto-estimas, tornando-se ousados, nos explicaram porque participar desse projeto interferiu em suas vidas.

Cruzamos a cidade, desvendando pequenos mistérios que diferenciam os grupos e que não aparecem nas estatísticas. Aquela senhora simples, chocou-nos profundamente ao relatar o impacto provocado pelo programa de Renda Mínima na sua modesta família.

Seus filhos foram para a escola, o sonho passou a habitar aquela casa, *“de repente acreditamos que a vida pode melhorar, meus filhos vão ler e escrever, vai dar para arrumar emprego e comer”* (fala da **Dona Neide**, Bairro Ipiranga, Ribeirão Preto, SP, em 10/04/97).

Esses pequenos cidadãos foram para a escola, desejam aprender a ler e escrever. Essa doce e triste senhora, de fala mansa, submissa, humilde, quase pedindo perdão por existir, espera tão pouco, se satisfaz com as migalhas do sistema e nos obriga a olhar para um contexto complexo, difícil e simples. A velocidade de informação agride o ritmo de cada cidadão, exclui, marginaliza, distancia. E a Dona Neide só queria ter os filhos na escola. Ela não sabe sobre clonagem, não ouviu falar sobre o tratamento da *AIDS*, nem sabe sobre *software* e *chips*.

Estamos hoje buscando soluções grandiosas para todos os grandes problemas. E a Dona Neide só espera uma solução pequena para o seu micro problema. Como faremos a qualidade para a maioria? O bem-estar integral, o que será? O sabor da conquista da cidadania. A cidadania que é, essencialmente de direitos e deveres.

Sabemos que existe a concepção plena de cidadania. Ela não se limita aos direitos individuais. Ela se manifesta na mobilização da sociedade para a conquista dos direitos. É uma cidadania que visa à conquista e construção de novos direitos. A

cidadania plena cria direitos, novos espaços. A concepção neoliberal de cidadania entende que ela é apenas um produto da solidariedade individual entre as pessoas, e não uma conquista e construção do interior do Estado.

O processo de globalização impôs uma ordem de exclusão, a disputa de mercado tem sido feita por meio de blocos e os grandes interesses acima dos direitos da maioria dos cidadãos.

O espaço urbano construído é ocupado, marca suas avenidas e ruas com rigor, imprimindo a geografia da exclusão. O traçado não planejado das cidades empurra para espaços distantes os cidadãos despossuídos. O mapa da exclusão social é diferente do mapa da cidade.

É ainda APAP (2002) que nos inspira a pensar numa dimensão política da cidadania:

Para pensar a cidadania e lutar contra a exclusão, é preciso superar, no domínio escolar, um certo número de fendas ou rachaduras (culturais, pedagógicas, institucionais e filosóficas) para reencontrar espaços de unidade e solidariedade. O desaparecimento dessas fendas vai permitir pensar em um mundo onde o conhecimento necessário não será regido por relações em que predominam a força e a violência e em que as diferenças serão escolhidas, e não herdadas.(...) Considero que as periferias despertam novos problemas de forma contínua, porém nos esquecemos atualmente de que as sociedades só progridem quando resolvem novos problemas. Portanto, a resolução de problemas é uma oportunidade extraordinária que as cidades têm. E, se fosse levada a sério, seria uma oportunidade extraordinária poder resolver o problema da integração e da exclusão das crianças da periferia, com baixo rendimento escolar.

Dividimos os bairros, marcamos os limites, damos nomes às praças, às ruas, aos viadutos, homenageamos fatos e pessoas. O que é esse espaço urbano que os mapas não expressam? Fotografamos o dia, a rua, o fragmento e na radiografia minuciosa do cotidiano desvendamos um mapa oculto, submerso nos espaços. O que nos motivou a transformar a ação de perceber a cidade num projeto pedagógico foi a articulação, tão bem expressa por APAP (2002):

Saber e Cidadania, um desafio que ultrapassa os limites das periferias e o campo da escola. Como lugar natural de formação, essa escola poderia ser o cerne da construção de uma nova cidadania, desde que se deixe de lado a crença de que é possível aprender coisas sem utilizar um projeto. O empreendimento é a condição sine qua non da aprendizagem; e aprender é tomar consciência do que se faz, do que se empreende. (...) Por outro lado, a lucidez também é uma arma do otimismo. Sabemos que é possível fornecer, pelo saber, meios para contornar o que parece incontornável; isso, sem dúvida, passa por uma formação concreta na auto-socioconstrução dos saberes e na gestão de projeto como uma das vias para permitir que sejam superadas as contradições entre o indivíduo, a instituição, a cidade..., entre a escola e a sociedade. A cidadania se constrói e conquista menos no fato de saber do que nos processos analisados de construção dos saberes. Portanto, a escola está no centro de uma nova cidadania. É um novo papel, desde que ela não se limite a trabalhar exclusivamente com as crianças. Mesmo renovada, a aprendizagem corre o risco de ser insuficiente. É essencial criar uma dinâmica de bairro para que o sucesso de todos se torne a preocupação de cada morador. Criar redes, projetos comuns, parcerias sem exclusividade, trocar, debater: agir onde quer que estejamos. Agir onde quer que estejamos não significa mudar tudo logo, mas agir de acordo com a dimensão do mundo.

Quem sabe a identidade dos habitantes desses espaços? A angústia dos desempregados, a falta de esperança dos analfabetos, a dor dos doentes, a festa dos nascimentos, o horror das mortes, onde estarão registradas? Pequenas experiências começam a povoar os espaços urbanos, despretensiosos, pedagógicos, sem programas oficiais, financiamentos ou vínculo federais, estaduais ou municipais, são apenas experiências, iniciativas que encontramos pelos bairros visitados, ações que revelam identidades, que ocupam o espaço urbano.

Pensamos na perspectiva da Pedagogia de Projetos, que alia a pesquisa ao fazer, ao agir, ao trabalhar teórica e praticamente, como define APAP(2002):

(...) nunca foi possível transformar o mundo sem que os homens se transformem, não há adaptação sem assimilação desse mundo às estruturas do sujeito e sem acomodação, isto é, sem 'automodificação das estruturas do sujeito, que se torna,

assim, capaz de dominar a fatalidade das coisas. A pedagogia do projeto é a autocriação do ser humano no movimento de transformação do mundo. Essa é a maneira pela qual as crianças aprendem. A pedagogia do projeto, na verdade, é sonhar assimilar o mundo ao nosso sonho, e é se transformar ao mesmo tempo: a ação sobre o mundo exige a invenção de novas ferramentas mentais/comportamentais para sobrepor-se a ele. (...) A pedagogia de projeto gera processos de fabricação de socialização, de reconhecimento social (indispensável para a mudança da auto-imagem), de modificação de status, de transformação da relação com o saber. No contexto da pedagogia de projeto, o saber não é construído como em um sistema hermético, mas por meio de uma pesquisa-ação transformadora do ambiente. É construído por 'abstração reflexiva' sobre ações decididas por sujeitos autores de seus atos.

Discutir se essas ações são eficazes não é tarefa à qual nos propomos neste trabalho. Apenas registramos, que, através destas ações, encontramos pequenos grupos de excluídos, buscando ocupar o espaço urbano com um pouco mais de dignidade.

Espalhados pela cidade, encontramos pequenas experiências comunitárias, tentando resgatar as dívidas sociais. Chamou-nos a atenção o fato de as pessoas, que coordenam as experiências, apresentarem clareza, quanto à dimensão do trabalho realizado. Embora acreditem que o mapa da exclusão social seja bastante amplo, iniciam projetos pequenos, mas que têm apresentado resultados significativos para as pessoas envolvidas. Diante dessas experiências, nos perguntamos: o que seria uma cidade justa?

Formar o cidadão, que compreenda a totalidade e viva os espaços reais da comunidade é a dialética de APAP(2002):

Criemos uma interação entre ambos, cidadão no saber e cidadão no mundo, mas coloquemos, como prioritário e fundamental, o poder sobre o mundo. (...) Uma hipótese poderia ser trabalhar diretamente com as associações, os pais, os cidadãos de um bairro... em projetos de desenvolvimento local, como rádio e bibliotecas comunitárias, jornal do bairro ou qualquer outra iniciativa que vise a viver melhor na cidade. Projetos construídos a partir de uma análise de campo pelos

próprios atores de campo – crianças e adultos. Um sistema em que os adultos aprendem porque as crianças aprendem. Um sistema que evacua o ‘escolar’ para se interessar pela vida real e, portanto, pelo saber. Talvez a nova pedagogia tenha permanecido, durante muito tempo, trancada entre as quatro paredes da escola. Quando se trabalha com as forças sociais em torno da escola, quando se ergue essas pontes, será possível modificar as formas de conceber o saber ou as formas de aprender; depois, gradualmente, também serão modificados a forma de dar aula e os conteúdos da escola.

O que é neste início de século XXI uma cidade justa, habitada por cidadãos justos? Talvez o cenário das crises e violências não nos deixe quebrar as esperanças, como diz APAP(2002):

Essa crise é alimentada pelos mais insuportáveis paradoxos desenvolvidos por nossa sociedade. O ser humano, por meio de seu trabalho, de sua capacidade de reunir energia, de mobilizar sua inteligência, sua imaginação, suas competências, de organizar suas colaborações, mostra-se – e sabe que é – capaz, assim como os deuses que inventou, de superar a maioria dos obstáculos que surgem à sua frente. A fome, a doença, as altas taxas de natalidade, a poluição são problemas que podem levar o homem a tomar tal decisão.

Consultando o plano diretor, encontramos um projeto fragmentado, onde cada secretaria, após avaliar a realidade, estabelece metas e diretrizes para a pasta que representa, sem que se estabeleça vínculos com as demais secretarias, ou que haja intersecção entre as partes.

No diálogo estabelecido no Bairro, ao pesquisar o quarteirão, cada cidadão expõe a cidade justa imaginada e idealizada, na esperança de que cidadãos justos possam emergir deste modelo desejado.

Diz ainda APAP (2002):

Basta votar para ser cidadão? Basta visitar o quartel dos bombeiros para agir sobre o meio ambiente? Basta dividir tarefas? Basta agir para ser cidadão?

‘Estimulemos os projetos baseados na vida do bairro, que traduzem ações sobre a realidade, sobre o ambiente de vida, isto é, sobre o que interessa as crianças... e haverá cidadania

no saber', dizia recentemente uma amiga. Realizar para aprender, de certa forma. Assim, talvez, a cidadania seja construída fora das paredes da sala de aula.

'Façamos com que as crianças sejam atores na construção de seus saberes e, dessa forma, elas poderão exercer melhor sua cidadania', recomendava outro amigo. Aprender para realizar, de certo modo. Logo, a cidadania também é construída entre as paredes da sala de aula. Será mesmo?

As duas propostas devem ser separadas ou é melhor considerar que uma se alimenta da outra, ou que nenhuma das duas é válida sem a outra? O que aconteceria com uma cidadania que integrasse as duas vertentes, ultrapassando a fronteira do dentro e do fora.

Encontramos cidadãos que, ao participarem da comunidade mais diretamente, quer seja na igreja, no sindicato, no grêmio esportivo, no voluntariado das creches, sentem-se mais próximos da cidade.

LIBÂNEO (1995) nos estimula a pensar com propriedade:

A cidadania não é dom natural e muito menos concessão do Estado. É conquista, construção, exercício cotidiano, papel social. Num país como o nosso – que carece dos serviços sociais básicos, tais como saúde, educação, saneamento, habitação, emprego, etc. –, o exercício da cidadania consiste fundamentalmente em transformar o direito formal a todos esses serviços, garantidos na Constituição, em realidades concretas, efetivas na vida do povo. Finalmente, o exercício da cidadania nos tempos moderno e pós-moderno não se estende sem o reconhecimento das diferenças, das singularidades e das especificidades das pessoas, dos grupos, dos movimentos. Impõe-se viver numa sociedade em que predominem o pluralismo, o respeito e o convívio civilizado nas relações diárias com os inúmeros diferentes.

O que encontramos nos recortes de discursos e representações dos moradores dos diversos bairros pesquisados, sobre o tema da cidadania e a perspectiva estética da felicidade ou bem-estar para todos ilustra bem esta utopia projetada.

“Ser feliz é poder fazer parte de um grupo, como este que eu participo.”
(José Raimundo)

“Ser cidadão é fazer parte desta parte da cidade onde moro.” (Catarina)

“Ser cidadão é ter direito a viver na cidade e poder lutar com os companheiros por mais justiça.”

“Ser feliz é poder ajudar nesta creche, eu me sinto mais cidadã.” (Maria)

A estrutura cotidiana se apresenta fragilizada nos grandes centros urbanos, ocupados por cidadãos amedrontados, amontoados nas periferias, vindos de cidades distantes em busca de trabalho.

“Na cidade da gente deveria ter serviço pra gente não ter que ir embora.” (Jandira)

“A gente tá aqui e tá com saudade do lugar da gente.” (Amália)

Cidadãos são semi-alfabetizados, alegram-se ao desvendar os mistérios ocultos atrás das letras.

“Tive emoção na maternidade: eu consegui assinar meu nome em todos os papéis.” (Raimunda)

Cidadãos que, ao realizar o sonho de possuírem documentos, aproximam-se da cidade, colocam-se como reis de um reinado distante.

“Agora ela tem o registro e pode ir até para o estrangeiro.” (Raimundo, conseguiu registrar a filha Raquel, com 3 anos de idade)

Cidadãos simples, que agarram-se às poucas oportunidades que a vida oferece, tornando o cotidiano um movimento.

“Estou tentando a oportunidade que eu não tive.” (Domingas)

“Tem letra que eu ouço aqui e fica na mente.” (Das Dores)

A vida desses homens e mulheres espalha-se por inteiro na varrição das ruas, no desemprego, nas calçadas, no lixo, nas doenças, na participação e exclusão, no medo e na ousadia, na manhã que se faz noite, na noite que some para dar lugar à manhã. São os homens todos e inteiros que habitam a cidade. Formam a orquestra da cidade, com instrumentos heterogêneos estabelecem prioridades, entoam a canção desafinada de batidas difíceis e desencontradas.

Cada quarteirão apresenta-se como espaço urbano que, no fragmento, abriga o todo, reproduz a cidade, influencia e sofre influência, estabelece uma rotina e utiliza os serviços, troca relações e expõe as dificuldades, aproxima-se e distancia-se, esconde cidadãos, mascara as decisões.

No quarteirão, os cidadãos chegam e saem, nada dizem, usufruem da cidade, distanciam-se dela, cuidam da cidade, descuidam dos espaços. Muitos autores estudam e afirmam a suposta crise da cidade, sua quase impossibilidade de retratar todos os universos sociais simbólicos que ali se ajuntam e coabitam. Trata-se de uma crise de pertencimento, uma dilacerante condição de abandono ou impossibilidade espiritual de totalidade. APAP (2002) nos adverte:

A crise de hábitat coletivo nas cidades é, acima de tudo, a crise da cidade no sentido cívico, isto é, a crise do vínculo social. A periferia é transformada em uma questão local, e não se pensa que o que lá ocorre é transformada em uma questão da cidade no singular, portanto, do vínculo social e político, que ultrapassa seus bairros. A grande cidade é o lugar, por excelência, da segregação social, cultural e política, assim como espacial. Muitas vezes, as pessoas acabam na periferia depois de se afastarem de forma progressiva dos locais de origem, terminando nesse espaço que não foi escolhido e onde se sentem desarraigadas. Isso dá origem à sensação de fatalidade das pessoas, que se convencem de que nunca vão poder sair de lá e que não pertencem mais a uma coletividade, pois esta as rejeitou. Esses excluídos vêem que seu destino escapa cada vez mais de suas mãos e, pouco a pouco, deixam de exercer sua cidadania. A integração passa a ser apenas uma palavra. E o sentimento de não pertencer mais a uma coletividade permite o desenvolvimento exacerbado do sentimento comunitário, em que a diferença, pretexto dessa exclusão, se torna reivindicação e fechamento.

No quarteirão o cidadão “é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade”, nos termos que entende HELLER (1989), anteriormente referidos. Urge mudar o ponto de observação, inaugurar projetos simples, de baixo custo, onde o cidadão possa começar a observar o seu espaço urbano próximo, remodelando o desenho, refazendo caminhos.

A lentidão do processo se contrapõe à rapidez da sociedade de consumo, que rapidamente descarta o cidadão e espera gestos grandiosos, heróicos. A lentidão do cidadão na descoberta do seu quarteirão traz a velocidade do prazer, pelo desejo de ser e participar. O tempo apresenta-se submerso na experiência, forma-se o cidadão na rapidez, que o carrega para outras esferas de participação. A fragilidade dos projetos participativos distancia-se da precisão, pois sendo realidade e histórica, apresentam-se imprecisas, confusas, o que é sonho para um bairro, nada significa para outro.

O ônibus e o asfalto, o posto de saúde para o bairro do Ipiranga tornam-se desejos de cidadãos, a segurança para o bairro Alto da Boa Vista tem a importância da luz elétrica para a favela do Alto do Ipiranga. Nada é exato, porque tudo é espiral, é movimento. São mudanças, contradições e diferenças. Na mesma cidade, conjuntos de interesses se expressam de forma heterogênea.

Dar visibilidade à cidade, eis a tarefa, torná-la nítida, transparente a todos os seus cidadãos. Não cair no confuso e passageiro fantasiar, mas colocar foco na construção de um projeto de cidade. Definir prioridades e avançar no desenho do espaço urbano, permitindo que o grito sufocado possa recuperar, a capacidade de criar o novo. Criar a cidadania planetária.

*Conheço muitos que andam com uma folha
Que contém o que necessitam.
Quem chega a ver a lista diz: é muito.
Mas quem a escreveu diz: é o mínimo.
Alguns no entanto mostram orgulhosos sua lista.
Que contém muito pouco.*

Bertolt Brecht

A cidade é a pátria próxima, aquela que pode mudar, que pode sofrer intervenções. A cidade é a pátria do cidadão.

2.1 Esta pátria, cidade onde habitam os cidadãos, expõem os interesses e conflitos do espaço urbano!

Tanto as autoridades governamentais ligadas à política de habitação quanto os representantes do capital imobiliário referem-se freqüentemente à questão da habitação em termos numéricos ou projeções de unidades isoladas a serem construídas. Essa forma simplista de tratar o tema ignora que a habitação urbana vai além dos números e das unidades. Ela deve estar conectada às redes de infraestrutura (água, esgoto, energia elétrica, drenagem pluvial, pavimentação) e ter o apoio dos serviços urbanos (transporte coletivo, coleta de lixo, educação, saúde, abastecimento). Se, na zona rural, algumas dessas necessidades podem ser resolvidas individualmente, na cidade sua inexistência pode inviabilizar a função da moradia ou acarretar danos sociais e ambientais, além de exigir sacrifícios por parte dos moradores. É o que acontece na periferia ilegal e sem urbanização. As distâncias a serem percorridas pelos transportes públicos são imensas, absorvendo para isso uma parte fundamental de cada dia do trabalhador, morador da periferia.

O acesso à moradia está ligado ao seu preço que, por sua vez, depende da sua localização na cidade. Quando alguém compra uma casa, está comprando também as oportunidades de acesso aos serviços coletivos, equipamentos e infraestrutura. Está comprando a localização da moradia, além do imóvel propriamente dito. Edifícios residenciais de mesma área, mesmos materiais de construção e mesmos acabamentos, têm preços diferentes, dependendo de onde se situam: num bairro com transporte abundante, praças, escolas, arborização e iluminação, ou na periferia, que reúne carências múltiplas e onde o número de homicídios é mais alto, pois o serviço da polícia se faz de forma distinta da cidade, priorizando a defesa dos patrimônios pessoais. Até mesmo o tipo de vizinhança interfere na valorização de

imóveis e terrenos. Ao colocar-se o valor do imóvel, há conflitos subliminares não expressos. A proximidade com uma favela, ou com um conjunto habitacional de casas populares, a violência ou a falta de saneamento básico, interferem no ou definem o valor dos imóveis.

A valorização imobiliária, ou seja, a propriedade que tem os imóveis de se valorizarem, está na base da segregação espacial e da carência habitacional. Em torno dela, ou seja, em torno da apropriação da renda imobiliária, é travada uma surda luta no contexto urbano. Fazendo um raciocínio muito esquemático, de um lado estão os usuários da cidade, os trabalhadores, aqueles que querem da cidade condições para tocar a vida: moradia, transporte, lazer e vida comunitária. Esses vêem a cidade como valor de uso. Do outro lado estão aqueles para quem a cidade é fonte de lucro, mercadoria, objeto de extração de ganhos. Esses encaram a cidade como valor de troca. A luta, que se trava na cidade pela apropriação da renda imobiliária, é a própria expressão da luta de classes em torno do espaço construído.

Em determinados momentos históricos podem surgir contradições, mesmo no interior do capital imobiliário, na disputa por maiores ganhos pelos diferentes setores. Por exemplo, entre o capital chamado improdutivo (proprietários de terra, incorporadores) e o capital produtivo (financiamento, construção, materiais e equipamentos) podem surgir conflitos. A retenção especulativa da terra urbana pode ferir os interesses do capital de construção e de financiamento, que necessitam de terra a cada novo empreendimento. A retenção de terra para fins de valorização pode impor limites ao capital produtivo, não só porque ela constitui um insumo necessário para a produção, mas também porque seu encarecimento pode reduzir a margem de lucros, favorecendo os empréstimos. Esses conflitos não se verificam, quando é o próprio capital produtivo (construtores e financiadores) que se apropria de uma parcela da renda fundiária, isto é, quando os proprietários de terra são, por exemplo, os próprios construtores ou banqueiros. É muito comum no Brasil a terra ser guardada como patrimônio ou reserva de valor por indústrias, banqueiros ou construtores.

Os trabalhadores também não deixam de apresentar conflitos entre si. A propriedade privada da moradia pode ser um fator de divisão entre os trabalhadores que são proprietários, privados e podem ganhar com a valorização do seu imóvel e os não proprietários, que desejam o barateamento da mercadoria habitação. Esse caráter conservador da casa própria tem sido utilizado pelas classes dominantes como um fator de subordinação ideológica dos trabalhadores. Em diversos momentos históricos, os empresários utilizaram a moradia para controlar seus operários.

2.2 Considerações parciais.

Ao final deste segundo capítulo, depois de apresentar algumas categorias de investigação, próprias de nosso método, tais como a urbanidade, a cidadania, o bairro, a cotidianidade, o discurso e a representação da vida diária, perguntamos: afinal, em que consiste a cidadania?

Com relação ao tema que empreendemos investigar, a cidade e a educação para a cidadania, esta resposta precisa de amplas qualificações para abarcar todas as nossas possibilidades políticas.

PINSKY (2003) nos ajuda a decifrar este enigma:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade, perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, a uma velhice tranqüila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço.

Esta é a dinâmica que pretendemos descobrir nos bairros, nos discursos e nas aspirações dos moradores dos bairros de Ribeirão Preto, no capítulo seguinte. Esperamos encontrar ali as fontes de nossas categorias, de modo a articular a

apreensão da cidade na prática educacional e escolar, no trabalho pedagógico de construir nas crianças a percepção de si, seu espaço, e do *outro*, seu companheiro na longa e desafiadora viagem da vida e da cultura.

CAPÍTULO III

A CIDADE E O QUARTEIRÃO: a conquista da Identidade no espaço urbano.

... Se me perguntarem o que é minha pátria, direi:
Não sei. De fato não sei.
Como, porque e quando a minha pátria.
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sol e a água.

Vinícius de Moraes

No presente capítulo, pretendemos descrever a pesquisa fundante de nosso trabalho de investigação, a saber, a busca dos recortes de identidades e representações dos moradores sobre o bairro e a cidade onde viviam. Descrevemos aqui o universo de cada bairro, as questões levantadas na pesquisa, o instrumental de coleta e as regularidades e temáticas levantadas. Buscamos conhecer os moradores, suas opiniões sobre o bairro, suas expectativas, opções políticas conjunturais, suas motivações e envolvimento com as dinâmicas da vida cotidiana, desde as formas de compreender as estruturas urbanas até a vivência do lazer, entre outros. Fizemos a pesquisa em sete bairros escolhidos, com o objetivo de verificar as dificuldades e os conceitos pesquisados, para, posteriormente, elaborarmos a pesquisa que seria utilizada pelas crianças na escola, para organizar os dados de observação dos quarteirões.

Realizamos a pesquisa nos quarteirões escolhidos aleatoriamente, entre os bairros identificados para obtenção de amostragem de diferentes concepções de espaços urbanos. Estes sete bairros apresentam uma heterogeneidade histórica e estrutural, embora apresentem aspectos comuns, há uma diversidade entre eles, porém há um movimento de semelhança das relações e dos serviços básicos.

Fizemos um sintético histórico e uma pequena explanação do bairro, posto que o foco desejado, seria nos concentrar nas relações entre o cidadão e a cidade, dentro do microssistema do quarteirão. São estas relações que expressam o todo, carregam o corpo inteiro da cidade, expõem os serviços essenciais e a vida do cidadão. Há uma homogeneidade nas relações.

Os conflitos apresentados nos colocam as possibilidades de intervenção, de mudança de paradigma. Entendemos aqui este conceito no sentido de KUHN (1962):

Paradigma é um conjunto de 'crenças, valores e técnicas' que caracterizam um 'sistema de pensamento', determinando uma visão de mundo que confere homogeneidade à produção científica e à organização da sociedade.

Quando elaboramos e aplicamos a pesquisa de campo, pudemos nos deparar com aspectos e relações, que não havia sido incluída em nossa pesquisa. Foi através desses resultados que organizamos o roteiro, posteriormente, desenvolvido por alunos do ensino fundamental.

Quando nos propusemos a iniciar por uma pesquisa de campo, antes de propor um projeto para ser desenvolvido na escola, tínhamos a necessidade de testar, observar e colher dados, que fossem suficientes para elaboração de uma metodologia para escola. Poderíamos dispensar este procedimento, mas não poderíamos construir uma metodologia sem a clareza de que, no espaço do quarteirão, as relações entre cidadão e espaço urbano ocorrem de forma mais próxima.

Foi com a pesquisa nos bairros que tivemos a certeza da necessidade de conhecer a história antes de clarear as informações do cotidiano, foi na pesquisa com os bairros, que pudemos chegar na proposta de um projeto pedagógico para escola.

Tratava-se da busca de um planejamento escolar participativo, que no dizer de VEIGA (1995), assim se define:

O planejamento participativo propõe e pode implementar intervenções coletivas sobre o social, refletidas e conscientes. Ainda que venha desenvolver-se em microespaços do social, pode desempenhar uma atuação estratégica e construir sentido. Essa possibilidade existe porque os microespaços, ao reproduzirem a heterogeneidade do social, passam a conter, a seu modo, elementos estruturais deste.(...) E, se chegar a estabelecer intervenções democraticamente planejadas, com sustentação teórica para serem suficientemente incisivas e clareza política que permita o avançar e o retroceder quando necessário, o planejamento participativo poderá contribuir para o estabelecimento de mudanças significativas no curso das águas da 'enxurrada' a que nos referimos.

A pesquisa de campo foi realizada a partir de um estudo da planta da cidade e dos indicadores socioculturais, de tal forma que procuramos bairros heterogêneos quanto às suas histórias e os problemas apresentados. Nosso objetivo ao escolher

sete bairros diferentes e não aleatórios era preencher a necessidade de identificação do espaço urbano. Tratava-se de uma determinação intencional de resgatar a totalidade da percepção da cidade.

Após a escolha dos bairros, selecionamos uma rua aleatoriamente em cada um deles. Nestas ruas, também de forma aleatória, escolhemos um quarteirão. Em cada quarteirão sorteamos cinco residências para efetuarmos as entrevistas. Em cada casa, solicitamos que um morador respondesse a entrevista, que foi organizada de forma a permitir informações sobre todos os habitantes da casa, bem como retratar as condições de vida daquele núcleo familiar.

Essas informações estão descritas nas tabelas referentes a cada bairro. Simultaneamente às entrevistas, coletamos informações a partir da observação do espaço do quarteirão.

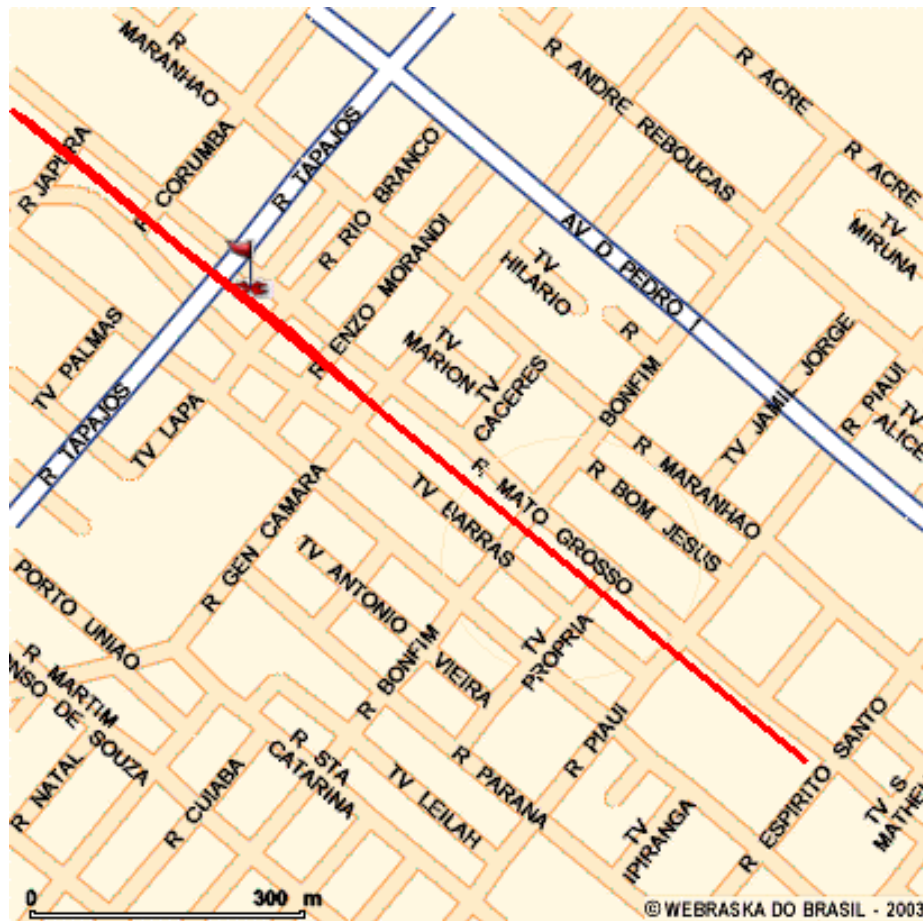
A descrição das observações dos quarteirões pesquisados nos permitiu contextualizar esses microssistemas urbanos. O objetivo da pesquisa é, sobretudo, a descoberta do modo de vida das pessoas, a organização do espaço público (a rua), a interligação dos diversos fatores que compõem esse nicho dos cidadãos. Este objetivo sociológico e político pretendia ser tomado como a base da dimensão educacional e pedagógica. Da realidade social e política resgatada para a sala de aula, a traduzir-se em um movimento de formação política das crianças em busca de sua emancipação.

Nosso interesse ao desvendar esse universo foi buscar um caminho a ser traçado com crianças e adolescentes do ensino fundamental, visando uma intervenção no espaço urbano, a partir do conhecimento da realidade. Buscamos desenvolver nos alunos a percepção da cidade, a partir da dinâmica da escola, com a perspectiva da interdisciplinaridade, que VEIGA (1995) nos explicita como:

A globalidade do processo educativo e sua complexidade tornam imperioso que se busque um nível de interdisciplinaridade e de complementaridade epistemológica para dar conta da consecução dos fins educacionais.

Organizamos a pesquisa no quarteirão para que, a partir dos dados levantados, pudéssemos compreender melhor o cotidiano dos cidadãos. As entrevistas revelaram uma diversidade entre os habitantes dos diferentes bairros.

Nos bairros do Ipiranga, Vila Abranches, Quintino Facci e Alto do Ipiranga o lazer mais freqüente consiste em assistir TV, enquanto que no Jardim Irajá e Alto da Boa Vista, os moradores declararam que vão ao clube e ao cinema nos momentos de lazer. Contrastes e diferenças foram aparecendo à medida que a cidade ia sendo desvelada na trama da fala de seus moradores, de seus habitantes. Com esta grade de sentido e de representações, pudemos montar um retrato da diferenciação sócio cultural da cidade e seus universos simbólicos e coletivos.

BAIRRO: IPIRANGA

Denominação primitiva: “Barracão”, cuja sede era na região do Núcleo Colonial “Antônio Prado”, Parque Infantil “Antônio Prado”, desde 1948, perto da Estação do Barracão, nas imediações do viaduto das avenidas Capitão Salomão e Dom Pedro I. O bairro Barracão era o mais vasto de Ribeirão Preto. Nele estava o Núcleo Colonial “Antônio Prado” (1885-1892). A denominação de Barracão data a partir de 1894. Na década de 1960, o Barracão foi denominado Ipiranga, em campanha popular do radialista Antônio Magrini, da Rádio 79, muito popular na cidade à época.

Bairro do Ipiranga, antigo Barracão, por onde passa a estrada de ferro da Cia. Mogiana, o trem que cortava as ruas empoeiradas do início do século, hoje corta uma grande avenida, provoca congestionamentos gigantes, interrompe o bairro, cria polêmica. Escolhemos ali a rua Mato Grosso, situada bem no meio do Bairro, sorteamos um quarteirão aleatoriamente, um espaço entre os números 1269 e 1447, maior que os demais, espaços extensos naquela rua toda asfaltada. Procuramos pelas “bocas-de-lobo” ou “bueiros”. Não havia. Toda água é escoada até a proximidade da esquina. Fomos ao DAERP – Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto e nos informaram que por ser um bairro antigo, “não havia galerias pluviais, e toda água das sarjetas precisaria escoar até pontos mais distantes...”

As casas possuíam calçadas, ao todo 32 casas construídas por todo o espaço. Casas simples, muros baixos, algumas até de tijolo à vista, árvores plantadas em suas portas, desiguais, às vezes inadequadas para o espaço, colocadas ali pela vontade de seus moradores, sem um preparo, sem planejamento ou organização racionalizada do espaço.

Cinco estabelecimentos comerciais, sendo dois bares simples, porém azulejados, uma casa de massas, com vitrines que tentam atrair os transeuntes, dois salões para alugar (desocupados), um terreno vazio, ocupando quase meio quarteirão, o mato alto, esconde lixos, não há muros, apenas insetos espalhados por toda sua área. A água daquele quarteirão é proveniente de um dos poços artesianos que abastecem todo o município.

O esgoto vai para um córrego próximo, afluente do rio Pardo, colaborando para que o rio tenha um alto índice de poluição. Apesar de não haver coleta seletiva de lixo, há um caminhão de coleta 03 vezes por semana.

A primeira casa, primeira fonte da pesquisa, a casa número 1207, reunia 04 pessoas, sendo 1 costureira, 1 ajudante de lava-rápido, 1 criança, um desempregado. Um deles cursou até 8ª série do 1º grau, 2 cursaram até a 4ª série do 1º grau, e uma criança pequena. No momento da entrevista, não havia nenhum doente na casa. Todos são naturais da cidade de Franca (SP), “ouvir um som” e fazer festas são as atividades de lazer mais freqüentes.

A casa é própria e possuem uma moto como meio de locomoção. À noite assistem a TV, dizem que apesar de algumas desavenças, vivem razoavelmente bem, consideram a dificuldade financeira o maior problema da família. O maior sonho seria casar os filhos com saúde e paz. Para essa costureira simples, ser feliz é “estar bem com quem você ama, ter saúde e paz”. “Saúde é não ter doenças graves, não ficar doente.” Acha o bairro ótimo para trabalhar e estudar.

Na eleição de 1996, um dos itens do roteiro de entrevistas para buscar conhecer as opções políticas municipais, votou no prefeito Jábali (PSDB) “porque confiou nas promessas”.

Quanto ao lazer, outro tópico da entrevista, a resposta foi que a casa gostam de ouvir rádio, a FM é uma grande atração; na TV os filmes e as novelas são os programas mais freqüentes. A renda familiar gira em torno de R\$ 1.500,00.

A segunda fonte foi a Casa nº 1321. Ali havia 5 pessoas na casa, um técnico de som e 4 desempregados. Cursaram até a 4ª série do 1º grau e 6ª série do 1º grau, na casa encontramos uma criança com Síndrome de Down. Naturais de Ribeirão Preto (SP), essa família se diverte assistindo a TV e escutando música, a casa é própria, não possuem carro, possuem geladeira, fogão, TV e aparelho de som.

A vida é “levada com muitas dificuldades, muito trabalho, sem brigas e com saúde”. À noite, assistir filmes e novelas é a única diversão que esconde a maior

dificuldade, que é a financeira. O grande sonho é “ter muita saúde e felicidade”, consideram “ter saúde e harmonia no lar como ser feliz; e saúde é não ter doenças graves. “A cidade é sociável, boa de viver, adora o bairro onde sempre morou.”

Votou em Sérgio Roxo (PT) para prefeito na eleição de 1996, é filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores). Gosta de ouvir rádio FM e assistir a filmes na TV. Nos finais de semana, trabalha, tem a renda familiar igual a 1 salário mínimo.

Na casa terceira, de número 1323, moram 6 pessoas. Uma trabalha de auxiliar de escritório, 1 menor, 1 idoso e 3 desempregados, sendo que 3 cursaram até a 4ª série do 1º grau, 1 até a 8ª série (1º grau), 1 até o 2º grau, 1 é analfabeto, um dos moradores é cardíaco e todos adotam como lazer assistir TV, são naturais de José Bonifácio (SP), moram em casa de aluguel, não possuem carro, apenas eletrodomésticos: geladeira, fogão, TV, som microondas, batedeira, liquidificador e ferro.

A cidade, segundo eles “é difícil por causa do desemprego” (3 pessoas na casa), a maior dificuldade é conviver com o desemprego, o maior sonho é a casa própria, ser feliz é ter o essencial para viver. Saúde é ter o essencial e não precisar de médicos e remédios. Gostam do bairro e votaram no candidato do PT na última eleição, “porque tinham certeza que seria melhor”.

Têm o hábito de ouvir rádio, sem preferências definidas, na TV os programas preferidos são as novelas, nos finais de semana o lazer se resume em visitas a parentes e assistir a TV. A renda familiar é de R\$ 350,00.

Na quarta casa, nº 1331 vivem um pedreiro e uma dona de casa. Ele cursou até a 7ª série (1º grau) e ela até a 4ª série (1º grau). O lazer do casal consiste em receber os netos e fazer visitas. São naturais da cidade de São Paulo (SP), residem em casa própria. Não possuem carro, apenas alguns eletrodomésticos: geladeira, fogão, TV, som, enceradeira, batedeira e liquidificador. A vida para esse casal é “simples”, pois eles já casaram os filhos, agora basta ajudar a “criar os netos”. À noite, assistem a TV, têm um sonho de viajar. Ser feliz é levar a vida com saúde.

Saúde é “não precisar de remédios e médicos”. Gostam do bairro, votaram no candidato do PT na última eleição para prefeito, “porque é melhor”.

Gostam de ouvir um pouco de rádio, sem preferência de programa, na TV assistem às novelas. Nos finais de semana, recebem os filhos e netos. Sobrevivem com R\$ 300,00 por mês.

Na casa de nº 1416 moram 5 pessoas. Foi a quinta fonte. Uma dona de casa e 4 auxiliares de firma. Sobrevivem com R\$ 700,00 por mês. 4 pessoas cursaram até o 2º grau e 1 até a 4ª série do 1º grau. Gostam de ir a festas, são naturais de Ribeirão Preto, moram em casa própria, não possuem carro, apenas eletrodomésticos: geladeira, fogão, TV, som, enceradeira, batedeira e liquidificador. A vida é de “muita luta e harmonia”. À noite assistem a TV e consideram a maior dificuldade a falta de um veículo. Uma das pessoas sonha em se formar em Direito.

Ser feliz é ter saúde, amigos, concretizar um sonho, ter saúde, e não ficar doente. Acham a cidade boa, “mas está ficando perigosa”. Votaram no candidato do PSDB para prefeito, porque “sendo empresário, seria ótimo prefeito”. Ouvem rádio FM, na TV assistem Jornal Nacional e novelas, nos finais de semana visitam os familiares.

Neste bairro de classe média baixa, onde as casas simples abrigam sonhos pequenos, encontramos um baixo nível de escolaridade, que pouco ou quase nada despertaram nesses cidadãos, que se contentam em assistir pacificamente a TV, não conhecendo outras formas de lazer. Dependem dos transportes coletivos, resumem a vida com simplicidade, sonham com o emprego e vivem assombrados com o fantasma do desemprego. Acreditam na saúde como essência da vida, “não ter doenças” passa a ser uma grande vantagem para esses cidadãos que nunca viram um centro cultural, um clube, um teatro, restaurante ou outros lugares de lazer. A pequena renda familiar faz malabarismos para chegar até o final do mês. Não há sobra para sonhos, passeios, viagens, festas...

O lazer que chega a esses lares via TV, traz a passividade e resignação diante da vida. Trata-se da forma de lazer alienado da sociedade de massas ou de consumo, presas da indústria cultural.

Um sentimento de que não é preciso mais do que o mínimo, condiciona esses seres humanos a desejarem poucas coisas. Ainda acreditam nos políticos e votaram para prefeito na expectativa que tudo seria melhor. Estabeleceram uma relação de simpatia com o bairro onde residem. Ao conversarmos com esses cidadãos, chocamo-nos com o olhar cabisbaixo, tímido, pouco ousado e lembramo-nos de todas as teses neoliberais e das regras de mercado. O mercado precisa de líderes bem capacitados, criativos, com espírito de liderança, que saibam duas línguas estrangeiras, informática, que tenham experiências no exterior.

Voltamos nosso olhar para os pacatos cidadãos do Ipiranga, sonhando com um emprego, com uma casa própria, com a saúde. Contraste deste cenário com o que desejamos para a realidade de nossa ação política e educacional, conquistar o desenvolvimento sustentável e ecologicamente correto. No dizer de GADOTTI (2001):

O desenvolvimento sustentável, ao nosso ver, só pode, de fato, enfrentar a deterioração da vida no planeta na medida em que se associar a um projeto mais amplo, que possibilite o advento de uma sociedade justa, eqüitativa e includente, o oposto do projeto neoliberal.

A globalização diminui as distâncias. O mundo conectado via Internet torna-se cada vez mais interligado e nós perguntamos o que será deste exército de excluídos, sendo que a distância tem se tornado cada vez maior. DEMO (1996) avança ainda mais na constatação desta realidade:

Ser pobre não é apenas não ter, mas sobretudo, ser impedido de ter, o que aponta muito mais para uma questão de ser do que de ter.

Ao observarmos o gráfico das diferenças salariais no Brasil, eclode o distanciamento entre os 20% mais ricos do país e os 20% mais pobres. A distância salarial entre esses grupos de cidadãos, expõe o profundo contraste, o processo de exclusão social e sobretudo, o caminho longo a ser percorrido em direção à construção da cidadania por grande parte dos cidadãos.

As tabelas que registram as informações colhidas nos bairros são pequenos fragmentos do conjunto de categorias que estamos buscando, no rumo da elaboração de um projeto pedagógico, que aproxime o cidadão da cidade e de sua luta por relações saudáveis.

Rua Mato Grosso, nº 1269 ao nº 1447

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	1 – lava-rápido; 1 – costureira
QUANTOS DESEMPREGADOS	2
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – 8ª série; 2 = 4ª 1º grau; 1 criança pequena
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Fazer eventos (som e festas)
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Moto – Turuna – Honda
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, TV, som, videocassete
CONTAR COMO É A VIDA	Viver bem com algumas desavenças, mas razoavelmente bem
NATURALIDADE DA PESSOA	Franca
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Casar e criar filhos com saúde e paz
O QUE É SER FELIZ	Estar bem com quem você ama, saúde e paz
O QUE É SAÚDE	Não ter doenças graves; não ficar doente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosto muito, é ótimo para trabalhar e estudar
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jábali, confiou nas promessas
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim, Califórnia FM
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Filmes e novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Eventos, festas e passeios
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.500,00

CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	1 – autônomo (técnico de som)
QUANTOS DESEMPREGADOS	4
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – 7ª série 1º grau; 1 – 6ª 1º grau; 1 – 4ª série 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Sim. Síndrome de Down
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV; escutar música
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, TV, som
CONTAR COMO É A VIDA	Com muitas dificuldades, muito trabalho; sem brigas; com saúde
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem novelas e filmes
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Ter muita saúde e felicidade
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde, harmonia no lar
O QUE É SAÚDE	Não ter doenças graves
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Sempre morou no bairro; adora a cidade; acha sociável e boa de viver
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. É filiado ao partido
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Clube FM
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Filmes
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalha
RENDIA FAMILIAR	1 salário mínimo

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	7
ONDE TRABALHAM	1 – escritório; 1 – autônomo; 1 – menor; 1 – idoso
QUANTOS DESEMPREGADOS	3
QUANTOS ALFABETIZADOS	3 – 4ª série; 1 – 8ª 1º grau; 1 – 2º grau completo; 1 – analfabeto
DOENTE/DOENÇA	Sim. Cardíaco
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, freezer, microondas, batedeira, liquidificador, fogão, ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Com bastante dificuldade por causa do desemprego (no caso, 3)
NATURALIDADE DA PESSOA	Paulista. José Bonifácio
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistir TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Conviver com o desemprego
QUAL O MAIOR SONHO	Casa própria
O QUE É SER FELIZ	Ter o essencial para viver
O QUE É SAÚDE	Tendo o essencial para viver, não precisar de médico e remédios
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Acho ótimas
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Porque tem certeza que seria o melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Não tem preferência
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Assistir TV e visitar familiares
RENDIA FAMILIAR	R\$ 350,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	Pedreiro e do lar
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – até 4ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Receber os netos e fazer visitas
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, freezer, batedeira e liquidificador
CONTAR COMO É A VIDA	Simples. Os filhos já se casaram, agora é ajudar a criar os netos
NATURALIDADE DA PESSOA	Paulista
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Não tem
QUAL O MAIOR SONHO	Viajar
O QUE É SER FELIZ	É levar a vida com saúde e feliz
O QUE É SAÚDE	Não precisar ir ao médico e tomar remédios
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosto muito
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Porque é melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Ouve pouco. Sem preferências de programas
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Recebemos os filhos e netos
RENDIA FAMILIAR	± R\$ 300,00

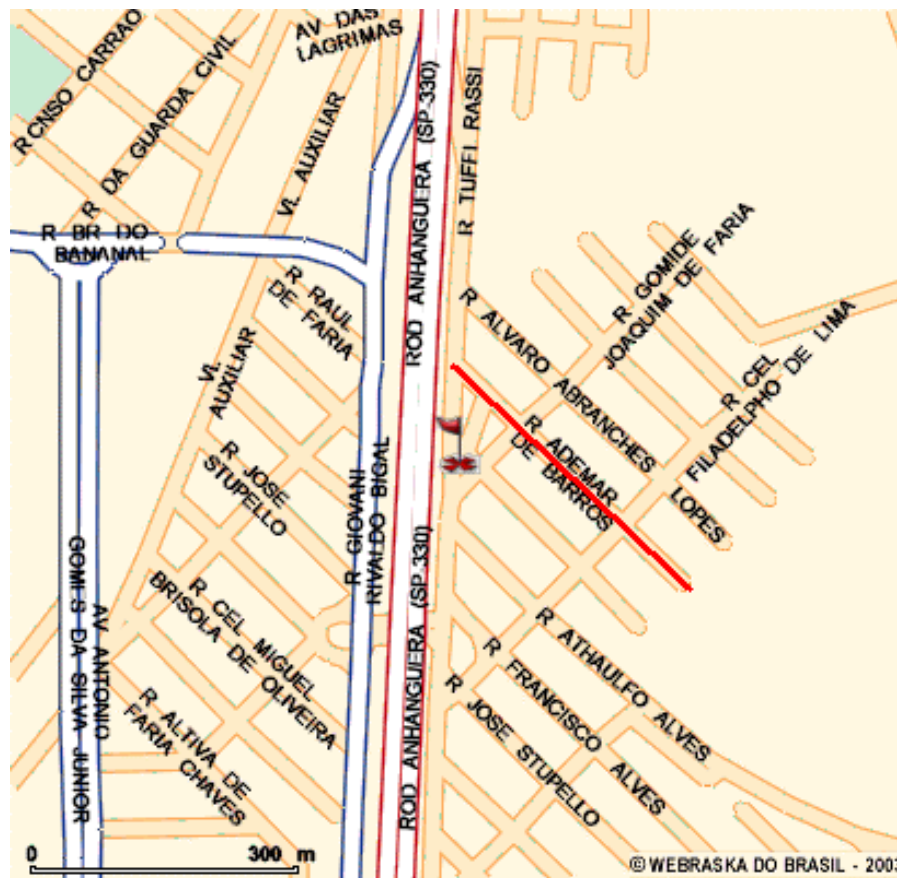
CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	4 – 0 firma; 1 – do lar
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – 4ª série 1º grau; 4 – 2º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ir a festas
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, liquidificador, batedeira, TV, som, enceradeira
CONTAR COMO É A VIDA	Muita luta e harmonia
NATURALIDADE DA PESSOA	Paulista. Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistir TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	A falta de um veículo
QUAL O MAIOR SONHO	Se formar em Direito
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde, amigos; concretizar meu sonho
O QUE É SAÚDE	É nunca ter ficado doente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	O bairro: bom; a cidade: está ficando perigosa
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Acho que será um ótimo prefeito pois já é um ótimo empresário
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Conquista FM
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Jornal Nacional e novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Visitar a família, passear, etc.
RENDIA FAMILIAR	R\$ 700,00

A visita ao bairro nos permitiu observar aspectos do ambiente e as entrevistas apresentaram um panorama da vida das pessoas que ali habitam.

Na breve síntese do que encontramos pelo bairro, registramos aspectos relevantes, que expõem aquele espaço urbano com suas características próprias, com histórias de vidas que são fiéis retratos do cotidiano desta parcela da população.

Neste momento, não faremos aprofundamento dessas questões, pois nosso objetivo é focado na meta de levantar categorias, que possam ser inseridas na pesquisa a ser realizada pelos alunos. É para pesquisa na escola que direcionamos o trabalho, como meio de construção de ações pedagógicas que possam intervir nas relações interpessoais e no espaço urbano. Voltamos a reafirmar que a pesquisa no bairro serviu de referencial para organização do trabalho pedagógico na escola.

Esta tese se propõe a elaborar questões, que possam contribuir para um projeto da escola emancipadora e produtora de cidadania.

BAIRRO: VILA ABRANCHES

No início do século XX, os povoados foram se formando em torno de antigos núcleos agrícolas ou colônias, sendo que duas delas se sobressaíram: a Vila Elisa (nome da filha de Cândido Alves Teixeira), e a atual Vila Abranches. A família de Paulo Abranches de Farias predominava no núcleo. Na década de 1950, a localidade teve sua predominância sobre outras denominações populares então existentes. Na década de 1960, a denominação se concretizou, com os esforços do vereador Paulo Alves de Faria, que conseguiu a sua oficialização. A Vila Abranches é separada da cidade pela rodovia Anhangüera. Há um isolamento deste bairro em relação ao corpo da cidade.

Inúmeras borracharias, bares, postos de gasolina ao lado das lojinhas pequenas, há uma mistura entre as casas e a sujeira espalhada. Casas velhas,

pinturas desbotadas, pessoas sentadas pelas calçadas tornam o andar pelo bairro assustador. Um garoto nos avisa que o vendedor de abacaxi vende “crack” e maconha, “a banca é só fachada”. Pedreiros, borracheiros, outros trabalhadores braçais e desempregados dividem o bairro com bandidos.

Dona Cacilda nos explica: “o filho do seu Antônio da padaria foi morto pelo pessoal lá da agência...”; “... isso não vai ficar assim, o seu Antonio vai vingar...” Esta senhora refere-se à agência como sendo os homens que comandam o tráfico de drogas no bairro e nos explica que o crime foi por acerto de contas. A língua portuguesa é atropelada pela carência do Ensino Fundamental incompleto e mal feito. Esses migrantes vieram da Bahia e do Paraná. Vieram em busca do sonho. Vieram porque em Ribeirão Preto “tem hospital de graça” (o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto).

Circulam pelo bairro carros velhos, faltando lanternas, com sinais de deterioração; são conduções que ficam guardadas nas oficinas mecânicas dos amigos, pois as pequenas casas não possuem garagens. As casas cedidas, alugadas ou próprias são a central dos que chegam. Os parentes que vêm atraídos pelo “desejo de melhorar a vida”. As noites são dedicadas à TV e os finais de semana, depois do bate-papo na rua, segue-se com o ritual dos programas de auditório.

A renda mensal das famílias vai de R\$ 200,00 a R\$ 1.300,00, o que torna a dificuldade financeira o maior problema, fazendo a casa própria transformar-se em objeto de desejo.

Ser feliz é “ter casa”, “não brigar com ninguém”. Ter saúde “é estar bem”, “estar limpo”. O rádio é muito ouvido, músicas nas FMs e programas populares. Entre o vento seco da rodovia, as queimadas da cana-de-açúcar das usinas e a desesperança das manhãs cinzentas, a Vila Abranches perpetua sua miséria, a violência desvaloriza seus imóveis, jogando seus preços para índices que atraem cada vez mais os despossuídos. Nas tabelas a seguir, um pouco da vida destes cidadãos da Vila Abranches.

Rua Ademar de Barros, nº 311 ao nº 198

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	3
ONDE TRABALHAM	Trabalham no estabelecimento próprio (restaurante)
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – até 8ª série; os outros até 6ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Nenhum
A CASA É PRÓPRIA	Bauru (SP)
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Não
CONTAR COMO É A VIDA	TV, videocassete, som, geladeira, fogão
NATURALIDADE DA PESSOA	Uma vida agitada com muito trabalho
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistir TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	As dívidas
QUAL O MAIOR SONHO	Ter a casa própria
O QUE É SER FELIZ	Morar no que é seu; livrar-se do aluguel e ter saúde
O QUE É SAÚDE	Estar bem fisicamente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bom e a cidade também
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não votou
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim, Conquista
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalha
RENDIA FAMILIAR	O suficiente para sobreviver

CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	2 – trabalham; 1 – criança
QUANTOS DESEMPREGADOS	1
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – até o primário; 2 – analfabetos; 1 – criança
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Passeios e jogar baralho
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Opala
ELETRODOMÉSTICOS	Fogão, geladeira, TV, vídeo, etc.
CONTAR COMO É A VIDA	Às vezes é agitada; às vezes calma
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Vai à igreja; cuida da criança e assiste TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Arrumar um emprego
QUAL O MAIOR SONHO	Ganhar na Sena sozinha
O QUE É SER FELIZ	Estar de bem com as pessoas e com a família
O QUE É SAÚDE	É ser limpo; praticar esportes, etc.
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	A rua é muito suja; a cidade é adequada para o povo
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não votou
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Conquista e Regional
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Globo e Sílvio Santos
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Reúne a família e jogam baralho
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.300,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	1 – borracheiro
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	3 – até 8ª série; 2 – até 5ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV, os filhos jogam bola
A CASA É PRÓPRIA	Não. Cedida
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Fusca
ELETRODOMÉSTICOS	Fogão, geladeira, TV, som, liquidificador
CONTAR COMO É A VIDA	Muito agitada
NATURALIDADE DA PESSOA	Paraná. Ribeirão do Pinhal
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assisti TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	A casa própria
O QUE É SER FELIZ	Uma vida digna, sem brigas
O QUE É SAÚDE	É estar bem física e mentalmente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	É boa, mas suja, muito suja
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Tinha esperanças que fosse continuar o programa
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Conquista e Difusora
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Desenhos e futebol
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Às vezes saem
RENDIA FAMILIAR	R\$ 600,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – até 4ª série do 1º grau; 2 – 2º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ler livros
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	TV, liquidificador, aparelho de som, ventilador, rádio, fogão, geladeira
CONTAR COMO É A VIDA	Como a de todos, simples e muito calma
NATURALIDADE DA PESSOA	Bahia. Santo Amaro da Purificação
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Passear e viajar
O QUE É SER FELIZ	Se sentir realizado tanto no profissional quanto no pessoal
O QUE É SAÚDE	É um bem-estar físico e mental
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	O bairro é bom, a cidade muito boa, mas está violenta
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Porque gosta dele
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Difusora
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Jornal, Globo Repórter, Fantástico
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Ficam em casa
RENDIA FAMILIAR	R\$ 213,00 + serviços extras

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	1 – pedreiro
QUANTOS DESEMPREGADOS	4
QUANTOS ALFABETIZADOS	
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	TV, liquidificador, rádio, geladeira, fogão
CONTAR COMO É A VIDA	Uma vida normal
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistir TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Uma casa para morar
QUAL O MAIOR SONHO	A casa própria
O QUE É SER FELIZ	É ter Jesus em primeiro lugar
O QUE É SAÚDE	Se temos Jesus, temos saúde
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Um bairro bom, muito bom. Se não fosse a violência, seria melhor
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Anulou o voto
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. A Voz da Libertação e Rádio Show
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas e filmes
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Ficam em casa
RENDA FAMILIAR	R\$ 800,00

convívio humano. Perdeu-se, também, a solidariedade entre as pessoas e, em contrapartida, desenvolveu-se o individualismo, o fechamento em si mesmo.

Casas com muros altos, grades, portões fechados e automáticos, garagem para vários carros, jardins impecáveis, flores coloridas, arquitetura planejada. Ruas limpas, terrenos murados e com calçadas. Os interfonos impedem o contato direto com os moradores. Empregados atendem e procuram saber se os patrões nos atenderiam, depois de várias tentativas somos recebidos com desconfiança e medo. Esses cidadãos estão ilhados em suas fortalezas. Na sua maioria, são pessoas com formação universitária e atividades profissionais bem definidas.

Esses cidadãos, que moram confortavelmente, elegeram o cinema, os clubes, seus sítios e chácaras para lazer de final de semana. Todos moram em casa própria, com carros novos, geralmente modelo luxo. Naturais de Ribeirão Preto e região, possuem uma vasta coleção de eletrodomésticos. A vida se resume em trabalhar e ficar em casa, os passeios noturnos são ir ao shopping, ou ficar em casa ouvindo música e vendo TV. Poucas dificuldades apontadas, os sonhos são variados, construir uma casa maior, ver os filhos se formarem, ter saúde...

Ser feliz é “fazer o que se gosta”, “amar, dinheiro”, “se conformar com o que vem”. Ter saúde “é estar de bem com a vida”, “ser feliz”. O bairro e a cidade são considerados bons. Ou não se lembram em quem votaram na última eleição para prefeito, ou votaram no candidato do PSDB por gostar ou por falta de escolha. Quando ouvem rádio, o fazem na FM, as novelas e os canais de TV a cabo são os prediletos. Nos finais de semana andam de bicicleta, freqüentam bares e clubes, vão aos sítios e chácaras. A renda familiar vai de R\$ 2.000,00 até quantias não fixas acima de R\$ 4.500,00. São pessoas elegantes, bem trajadas, desfilando jóias e acessórios de grifes, fala polida. Compõem o outro lado da cidade, a parte nobre, zona residencial. Por contradição, habitam o lado da cidade onde o medo e a insegurança são constantes.

Rua Maringá, nº 245 ao nº 355

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	6
ONDE TRABALHAM	5 – Restaurante Savori; 1 – Shopping
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – 2º grau completo; 1 – até 6ª série; 1 – até 7ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Nenhum
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Fiesta
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, freezer, computador, som, TV
CONTAR COMO É A VIDA	Nada diferente, escola, casa...
NATURALIDADE DA PESSOA	Angra dos Reis (RJ)
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Sair, ouvir música
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Briga em família
QUAL O MAIOR SONHO	Se formar em Psicologia
O QUE É SER FELIZ	Fazer o que gosto
O QUE É SAÚDE	Estar de bem com a vida
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Cidade boa para morar. Bairro parado
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não votou
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Jovem Pan
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novela das 7, Castelo Rá-Tim-Bum
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Anda de bicicleta e patins
RENDIA FAMILIAR	Não tem fixa

CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	1 – arquiteta; 1 – Itaútec
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 formados; 1 – arquitetura; 1 – análise de sistemas
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Clube, cinema
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Pálio
ELETRODOMÉSTICOS	Máquina, ferro, TV, microondas, microcomputador
CONTAR COMO É A VIDA	Trabalho e viagens a trabalho
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Ir ao shopping e cinema
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Vender o sobrado da frente
QUAL O MAIOR SONHO	Se livrar dele
O QUE É SER FELIZ	Amor, saúde e dinheiro
O QUE É SAÚDE	Saúde
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Ama a cidade, tranquila
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Gostou
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Clube, Diário
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novela das 8
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Bares
RENDIA FAMILIAR	R\$ 2.200,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	4 – Hospital Santa Tereza
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	Todos são universitários
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Clube
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Logus
ELETRODOMÉSTICOS	Fogão, microondas, TV, vídeo, som, geladeira
CONTAR COMO É A VIDA	Trabalha quase o dia todo
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Ficar em casa, ver TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Nenhuma
QUAL O MAIOR SONHO	Ver filhos formando
O QUE É SER FELIZ	Estar em perfeita sintonia com a família
O QUE É SAÚDE	É um dom. Fortuna do mundo
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Excelente
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não lembra
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	GNT – canal 53
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Clube
RENDIA FAMILIAR	R\$ 2.000,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	0
QUANTOS DESEMPREGADOS	Aposentados
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – engenheiro
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Cinema
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Mondeo
ELETRODOMÉSTICOS	Aspirador, TV, som, microondas, geladeira, ventilador
CONTAR COMO É A VIDA	Ficar em casa com o marido
NATURALIDADE DA PESSOA	Jardinópolis
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Nenhuma
QUAL O MAIOR SONHO	Ter saúde
O QUE É SER FELIZ	Se conformar com tudo que vem
O QUE É SAÚDE	Ser feliz e ter saúde
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bom. Com saudade do Rio de Janeiro
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Já bali, é íntegro
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim, Melody
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas (Globo)
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Ir à missa e à casa dos filhos
RENDIA FAMILIAR	Não sabe (± R\$ 4.500,00)

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	2 – consultório médico; 2 - Unaerp
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	3 – medicina; 1 – análise de sistemas
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ir ao sítio
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. 5 D-10; Caravan; Kombi; Galaxy
ELETRODOMÉSTICOS	Liqüidificador, som
CONTAR COMO É A VIDA	Ficar em casa trabalhando
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	3 estudam e 2 ficam em casa
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Nenhuma
QUAL O MAIOR SONHO	Construir casa maior
O QUE É SER FELIZ	Ter os filhos certo
O QUE É SAÚDE	Não ter doença nenhuma
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosta muito
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Não tinha escolha
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Jornal Regional e Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Vai ao sítio ou ficam em casa
RENDA FAMILIAR	R\$ 4.000,00

O bairro Alto da Boa Vista abriga uma parcela da população privilegiada pelos bens de consumo e amedrontada pela falta de segurança. O bairro se fecha no medo, existem em seus moradores traços de rupturas com a cidade. O medo os isola, fá-los reféns. Estes moradores, cidadãos, idealizam a cidade, expressam o desejo de vê-la limpa, segura, bonita. Espelham o sonho de uma qualidade de vida melhor.

BAIRRO: QUINTINO FACCI I



Casas iguais, construídas uniformemente, simetricamente traçadas, fachadas simples “escrito em cima que é um lar”, montagem homogênea, que guarda similaridade de seus habitantes, pedreiros, pintores, auxiliares, vendedores, costureiras e empregadas domésticas. Famílias com 4, 5 ou 6 pessoas, com pelo menos 1 desempregado por lar. Dos 19 moradores entrevistados apenas 3 chegaram ao Ensino Médio. Amontoados nos pequenos cômodos, fazem da TV seu lazer mais freqüente, são naturais de Ribeirão Preto ou da região próxima (Luiz Antônio, Franca). As casas, financiadas pelo Sistema Financeiro da Habitação, estão sendo pagas em prestações mensais. Nas garagens, carros velhos ocupam os espaços vazios, fuscas e Brasília, que só rodam para passear nos finais de semana,

pois o dinheiro do salário, quando existe, não permite o luxo da gasolina. A região de Ribeirão Preto possui 17 usinas de açúcar e álcool, mas os carros são movidos a gasolina.

Os eletrodomésticos comprados com carnês e prestações mensais são restritos: geladeira, fogão, televisor, liquidificador e ferro automático, quando sobra dinheiro é o aparelho de som o item mais cobiçado. Nos surpreendemos, quando solicitamos para que relatassem suas vidas, constatamos que o fato de “não haver brigas” era muito significativo, seguido do relato de que tinham “muito serviço”. Apontaram como maior dificuldade a financeira, os sonhos são tão singelos que, diante do mercado neoliberal, do mundo globalizado, tornam-se insignificantes, embora difíceis de serem atingidos. Viajar para rever a família, ter um neto, *operar as vistas*, passear; são sonhos que povoam o imaginário dessas pessoas simples. Com sandálias surradas, roupas que guardam as marcas do tempo, desbotadas, lavadas milhares de vezes, distante das marcas de grifes, cabelos descuidados, pele que abriga as marcas do tempo, cansadas, suadas.

Sonham com a felicidade. Ser feliz para esta gente “é ter saúde e harmonia na família, sem brigas”. “Saúde é poder comprar remédios, viver sem ter que tomar remédios.” O bairro é considerado bom, “embora a prostituição atrapalhe”. Na última eleição para prefeito, todos os moradores deste quarteirão votaram no empresário da construção civil e candidato do PSDB, “acreditaram que ele seria melhor”. Nos finais de semana, além de sentarem nas portas das casas, visitam familiares ou trabalham na faxina das suas residências. A renda familiar oscilou entre R\$ 500,00 e R\$ 1.500,00.

No Quintino Facci II “há um bar em cada esquina”, os homens jogam sinuca, bebem cerveja, discutem futebol e assobiam para as mulheres que passam. As ruas são asfaltadas, com poucas árvores plantadas pelos moradores de forma não planejada, não há terrenos vazios, pois o conjunto habitacional colocou todas as casas lado a lado. A água vem de um poço artesiano, como toda a água da cidade. A coleta de lixo é feita 3 vezes por semana, quando os caminhões passam e recolhem os sacos na rua. Os quintais acumulam restos de toda natureza, garrafas, latas,

papéis, pneus, vasos, coisas quebradas e outras quinquilharias. Esses criadouros de ratos, mosquitos e outros insetos são, segundo a Vigilância Sanitária, os responsáveis pelo aumento da dengue no bairro, bem como de outras doenças.

Olhamos o bairro e encontramos “*uma cidade informal, carente de todos os serviços de infra-estrutura, incapaz, portanto de atender às necessidades mínimas de seus habitantes, constitui a periferia, os bairros pobres*”. (MELHEM ADAS, *Panorama Geográfico do Brasil*, p. 558)

Rua Cajuru, nº 14 ao nº 101

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	1 – Escritório de contabilidade
QUANTOS DESEMPREGADOS	1
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – Faculdade de Ciências Contábeis; 1 – 2ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira; TV; rádio; ventilador e ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Corrida: dá aulas e faz visita de caridade
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Ficam conversando e vai a reuniões
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Passear bastante e viajar
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde, estar ao lado da família
O QUE É SAÚDE	Viver sem ter que tomar remédios
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	O bairro é bom, mas já foi melhor. Gosta da cidade
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jábali. Amigo do marido da entrevistada. Estudavam juntos
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Morandini
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Sílvia Popovic (Bandeirantes); Jornal Bandeirantes
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Fica em casa
RENDIA FAMILIAR	R\$ 500,00

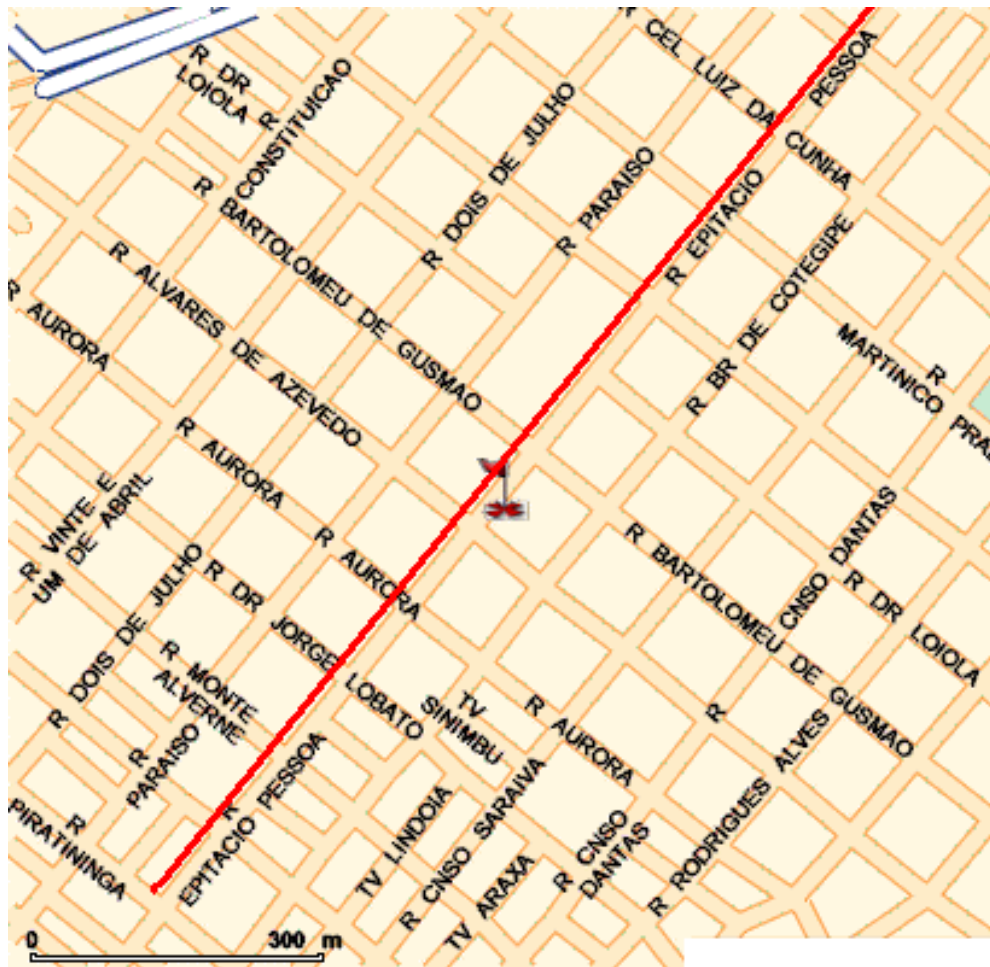
CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	1 – vendedor autônomo
QUANTOS DESEMPREGADOS	3
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – 2º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Fusca e Pick-up
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, freezer, microondas, TV, vídeo, aspirador de pó, sem ferro ventilador
CONTAR COMO É A VIDA	Boa, sem brigas, muito serviço
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Dorme cedo
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Viajar para o Nordeste
O QUE É SER FELIZ	Ter uma família; estar bem de saúde; se relacionar bem com as peessoas
O QUE É SAÚDE	Não sentir dor e não ter que tomar remédios
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Adora o bairro e a cidade. Acho ótimo o bairro, não tem encrencas, as peessoas se conhecem
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jábali: porque acreditou nas propostas
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Diário e Clube FM
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Globo. Filmes
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Passeia; casa da mãe, chácara
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.200,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	3
ONDE TRABALHAM	2 – padeiro (supermercado); 1 – pedreiro aposentado
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – 3ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Sim. Diabete
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Escort
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, TV, som, liquidificador, ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Difícil, pois não ou direito, está com início de problema na visão
NATURALIDADE DA PESSOA	Argentina
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assiste TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Ganhar dinheiro e operar a visão
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde, harmonia em família
O QUE É SAÚDE	Não estar com a diabete alta
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Não conhece muito bem a cidade
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não vota
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não. Problemas auditivos
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Sim. Novelas. Apenas fica olhando
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Sentado no portão da casa
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.000,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	6
ONDE TRABALHAM	1 – pintor (firma de tambor); 1 – vendedora (vigia de calçados); 1 – auxiliar odontológico; 1 – auxiliar de produção (química farmacêutica)
QUANTOS DESEMPREGADOS	2
QUANTOS ALFABETIZADOS	3 – 8ª série; 1 – 5ª série; 2 – 4ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Clube
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, TV, vídeo, rádio, liquidificador, ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Corrida. Muito serviço, dificuldade financeira, sem brigas
NATURALIDADE DA PESSOA	Luiz Antonio (SP)
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV; 1 pessoa estuda
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Casa própria
O QUE É SER FELIZ	Ter paz, alegria, saúde e dinheiro
O QUE É SAÚDE	Não ter doenças graves
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Razoável. Mora perto da av. Brasil. Há muita prostituição. A cidade é boa, mas muito ruim de serviço
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Não gosto do Sérgio Roxo
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalha em limpeza de casa
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.000,00

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	1 – representante comercial; 1 – restaurante; 1 – costureira
QUANTOS DESEMPREGADOS	1
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – 7ª série; 2 – 6ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Clube; esportes
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Monza
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, TV, som, liquidificador, ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Bastante serviço e sem brigas
NATURALIDADE DA PESSOA	Franca (SP)
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assiste TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Ter um neto com muita saúde
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde; não ter brigas
O QUE É SAÚDE	Não ter doença grave; não ter que ir ao médico constantemente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosta do bairro: ambiente bom e a cidade: boa de se viver
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Acredita ser o melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Vai ao clube
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.500,00

BAIRRO: VILA TIBÉRIO



A denominação Vila Tibério vem do nome do agrimensor Tibério Augusto Garcia de Senna. Tibério foi influente dono de terras na região da Vila Tibério, nas décadas de 1870 a 1880, em cujas terras deveria passar a Estrada de Ferro Mogiana, que parou na rua Caramuru, cuja estação ainda existe, quase que na sua forma primitiva, com pequena modificação nas janelas e o acréscimo de água, esgoto e luz elétrica.

Tibério Augusto embargou as obras da poderosa Companhia de Estrada de Ferro e Navegação, não vendendo e nem permitindo o prosseguimento da estrada férrea. Não se sabe bem das razões do embargo, se por questões políticas,

econômicas ou até por falta de registro das terras de sua propriedade. Somente muito mais tarde o que ocorreu entre 1883 a 1886, é que a estrada deu continuidade até a cidade de Batatais. Como foi resolvida a questão do embargo, não há registros.

Existe uma versão de que Tibério Augusto recebera terras do “Coronel” João Franco de Moraes Octávio (dono da fazenda Monte Alegre), pois era casado com a filha deste, Mirandolina Franco do Amaral, do primeiro casamento do poderoso e abastado fazendeiro, que por sinal era fluminense, e ao se estabelecer em Ribeirão Preto, depois de viver em Vassouras, Petrópolis e Descalvado, convidou Tibério Augusto Garcia de Senna para morar em Ribeirão Preto.

Tibério Augusto Garcia de Senna tinha parentesco com Diogo da Rocha Garcia, o famoso Dioguinho, cuja fama é mais conhecida como facínora do que como agrimensor, que era natural de Botucatu; desaparecido e dado como morto por volta de 1892, nas margens do rio Mogi. Muitos crimes praticados a mando de fazendeiros, sem provas elucidativas, foram atribuídos ao rol de Dioguinho e seus acompanhantes.

Tibério Augusto tinha casa na atual praça XV de Novembro, onde hoje (1998) fica o Supermercado Pão de Açúcar, na rua General Osório, e outra casa de moradia na rua Duque de Caxias, que posteriormente foi uma Casa de Saúde (Hospital dos Alemães), e depois a Pensão XV, na esquina da rua Tibiriçá, sendo hoje ocupado pelo Banco Safra.

Assim, a Vila Tibério se apresenta com casas simples. Pelas calçadas, idosos e idosas admiram, olham silenciosos para o infinito, comentam a novela, aquilo que “dá no rádio”, relembram histórias, as senhoras fazem crochê e tricô, alguns senhores molham as plantas. Bairro antigo, abrigo de pedreiros, aposentados, mecânicos, vendedores e auxiliares, muito familiar, seus moradores mantêm hábitos de antigamente, parece curioso, mas não havia desempregados no quarteirão. O índice de criminalidade do bairro é inferior ao do restante da cidade. Os idosos cursaram em média até a 4ª série do ensino fundamental, mas seus filhos foram até o ensino médio, sendo que alguns até “estão na faculdade”.

Poucas doenças entre os moradores, apenas 2 idosos apresentaram problemas cardíacos. O lazer consiste em assistir TV, ouvir música, ler e ir ao clube. São em sua maioria naturais de Ribeirão Preto, sendo que uma família veio de Minas Gerais e uma de Portugal. A casa própria e o carro são bens para apenas uma parte das famílias ouvidas. Os eletrodomésticos parecem ficar restritos a poucos itens: fogão, geladeira, TV, freezer e rádio.

A vida para essa gente é de muito trabalho, embora todos considerem isto como uma coisa boa. A noite é preenchida com os programas de TV. A maior dificuldade é a financeira, os sonhos simples habitam o cotidiano desses cidadãos, ter um carro, uma casa, ver os filhos formados. Ser “feliz” é ter boa saúde” e saúde é “ter boa alimentação”. Consideram o bairro bom, alguns não votaram nas últimas eleições por não terem título de eleitor. Quando ouvem rádio, as músicas são as atrações prediletas. A TV ocupa o tempo e, para nossa surpresa, os documentários são bem aceitos, seguido das novelas e programas humorísticos. Nos finais de semana os moradores, reservam um tempo para os serviços domésticos. A renda familiar oscila entre R\$ 600,00 e R\$ 1.600,00.

A rua asfaltada, as casas possuem calçadas, com árvores desiguais, plantadas pelos moradores. Apenas uma casa comercial no quarteirão, existe coleta de lixo 03 vezes por semana, a água é encanada e vem de poço artesiano.

Rua Epitácio Pessoa, nº 1152 ao nº 1228

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	2 – pedreiros
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – até 5ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ouvir música
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, rádio e vídeo
CONTAR COMO É A VIDA	Muito trabalho
NATURALIDADE DA PESSOA	Minas Gerais
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Passeiam
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Não tem
QUAL O MAIOR SONHO	Ter um carro
O QUE É SER FELIZ	Ter saúde e ser feliz
O QUE É SAÚDE	Disposição, alimentação saudável
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosta. Acho ótima
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não vota (Minas)
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Apenas músicas
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Comédia. A Praça é Nossa, etc.
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Pratica esporte e passeia
RENDIA FAMILIAR	Não quis responder

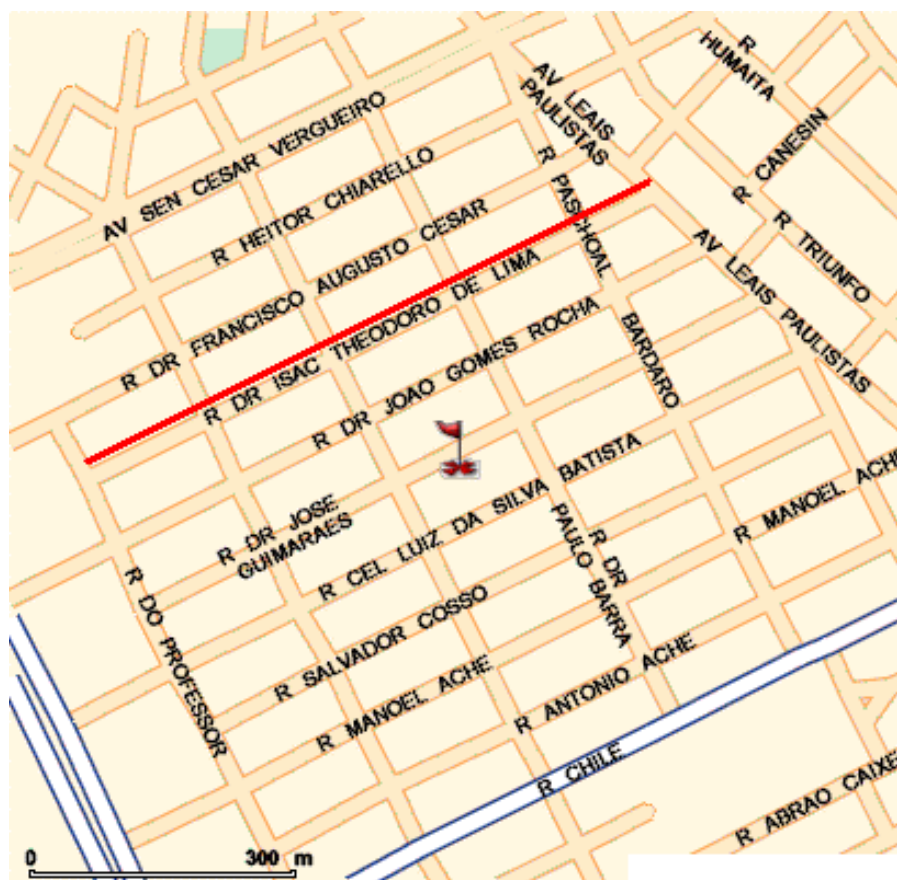
CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	2
ONDE TRABALHAM	2 – aposentados
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – professores (formado curso superior); 1 – 4ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assiste TV
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. 2 – Monza e Gol
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, freezer, TV, etc.
CONTAR COMO É A VIDA	É boa. Uma vida simples
NATURALIDADE DA PESSOA	Portugal
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Não tem
QUAL O MAIOR SONHO	Já estão satisfeitos
O QUE É SER FELIZ	Saúde, viver
O QUE É SAÚDE	O principal é alimentação
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Está ótima
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não vota. Não tem título
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Não
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novela; filmes; documentários
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalham em casa
RENDIA FAMILIAR	± R\$ 1.000,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	1 – secretária; 2 – vendedora; 1 – aux. enfermagem; 1 – criança
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	Todos com 2º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, forno elétrico, TV
CONTAR COMO É A VIDA	Trabalhar muito. Falta renda
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Estudam
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Casa própria
O QUE É SER FELIZ	Estar rico com saúde
O QUE É SAÚDE	Bem-estar social, econômico, alimentação boa
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosta. Acho bom
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Anulou o voto porque não tem confiança e tem certeza que não vão ajudar. 15 anos que não vota
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Free FM (Evangélica)
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Rede Vida
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalham serviços de casa
RENDIA FAMILIAR	R\$ 600,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	3
ONDE TRABALHAM	1 – mecânico (pai); 1 – do lar; 1 – secretária
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – 1º grau completo; 1 – 2º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ir ao clube
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Parati
ELETRODOMÉSTICOS	Microondas, geladeira, liquidificador, fogão, freezer
CONTAR COMO É A VIDA	É muito boa
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Não tem
QUAL O MAIOR SONHO	Já realizou. Ter netos. Aumentar a família
O QUE É SER FELIZ	Ter Cristo na vida
O QUE É SAÚDE	Alimentação saudável, higiene e habitação
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Ótimos, apesar da marginalidade
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáali. Por simpatia
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Pouco. CNN (X-Tudo)
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas e documentários
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Vai à igreja e ao clube
RENDIA FAMILIAR	Não quis responder, mas diz ser o suficiente para viver

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	6
ONDE TRABALHAM	2 – aposentados; 3 – estudam; 1 – do lar
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	Os filhos estão na faculdade. 1 – 2º grau completo; 2 – 4ª série do 1º
DOENTE/DOENÇA	Sim. Os pais têm problemas cardíacos (idosos)
LAZER MAIS FREQUENTE	Leitura e TV
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	TV, geladeira, fogão e ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Excelente, dentro do padrão
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem filmes; leitura; passeio; praticam esportes
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Situação financeira para cuidar das doenças (idosos)
QUAL O MAIOR SONHO	Que os filhos se formem para serem felizes em suas mansões
O QUE É SER FELIZ	A paz dentro de casa; compreensão; a família em si
O QUE É SAÚDE	Prevenção. É preciso ter alimentação boa e condições para isso (cesta básica saudável)
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Mais ou menos. Acha o trânsito horrível.
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Falta de opção. Espero que seja bom administrador (obs.: não lembrava em quem tinha votado)
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Apenas músicas
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Multi-Canal (documentários e filmes)
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Reúne a família em casa
RENDIA FAMILIAR	± R\$ 1.600,00

BAIRRO: JARDIM IRAJÁ



Bairro novo, pequenos prédios de quatro e seis apartamentos, sem elevadores, sem porteiros ou área de lazer. Povoado na sua maioria por jovens casais, poucos moradores por casas, costureiras, aposentados, professores, domésticas e comerciantes, traçam o cenário desse pedaço da cidade. As ruas asfaltadas abrigam casas simples entre os novos prédios, o pequeno comércio mistura-se às casas. Funilarias, padarias e lavanderias somam-se às atividades dos fundos de quintais: doceiras, costureiras, sapateiros e jardineiros coabitam o bairro. Poucos terrenos vazios; nas ruas pouco lixo, o caminhão passa 03 vezes por semana, e entre as calçadas pouca sujeira se espalha. O nível de escolaridade das pessoas do quarteirão oscila entre o ensino fundamental e médio.

Não encontramos doentes neste pequeno espaço. Os hábitos de lazer diferem do dos bairros mais populares. Aqui, ir ao clube, ao shopping, acampar, fazem parte das horas livres. A origem das pessoas basicamente é de Ribeirão Preto e região. Todos os entrevistados moram em casa própria, a maioria com carros na garagem, embora os carros não fossem de luxo ou modelo do ano. Aparecem nestas casas outros eletrodomésticos, tais como o videocassete, a máquina de lavar roupas, processadores e microondas. A vida parece feita de trabalho, dividida com a TV assistida à noite. As dificuldades financeiras são apontadas como a maior preocupação e acabam definindo o maior sonho, a esperança de “melhorar a casa”, “o salário”, de poder pagar as contas”... Ser feliz é “não ser triste”, “dar certo na vida”, “ter a consciência limpa”. Saúde é “corpo são”, “não ter doenças”. O bairro é caracterizado como bom, embora o trânsito tenha sido apontado como confuso e muito ruim. Nas últimas eleições a maioria votou no candidato do PT, por acharem que “daria mais certo para a cidade”. As FMs são ouvidas, assim como os telejornais, filmes e novelas da TV; apenas nos finais de semana os passeios são diversificados, boates, sair com amigos, visita a parentes e clubes. A renda mensal vai de R\$ 500,00 a R\$ 2.900,00.

A cidade feita de várias ilhas parece marcar o espaço deste bairro de forma mais enfática, as ruas são tipo “tabuleiro de xadrez”. Há particularidades em cada quarteirão, que os difere dos demais, são características que os fazem únicos, apesar da semelhança; são diferenças que marcam a identidade, que traçam o cotidiano naquilo que há de mais extraordinário, que emerge da simplicidade das coisas que parecem naturais.

As fachadas dos pequenos prédios enfeitam o bairro e criam simultaneamente a monotonia, a repetição, uma praça vazia e sem flores, solitária e pouco freqüentada não abriga os moradores. As pessoas não se encontram, não se falam, trabalham e voltam para seus apartamentos, cansados, sobrecarregados, desejosos de sossego. Perguntamos como esses cidadãos, exaustos e preocupados com o seu emprego, poderão participar de experiências comunitárias, ou mesmo organizar atividades coletivas, que possam contribuir para o exercício da cidadania?

Rua Isac Theodoro de Lima, nº 283 ao nº 3269

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	3 – costureira no local
QUANTOS DESEMPREGADOS	2
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – cursando 2º colegial; 3 – até 8ª série do 1º grau; 1 – 2º grau completo; 1 – até o 3º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Acampar e trabalhar
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Gol
ELETRODOMÉSTICOS	Liquidificador, TV, rádio, processador, etc.
CONTAR COMO É A VIDA	Muito trabalho
NATURALIDADE DA PESSOA	3 – Ribeirão Preto; 1 – Bragança; 1 – Recife
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Trabalham
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Financeira
QUAL O MAIOR SONHO	Sofrer menos, pagar as contas
O QUE É SER FELIZ	Conhecer Deus; consciência limpa
O QUE É SAÚDE	Corpo e mente sã
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bairro e cidade bons
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. CNN
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	MTV; novelas (das 7 e das 8); jornais
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Trabalham e vão a bares
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.000,00

CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	2 – Hotel JP; 1 – Serviço ; 1 – costureira
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – até a 8ª série do 1º grau; 1 – até o 2º colegial; 1 – até o 1º colegial
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Passear no shopping e ir ao clube
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Escort Robby
ELETRODOMÉSTICOS	TV, videocassete, rádio, geladeira e microondas
CONTAR COMO É A VIDA	Trabalhar à tarde; estudar à noite; passear nos fins de semana
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Estudar, assistir TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Reunir a família
QUAL O MAIOR SONHO	Se formar em ciência da computação
O QUE É SER FELIZ	Não ser triste
O QUE É SAÚDE	Não ser doente
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bairro: calmo e tranquilo; cidade: razoável pela violência
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Não vota
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Difusora
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Tela quente
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Sai. Boates
RENDIA FAMILIAR	R\$ 2.900,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	4
ONDE TRABALHAM	1 – doméstica (não respondeu o restante)
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – até 6ª série; 1 – até o 2º colegial; 2 – até 8ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Visitar parentes e ir à praça
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	TV, rádio, geladeira, forno elétrico, videocassete
CONTAR COMO É A VIDA	Estudar de manhã e ver TV à noite
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Esperar final do mês
QUAL O MAIOR SONHO	Casa melhor
O QUE É SER FELIZ	Esquecer de tudo
O QUE É SAÚDE	Poder levantar de manhã
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bom. Mas não tem ruas ruins e no centro o trânsito é horrível
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Foi indicado
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Conquista
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novela (das 8); Jornal da Globo
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Sair com amigos
RENDIA FAMILIAR	R\$ 1.300,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	3
ONDE TRABALHAM	1 – professora; 1 – aposentado
QUANTOS DESEMPREGADOS	1
QUANTOS ALFABETIZADOS	1 – superior; 2 – 4ª série do 1º grau
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Comer, dormir e ir à igreja
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Escort
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira; TV, rádio e freezer
CONTAR COMO É A VIDA	Difícil. Sem lazer, dar umas voltas da praça próxima
NATURALIDADE DA PESSOA	1 – Cajuru; 1 – Ribeirão Preto; 1 – Pitangueiras
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Controlar salários
QUAL O MAIOR SONHO	Ser feliz; não dever, ser fiel, ter um rancho
O QUE É SER FELIZ	Ter onde morar, não ter enfermos; ter tratamento médico bom
O QUE É SAÚDE	Alimentar-se bem; não usar drogas
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bairro: bom e tranquilo; cidade: muita gente
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Por simpatia
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Esporte; Tropical; MPB
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Telejornal e TVS
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Ir ao campo de futebol
RENDIA FAMILIAR	R\$ 2.000,00

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	3
ONDE TRABALHAM	3 – no local (lavanderia)
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	2 – até a 8ª do 1º grau; 1 – 4ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ir ao clube
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Kombi
ELETRODOMÉSTICOS	Ferro, TV, geladeira, máquina de lavar
CONTAR COMO É A VIDA	Rotina (trabalhar e ver novelas)
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV e conversam
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Nenhuma
QUAL O MAIOR SONHO	Melhorar financeiramente
O QUE É SER FELIZ	Que tudo dê certo na vida
O QUE É SAÚDE	Sem doenças, sem misérias
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosto. o Trânsito é ruim no centro
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Achou que iria dar certo
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Conquista, Clube
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas (das 6 às 8h00); Jornal da Globo
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Visitar parentes e clube
RENDA FAMILIAR	R\$ 500,00

BAIRRO: ALTO DO IPIRANGA



População aflita, numerosa, sete moradores por casa, habitada por empregadas domésticas, ajudantes de toda ordem, babás, serviçais, desempregados e doentes. O ensino fundamental não foi concluído pela maioria desses seres humanos, pararam por volta da 4ª série. As doenças variadas fazem parte do dia a dia: coluna, coração, cabeça, estômago. Os órgãos estão doentes, eles clamam por bem-estar; gritam nas filas dos postos de saúde; esperam o atendimento lento e pouco eficaz, de baixa solução; voltam sempre, como fregueses assíduos aos órgãos de saúde, postos, hospitais públicos. O corpo, cujo lazer fica restrito ao futebol e à TV, não expressa a harmonia a que o cidadão teria direito. Quase sempre naturais de Ribeirão Preto e região próxima, sem carros na garagem, com um número de eletrodomésticos até significativo para o pouco dinheiro da família, ainda acham a

vida boa; apesar das dificuldades, “viver é divertido”. Assistem TV, encantam-se com a “Porta da Esperança do Sílvio Santos”, com os cenários das novelas da Rede Globo, como se o sonho da casa própria, da reforma da casinha, viesse de um ato mágico da TV. O grande sonho é “ir ver o Sílvio Santos, ir no seu programa”.

Ser feliz custa muito pouco para esses cidadãos, “bastava não haver brigas, “ter uma casa”, “não ter doenças”, para que tudo estivesse bem. “Saúde é ter remédios”, “não mexer com drogas, “não precisar ir ao médico”. Gostam do bairro e da cidade, apesar do medo dos tiroteios que surpreendem as ruas, das brigas de gangues e dos atritos entre grupos rivais. Acreditaram, na última eleição, nos discursos dos candidatos. Lembram-se de ter votado no candidato do PT, por acreditarem que “seria melhor”. O rádio é recheado por programas populares, “aqueles que falam dos problemas do povo”, “*que mete o pau nos hóme lá de cima*”, (sic) “que oferece música”.

O rádio e a TV são como membros da família, há um diálogo, uma identidade, inteiram-se do mundo pela óptica do radialista. Repetem o que ouvem com a mesma credibilidade que depositam nos seus amigos. Com a renda familiar entre R\$ 112,00 e R\$ 700,00, subsistem durante o mês, na tentativa de equilibrar os gastos, “sempre estamos devendo”. As casas mal acabadas, com velhas pinturas, abrigam outras casas nos seus quintais, o número é o mesmo, acrescenta-se fundos ao endereço.

Os terrenos vazios, sujos, com mato alto, sem muros ou calçadas, misturam-se aos bares cheirosos, vermelhos na sua maioria, emporcalhados de bugigangas, repletos de homens suados, bêbados, que jogam sinuca pela tarde afora, como jogam a vida por dias afora. O caminhão de lixo passa, mas as sarjetas empilham a sujeira de dias difíceis, restos podres, misturam-se ao pó, aos insetos e micróbios, construindo o cenário da pobreza. Dezenas de crianças correm pelas ruas sem arborização e andam sem destino pelo bairro, cruzando com adolescentes, drogados, armados, irados. O valor da vida no mercado do crime tem a cotação mais baixa desta década. Mata-se por muito pouco. Ficamos chocados com histórias que parecem ficção, um garoto tenta nos explicar que “tem gente esquisita pelo bairro”, “sabe, outro dia o João emprestou a moto para o Marcelo dar uma volta e disse, se

você cair eu te mato”. “O Marcelo deu 4 voltas e caiu. O cara sacou a arma e deu quatro tiros. Quase matou. Deu sorte de pegar nas pernas do babaca!” A vida vale menos que uma volta de motocicleta. “O cara precisava de 5 cascalho pra comprar a pedra. O *boiola* não deu. Meteram ferro nele. Esse não volta.”

Histórias como esta convivem no bairro, com mães assustadas, impotentes. São histórias diárias, que banalizam a vida, tiram o valor dos seres humanos, reduzem o cidadão à condição de “elemento”, “marginal”, “o cara”.

Rua Tapajós, nº 1435 ao nº 1487

CASA Nº 1	
Nº DE PESSOAS NA CASA	7
ONDE TRABALHAM	1 – posto de gasolina; 1 – babá; outros são menores
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	5 - 1º grau completo
DOENTE/DOENÇA	Não. O marido operou do coração
LAZER MAIS FREQUENTE	Futebol
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Sim. Moto
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, microondas, liquidificador, batedeira, fogão, espremedor de frutas
CONTAR COMO É A VIDA	Muito trabalho e pouco divertimento
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Terminar a construção da casa
QUAL O MAIOR SONHO	Ver tudo bonito (casa)
O QUE É SER FELIZ	Não ter brigas, doenças, etc.
O QUE É SAÚDE	É fundamental
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Gosto Muito
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Acho o mais completo
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Léo Oliveira
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Sílvia Santos
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Assiste TV
RENDIA FAMILIAR	R\$ 350,00

CASA Nº 2	
Nº DE PESSOAS NA CASA	5
ONDE TRABALHAM	1 – posto de saúde Cuiabá; outros são menores
QUANTOS DESEMPREGADOS	1
QUANTOS ALFABETIZADOS	4 não lembram ($\pm$ 4ª série); o menor está no primário
DOENTE/DOENÇA	Sim. Problemas de coluna
LAZER MAIS FREQUENTE	Assistir TV
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, TV, rádio, telefone, máquina de costura
CONTAR COMO É A VIDA	A vida é ótima
NATURALIDADE DA PESSOA	Morro Agudo
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Juntam-se todos para conversar e ver TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Desemprego
QUAL O MAIOR SONHO	Ter dinheiro para reforma da casa
O QUE É SER FELIZ	Ter paz; comer bem; dormir bem; viver e ter dinheiro
O QUE É SAÚDE	Ter boa alimentação; respirar ar puro; não precisar de médico; ter uma vida razoável
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Adoro o bairro e aprendeu a amar Ribeirão
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Achou que seria o melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Clube FM – Sebastião Xavier
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Sílvia Santos; Chaves, Telejornal Brasil
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Gosto de dançar; ir à igreja e ficar em casa em paz
RENDIA FAMILIAR	R\$ 600,00

CASA Nº 3	
Nº DE PESSOAS NA CASA	6
ONDE TRABALHAM	1 – do lar; 1 – segurança do Sude; 4 – crianças
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	4 – crianças estão no primário; 2 – 4ª série
DOENTE/DOENÇA	Não
LAZER MAIS FREQUENTE	Ir à igreja em família
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, fogão, liquidificador, som, TV, batedeira e ferro
CONTAR COMO É A VIDA	Ser dona de casa e ir à igreja
NATURALIDADE DA PESSOA	Ribeirão Preto
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Vai à igreja ou vêem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	A falta de um meio de locomoção
QUAL O MAIOR SONHO	Casa própria (mora com os pais)
O QUE É SER FELIZ	Ter Jesus no coração, sem Ele não há felicidade
O QUE É SAÚDE	Levar uma vida natural, sem remédios, sem álcool e sem drogas
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Não acho ruim. Gosto da cidade
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Sérgio Roxo. Seria o melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. Gosto da 92 FM
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Programação evangélica de manhã
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Vai às festividades da igreja; faz visitas
RENDIA FAMILIAR	R\$ 700,00

CASA Nº 4	
Nº DE PESSOAS NA CASA	1
ONDE TRABALHAM	1 – aposentada
QUANTOS DESEMPREGADOS	0
QUANTOS ALFABETIZADOS	Estudou um pouco
DOENTE/DOENÇA	Sim. Problemas de coração e foco na cabeça
LAZER MAIS FREQUENTE	Ouvir rádio
A CASA É PRÓPRIA	Sim
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, TV, batedeira, liquidificador e rádio
CONTAR COMO É A VIDA	Dias de sofrimento e dias de alegria de tudo um pouco
NATURALIDADE DA PESSOA	Sertãozinho
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Falta um meio de locomoção
QUAL O MAIOR SONHO	Ir ver o Sílvio Santos e ir ao seu programa
O QUE É SER FELIZ	Sou feliz
O QUE É SAÚDE	Não ter problemas de saúde
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Bom. Gosto muito de Ribeirão
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Achou que seria bom prefeito
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Morandini
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novela
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Não sai
RENDIA FAMILIAR	R\$ 112,00

CASA Nº 5	
Nº DE PESSOAS NA CASA	7
ONDE TRABALHAM	1 – Jornal “O Diário”; 1 – Depósito de bebidas; 1 – Panificadora; 1 - doente
QUANTOS DESEMPREGADOS	2
QUANTOS ALFABETIZADOS	Todos até o colegial
DOENTE/DOENÇA	Sim. Não anda direito. Levou um tiro na espinha
LAZER MAIS FREQUENTE	Vídeo-game e música
A CASA É PRÓPRIA	Não
TEM CARRO? MARCA:	Não
ELETRODOMÉSTICOS	Geladeira, liquidificador, freezer, videocassete, vídeo-game, TV, batedeira, tostadeira
CONTAR COMO É A VIDA	Como de todos: dificuldades, mas com felicidade
NATURALIDADE DA PESSOA	Júlio Mesquita (SP)
O QUE AS PESSOAS FAZEM À NOITE	Assistem TV e passeiam
DIFICULDADE DA FAMÍLIA	Não ter meio de locomoção
QUAL O MAIOR SONHO	Visitar a Itália
O QUE É SER FELIZ	Ter casa própria
O QUE É SAÚDE	Ver todos sem doenças e sem problemas
O QUE ACHA DO BAIRRO/CIDADE	Adoro o bairro e a cidade
EM QUEM VOTOU PARA PREFEITO? POR QUÊ?	Jáballi. Achou que seria o melhor
OUVE RÁDIO? QUAL PROGRAMA?	Sim. CNN e Léo Oliveira
PROGRAMA DE TV MAIS FREQUENTE	Novelas
O QUE FAZ NOS FINAIS DE SEMANA	Fica em casa
RENDA FAMILIAR	R\$ 450,00

Conclusões parciais.

Depois desta ampla retratação da cidade, seus bairros e suas falas, as percepções de seus moradores e habitantes, as diferenças reais e as aspirações diversas, nossa pesquisa exigia uma definição de finalidade: o que fazer com este retrato, estes saberes, estas coletas e marcas da realidade urbana de Ribeirão Preto?

Nosso caminho teórico permanecia orientado para a perspectiva de apresentar estas idéias e aspirações ao mundo da escola, aos alunos, aos cidadãos em processo de formação. Nossa hipótese ou premissa fundante era a de constituir uma sensibilidade para com o todo da cidade, a partir das identidades de cada parte e núcleo.

A escola era a nossa próxima trincheira, o lugar de nosso passo seguinte, descrito no capítulo IV. Todavia, o que pretendíamos com todas estas construções e interpretações? Produzir CIDADANIA através da experiência pedagógica da INTERDISCIPLINARIDADE.

E FUNARI (2002) nos inspira e estimula a continuar a caminhada, teórica e prática, da educação e da pesquisa para a emancipação.

Afirma:

*No sentido moderno, cidadania é um conceito derivado da Revolução Francesa (1789) para designar o conjunto de membros da sociedade que têm direitos e decidem o destino do Estado. Essa cidadania moderna liga-se a múltiplas maneiras aos antigos romanos, tanto pelos termos utilizados como pela própria noção de cidadão. Em latim, a palavra **civis** gerou **civitas**, 'cidadania', 'cidade'. Estado. Cidadania é uma abstração derivada da junção dos cidadãos e, para os romanos, cidadania, cidade e Estado constituem um único conceito – e só pode haver esse coletivo se houver, antes, cidadãos. **Civis** é o ser humano livre e, por isso, **civitas** carrega a noção de liberdade em seu centro. Cícero, pensador do final da república romana, afirmava no século I a.C. que 'recebemos de nossos pais a vida, o patrimônio, a liberdade, a cidadania'. Se para os gregos havia primeiro a cidade, **polis**, e só depois o cidadão, **polites**, para os romanos era o conjunto de cidadãos que formava a coletividade. Se para os gregos havia cidade e Estado, política, para os romanos a cidadania, **civitas**, englobava cidade e Estado.*

Este é o nosso horizonte, produzir um sentimento de pertencimento, uma busca de comunhão, uma identidade que seja um imperativo categórico para a convivência e a coabitação solidária, fraterna, isocrática. É o que buscaremos apresentar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

A CIDADE, A ESCOLA E O APRENDER A CONVIVER: formando o cidadão e construindo a cidadania.

CANÇÃO DO NOVO MUNDO

Quem sonhou
Só vale se já sonhou demais
Vertente de muitas gerações
Gravado em nossos corações
Um nome se escreve fundo
As canções
Em nossa memória vão ficar
Profundas raízes vão ficar
Profundas raízes vão crescer
À luz das pessoas me faz crer
Eu sinto que vamos juntos
Ó nem o tempo, amigo
Nem a força bruta pode um sonho apagar
Quem perdeu o trem da história por
Querer saiu do juízo sem saber.
Foi mais um covarde a se esconder
Diante de um novo mundo...

Beto Guedes e Ronaldo Bastos

O presente capítulo quer descrever, interpretar e sistematizar a experiência institucional e escolar de trabalhar uma pesquisa sociológica com os alunos do Ensino Fundamental na direção de fornecer-lhes elementos para compreender o bairro onde vivem na cidade, suas identidades e diferenças, como um instrumento de produção de cidadania. Um trabalho interdisciplinar voltado para a formação dos alunos na direção de produzir sujeitos pensantes, atuantes e históricos.

A tarefa de educar é um desafio histórico. Trata-se de buscar reelaborar a herança cultural, historicamente acumulada, e que precisa ser interpretada e transformada, fazendo assim com que os indivíduos sejam mais autônomos e críticos. Significa produzir a representação simbólica do mundo. Um trabalho de construção e desconstrução da ideologia.

CHAUÍ (1989) assim define a ideologia:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que deve sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como deve fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado.

Talvez pudéssemos afirmar também a identidade de bairro. Todavia, o que pretendemos não é tecer ou constituir uma ocultação da realidade, ao contrário, nosso papel consiste em buscar criar as condições de desvendar as diferenças e arbitrariedades da realidade, produzir consciência e participação, responsabilidade e

senso crítico da realidade. Ensinar a ver, sentir, analisar, aceitar e mudar, conviver, aprender.

MERLEAU-PONTY afirma que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. Reaprender é mais exigente do que aprender, pois supõe um esforço de reflexão sobre aquilo que já temos como verdadeiro e certo. NUNES (2000) nos desafia a procurar a esperança e a lucidez, o compromisso ético e elevação estética:

Nosso ofício nos convoca a ver o mundo em sua dinamicidade histórica. A Filosofia, enquanto expressão do ‘máximo de consciência possível’ que uma época ou período histórico tem sobre si mesma, vê-se hoje inquirida a dar razões para a manutenção da esperança e da causa do homem, num mundo marcado pela desumanização acelerada das relações de produção e de dilaceramento dos padrões de convivência social. Paradoxos estruturais apontam para labirintos morais e éticos de nossa realidade. O domínio tecnológico, transformando a ciência moderna em força de acumulação para a produtividade capitalista, ostenta marcos inolvidáveis. A microfísica aplicada, a microeletrônica, a proliferação das redes informatizadas, as biotecnologias de reprodução, o gigantesco poder de troca e gerenciamento de informações, entre outros pontos igualmente admiráveis, são troféus do final de um milênio tecnologicamente avançado e, por outro lado, eticamente empobrecido. Conquistamos a capacidade de equacionar o problema da produção de alimentação, pelos meios de produção disponíveis, e nunca a fome, maior de todas as injustiças e sinal mais perverso de todas as desigualdades, foi tão grande e determinada. Populações mundiais permanecem à margem da modernização tecnológica. A globalização econômica e a mundialização da sociedade industrial, pautada na cultura urbana, consumista e massificada, ampliam os poderes da ideologia capitalista, reforçam o individualismo, reduzem o sentido da vida ao gesto de comprar e consumir, competir, vencer e controlar, em todas dimensões da existência, pessoal e coletiva.

Quando buscamos uma forma pedagógica de construir interdisciplinarmente um projeto de conhecimento do bairro; de buscar a identificação das crianças no seu espaço; de conhecer as realidades diversas, para que cada criança aproprie-se dos instrumentos de participação, na escola e na sociedade, atuando, proporcionalmente, em seu espaço vital. Só assim estaremos constituindo marcas de cidadania.

Estas foram as categorias inspiradoras de nossa pesquisa educacional e escolar, conhecer a cidade e o bairro, formar o cidadão e construir as reais formas da cidadania. Trata-se de um objetivo pedagógico e educacional, que se insere na dinâmica da prática interdisciplinar, que vai além das supostas competências fragmentárias e pontuais.

4.1 REESCREVENDO A HISTÓRIA DA CIDADE

Depois da realização da pesquisa nos bairros, fomos repeti-la com os alunos da Cooperativa de Ensino e Cultura de Ribeirão Preto. As mesmas questões foram formuladas para que as crianças respondessem a partir dos seus bairros de moradia.

VEIGA (1995) nos orienta:

Nessa linha teórica, o currículo escolar será entendido como processo dinâmico, ultrapassando a estrutura linear que o tem definido como elenco de disciplinas, conteúdos mínimos e metodologias que transferem aos alunos informações definitivas. Sua organização buscará relações de reciprocidade e colaboração entre as diversas áreas do conhecimento, ações e atitudes assumidas pela escola, em processo dialógico de tematização da realidade, articulando, na práxis escolar, os elementos que Habermas considera como componentes estruturais simbólicos do mundo da vida: a cultura, a sociedade e a subjetividade humana.

Organizamos um roteiro histórico para subsidiar a professora da 4ª série do Ensino Fundamental. Procuramos informações nas secretarias do Meio Ambiente, da Saúde, da Educação e do Bem-Estar Social. Obtivemos ainda vários outros dados no Arquivo Histórico do Município, no Departamento de Água e Esgoto (Daerp), no Departamento de Urbanização e Saneamento (Dursarp).

Através da investigação organizada a partir desses órgãos públicos, a professora se preparou para responder as dúvidas das crianças.

VEIGA (1995) lembra a necessidade da escola assumir a função de produzir mudanças.

Esta concepção de conteúdo como elemento articulador entre o saber cultural e o conhecimento científico, possibilitando comunicação e relações pragmáticas para o desenvolvimento do homem, da cultura e da sociedade, exige do professor uma atitude de responsabilidade que exclui a submissão, a cópia, o repasse de informações determinadas e o mero cumprimento de ordens... Supõe a busca de competência, teórica e técnica, que gera autonomia, criatividade, liberdade e democracia. Ou seja, a qualidade que está sendo reivindicada e que desejamos perseguir com a implementação de mudanças na escola.

Cada questão pesquisada passou a fazer parte do livro-registro que cada aluno escreveu ao longo do trabalho. Para explorar a criatividade dos alunos, sugerimos que as páginas fossem ilustradas com materiais retirados da natureza (folhas secas, areia, terra, pedrinhas, galhos de árvores secos, conchas), também foram usados materiais descartáveis (tampinhas, jornais, caixinhas, revistas) e outros materiais tais como linha, botões, canudinhos e grãos.

O livro-registro de cada aluno passou a ser a síntese de sua pesquisa no quarteirão. Ao término do mesmo, cada aluno foi convidado a construir a maquete do seu quarteirão, reproduzindo a realidade pesquisada, também com materiais de sucata, da natureza e outros que eles descobriram ao longo do trabalho.

A pesquisa no quarteirão resultou ainda em uma história em quadrinhos e vários folhetos com apelos para que os demais moradores do quarteirão preservassem o espaço público e melhorassem a higiene de suas casas. O farto material produzido por todos os alunos foi exposto na escola e no quarteirão. Alguns alunos o fizeram na padaria, outros no bar, na loja, na praça e até em uma oficina mecânica. A exposição assumiu um caráter de campanha pela preservação do quarteirão. Toda a metodologia utilizada nos motivou a montar um roteiro para um livrinho, que se tornasse agente motivador para professores e alunos pesquisarem a história e o cotidiano da cidade através da investigação do quarteirão.

O livro-base que descrevemos neste capítulo foi construído a partir do trabalho realizado na escola Cooperativa de Ribeirão Preto. Acrescentamos alguns elementos fictícios para melhor motivarmos os leitores.

Perseguimos o objetivo de observar o quarteirão, investigar seus moradores, desvendar seus problemas e conflitos, para processarmos a análise do contexto encontrado. A intervenção e as ações educativas deverão emergir da realidade encontrada nas análises dos conceitos pesquisados.

Interessa-nos o trabalho com conceitos de saúde: “Saúde como bem-estar integral do homem e não apenas a ausência de doenças”. A construção da cidadania ocorre historicamente e insere-se no contexto do cidadão, que vai descobrindo brechas para a vida em comunidade tornar-se mais agradável.

A construção do livro-base de registro da pesquisa do quarteirão surge como um método no processo de construção do cidadão. DESAULNIERS (1997) nos afirma:

O processo de construção da competência, ao se basear em habilidades que envolvem todas as dimensões do indivíduo – com ênfase na capacidade de crítica e de autonomia, no espírito de iniciativa com audácia, na responsabilidade e na flexibilidade em face da mudança e do inusitado, além de uma visão de empreendedor – implica rupturas tanto na dinâmica interna dos espaços institucionais voltados a esse tipo de formação, como também na própria dinâmica dos demais espaços sociais em que esse indivíduo atua como cidadão. Tais rupturas tendem a produzir novas possibilidades à construção da cidadania.

A ação das crianças junto ao quarteirão apresenta-se como uma nova possibilidade de intervenção na realidade, o espírito de iniciativa com audácia se apresenta quando cada aluno escolhe o seu local para exposição dos trabalhos. A oficina mecânica, a padaria, o bar e a loja transformam-se em ambientes pedagógicos; o inusitado rompe com o modelo tradicional de campanhas de preservação do espaço urbano. Dessa ruptura, surge um modelo diferente do institucional. A campanha de vacinação não surgiu no posto de saúde, mas voltou a

ele através da pressão dos cidadãos. O lixo dos terrenos baldios foi diminuído a partir do pacto entre os moradores do quarteirão de não mais jogarem lixo lá. A capacidade crítica e de autonomia dos moradores resultaram em ações, que se apresentaram como “novas possibilidades à construção da cidadania”.

PADILHA (2001) define bem o perfil da escola que almejamos:

A Escola Cidadã, essa escola viva, ativa, criativa e participativa, que defende, como princípios, a universalização do atendimento escolar, a melhoria da qualidade do ensino – qualidade esta entendida como formação para a cidadania ativa e para o exercício pleno pelos cidadãos e cidadãs de seus direitos e deveres, a democratização da gestão escolar como mecanismo da conquista da autonomia, tem adotado também como pressuposto fundamental uma visão ampliada de currículo, que considera a escola como espaço sócio cultural que, portanto, promove permanentes trocas interculturais. Podemos afirmar que essas características, entre outras, fazem com que o movimento da Escola Cidadã, que ganha força e maior notabilidade no final do século XX, possa ser comparado, em termos de sua importância, ao movimento da Escola Nova, que se consolidou no final do século XIX, início do século XX.

Transformamos o trabalho realizado na escola da Cooperativa de Ensino de Ribeirão Preto, em um roteiro para livro participativo, em que pesquisa e pesquisados se uniram aos pesquisadores na elaboração de um minucioso levantamento de dados sobre o cotidiano do quarteirão; informações que se pautaram na história do bairro e provocaram ações e intervenções na rotina dos cidadãos. Trata-se de buscar a propalada transversalidade, que PADILHA (2001) assim expressa:

Na transversalidade cidadã, as disciplinas e cada área do conhecimento, ao mesmo tempo em que mantêm suas peculiaridades, trabalham sempre na dimensão da integração, da interatividade, pois transversam recíproca e permanentemente entre si e superam a visão clássica de que cada disciplina será capaz de dar conta da realidade pesquisada.

Inicialmente, tínhamos o objetivo de que as crianças realizassem a pesquisa e construíssem o livro-base. A ousadia de alguns alunos, ao propor a exposição dos trabalhos na escola e no bairro, fez com que surgisse uma relação direta com a comunidade, relação de troca, de intervenção. Quando o trabalho terminou ou foi interrompido, havia o despertar de um desejo de participação, de zelo para com o bairro, relação que nos força a aceitar que a via participativa desperta possibilidades que sequer imaginamos.

Os cidadãos calados dos bairros aguardam momentos de recontarem suas histórias. As crianças descobriram nas entrevistas que os idosos tinham muitas histórias a contar, que cada um deles poderia sugerir mudanças no seu bairro. Muitos plantaram árvores, outros apenas passaram a cuidar do lixo, outros conheceram seus vizinhos.

Um trabalho simples, com poucos recursos, despretensioso, fez aflorar o diálogo, o desejo de cuidar da cidade. Alguns garotos, como o nosso Lingoti (*nome fictício do aluno curioso que vamos descrever*), fictício e real, puderam olhar para a realidade, imaginando e sonhando em mudá-la.

VEIGA (1998) nos ajuda a planejar esta atividade escolar:

A construção da cidadania envolve um processo ideológico de formação de consciência pessoal e social e de reconhecimento desse processo em termos de direitos e deveres. A realização se faz através das lutas contra as discriminações, da abolição de barreiras segregativas entre indivíduos e contra as opressões e os tratamentos desiguais, ou seja, pela extensão das mesmas condições de acesso às políticas públicas e pela participação de todos na tomada de decisões. É condição essencial da cidadania reconhecer que a emancipação depende fundamentalmente do interessado, uma vez que, quando a desigualdade é somente confrontada na arena pública, reina a tutela sobre a sociedade, fazendo-a dependente dos serviços públicos. No entanto, ser/estar interessado não dispensa apoio, pois os serviços públicos são sempre necessários e instrumentais.

O papel da comunidade não é substituir o Estado, libertá-lo de suas atribuições constitucionais, postar-se sob sua tutela, mas se organizar de maneira competente para fazê-lo funcionar. Surge daí a necessidade da cidadania.

Os conceitos científicos foram dados: a água foi estudada detalhadamente. Suas propriedades, seus estados físicos, sua importância; o solo, o lixo, o esgoto, a arborização foram minuciosamente explicados, assim como a prevenção das doenças, a importância das vacinas, e outros conceitos. O conteúdo foi o mesmo previsto, a metodologia é que permitiu o direito à cidade. Os conceitos não mais assumiram um caráter abstrato, descontextualizado; e os fragmentos se uniram em um contexto cheio de conflitos, mas com possibilidades de alterações.

A planta da cidade desvendou os espaços até então distantes para as crianças, identificou suas moradias, conferindo uma identidade que os fez visivelmente envaidecidos. Olhamos para essas crianças como cidadãos, não futuros, mas presentes, é no momento em que estão que os consideramos com direitos e deveres sobre a cidade. A confecção do livro-registro e da maquete obrigou-os a criar, inventar, elaborar. Foi preciso sintetizar as informações e transportá-las em uma outra linguagem. Eles utilizaram o desenho, a colagem, a charge, a história em quadrinhos. A partir da análise dos dados pesquisados, usaram a linguagem visual para informar.

O método, como caminho para se chegar ao objetivo, cumpriu sua função de estímulo. A satisfação dos alunos nos coloca diante de questões pedagógicas, que se apresentam como desafios nas nossas escolas. De onde vem a motivação para o estudo e a realização das tarefas?

Uma proposta de cidadania através da escola, que se traduza não somente em uma aquisição formal de direitos ou deveres, mas seja uma nova rede de sociabilidade é a perspectiva de BALLESTER I(1992) no presente texto:

A educação, como prática efetiva, representa decidido investimento na construção da cidadania. No entanto, apresenta historicamente caráter restrito convivendo com uma parte excluída. A igualdade de direitos não só não suprimiu as desigualdades sociais como as reforçou, ao mascará-las sob o princípio da liberdade. Para que a prática educativa seja práxis, é preciso que se dê no âmbito de um projeto que, além da intencionalidade, suponha condições objetivas de conscientização. A escola é o lugar institucional do projeto

educacional. Deve instaurar-se como espaço-tempo, como instância social mediadora e articuladora de dois projetos: o projeto político da sociedade envolvente e o projeto pessoal dos sujeitos envolvidos na educação. Considerar a formação da cidadania como fundamental para consolidação da democracia subentende que as instituições escolares sejam democráticas, que ali haja tolerância para com os que pensam e agem diferentemente. A gestão democrática supõe práticas escolares democráticas, sem as quais preparar para a cidadania torna-se um discurso vazio.

Essas crianças, que com brilhantismo cumpriram o roteiro proposto se alegraram com a pesquisa, se motivaram com as descobertas, sonharam com seus livrinhos e capricharam na confecção das maquetes, são os cidadãos pelos quais vale a pena trabalhar. A partir dos levantamentos e dos trabalhos realizados, ocorreu uma aproximação entre o grupo de alunos, descobriram muitas coisas em comum.

Um aluno fez uma maquete belíssima de madeira, com detalhes perfeitos, que o fez orgulhosamente explicar que seu avô era marceneiro e o ajudou a confeccioná-la. De repente, um sorriso de satisfação tomou conta do garoto, que explicava as qualidades do avô, elevando a categoria de marceneiro ao topo da importância na sociedade. Esse garoto falava de forma tão viva e com encanto, que uma outra garota levantou a mão e disse feliz que o pai também era marceneiro. Trabalho e trabalhador cresceram aos olhos singelos daqueles pequenos cidadãos.

Voltamos ao início deste trabalho, quando levantamos a hipótese de formação do cidadão se dar no processo de construção da cidadania.

Essa construção nos parece inesgotável, ilimitada ao desencadear o processo, são inúmeras as possibilidades. Vimos donas de casa sugerindo coisas às crianças. Uma senhora ajudou o filho a fazer a maquete, com fubá, pó de café, farinhas, grãos e outros produtos caseiros. O trabalho tornou-se uma obra de arte, como tantos outros.

O nosso Lingoti queria sempre mais, esperava sempre mais, buscava o oculto e relatava o descoberto. Transformar a pesquisa realizada na escola em um livro infantil foi a forma que encontramos de resumir o processo, relatar a metodologia e

viabilizar as possibilidades de se repetir a experiência. Experiência que poderá ser vivenciada na escola pública ou privada, não necessitando de recursos tecnológicos, apenas trabalhando com a história e o cotidiano dos cidadãos no microsistema do bairro.

Poderíamos descrever o trabalho relatando sua metodologia, detalhando cada passo. Como esta tese é em metodologia de ensino, procuramos criar outra forma de relato. Um relato que pudesse se transformar em proposta para o ensino fundamental.

MARTINS (1988) nos define esta identidade precípua da escola:

A escola caracteriza-se como a institucionalização das mediações reais, para que a intencionalidade possa tornar-se efetiva, concreta, histórica, a fim de que os objetivos intencionalizados não fiquem no plano ideal, mas ganhem forma real. A escola é o lugar de entrecruzamento do projeto coletivo da sociedade com os projetos existenciais de alunos e professores. É ela que torna educacionais as ações pedagógicas, à proporção que as impregna com as finalidades políticas da cidadania.

Colocamo-nos a pergunta central. A partir de que diretrizes a educação escolar pode contribuir para a construção da cidadania? Poderá a escola emancipadora, através de projetos contextualizados, contribuir para a formação do cidadão? Fizemos um exercício de transformação do projeto, com adaptações para a escola, de forma sintética e didática.

O nosso livro-base quer ser uma forma diferente de apresentar a metodologia.

O projeto é um livro. O livro é um projeto. O livro é uma construção metodológica. Assim descrevemos esta etapa para a escola.

I – PROJETO

Formando o cidadão. Construindo a cidadania (Programa de Saúde pautado no cotidiano e na história da cidade, refletido sobre o microsistema do bairro para o despertar de ações transformadoras).

II – PÚBLICO ALVO

Crianças na faixa de 9 a 11 anos (podendo ser adaptado para 3ª, 4ª e 5ª séries do ensino fundamental).

III - OBJETIVO

Construir uma metodologia de ensino, de programa de saúde a partir do cotidiano e da história da cidade.

Desenvolver os conceitos de saúde coletiva, oferecendo subsídios para que as crianças possam elaborar ações solidárias no quarteirão. Provocar mudanças de atitudes e reorganização do espaço urbano.

IV - SINOPSE

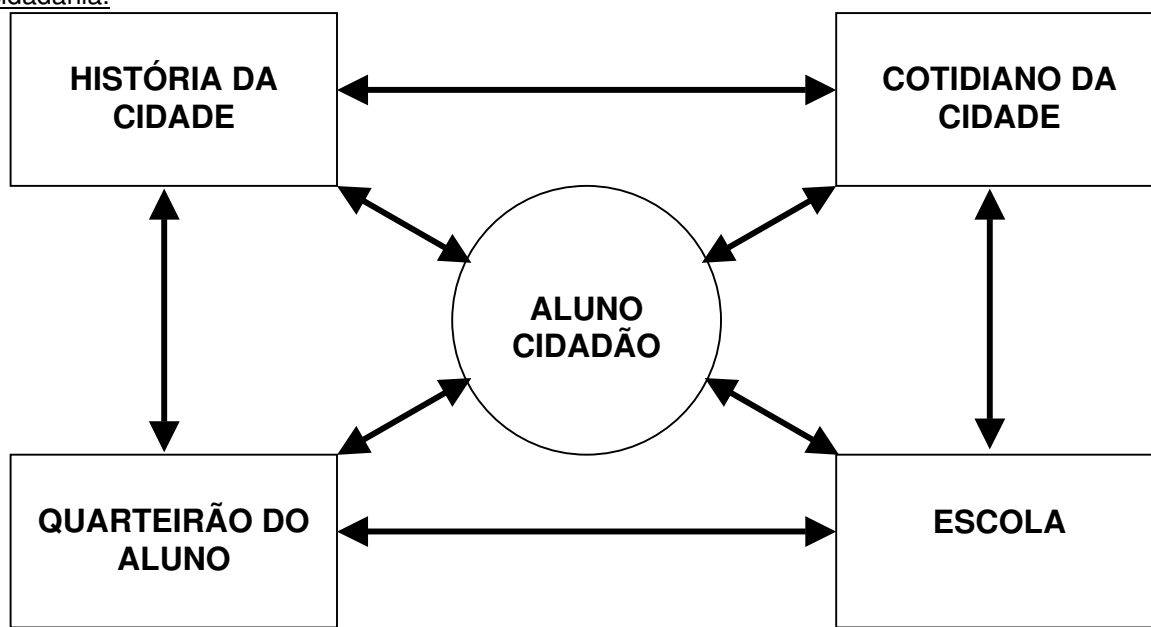
Um garoto curioso busca descobrir respostas para seu cotidiano. Levanta dúvidas e controvérsias sobre temas que envolvem sua vida. Leva a discussão para a sala de aula da escola e encontra receptividade por parte da professora, que se dispõe a iniciar uma pesquisa com toda a turma.

A pesquisa se desenvolve buscando informações no quarteirão de cada criança. Várias etapas são organizadas, levando a descobertas quantificadas dos problemas da cidade. São contadas as árvores e os bueiros do quarteirão, a coleta do lixo é observada, bem como a trajetória da água e do esgoto. São observados os terrenos baldios e os demais prédios e casas.

Os vizinhos são entrevistados e revelam seus hábitos de lazer e cultura. São registradas as doenças de maior incidência no quarteirão, bem como a rotina de cada casa pesquisada. A partir da pesquisa do quarteirão, a professora levanta os dados da cidade na atualidade e no início do século XX.

Comparando-se as informações históricas e o cotidiano, as crianças passam a desenvolver ações pedagógicas na sala de aula e na rua onde residem.

Redesenham o espaço urbano com maquetes, folhetos, livrinhos e campanhas entre os vizinhos.



A história se desenvolve em dez capítulos. As ilustrações são retiradas de trabalhos produzidos pelos alunos.

A construção de uma Metodologia de Ensino voltada para a Formação do Aluno Cidadão está presente em todos os capítulos, construídos seguindo o esquema abaixo:

CONCEITOS TRABALHADOS

Abastecimento de Água, Esgoto, Lixo, Áreas Verdes, Lazer, Espaços Públicos, Doenças, Moradia, Rua: estes conceitos foram desenvolvidos com suas inter-relações.

V – SINOPSE DOS CAPÍTULOS

Capítulo I – “A Cidade”

O primeiro capítulo está pautado na obra de Henri Lefebvre, “*O Direito à Cidade*”, onde cidadãos participam da história da cidade, desvendando sua linguagem e sua obra. O objetivo é despertar a curiosidade e introduzir a metodologia que será construída nos demais capítulos.

Capítulo II – “Identidade e Espaço Urbano”

O personagem principal reconstrói sua história pessoal, situando-se no espaço urbano com auxílio da planta da cidade.

Capítulo III – “História da Cidade”

Neste capítulo, é estabelecido um vínculo da história da cidade nos seus conceitos de saúde com a história de vida das crianças envolvidas.

Capítulo IV – “Pesquisando a Cidade” – “Pesquisando o bairro”

É realizada a pesquisa no cotidiano de cada criança, os tópicos investigados são listados de acordo com os conceitos de saúde e saneamento básico.

Capítulo V – “O cotidiano da cidade”

Neste capítulo, unimos a história, o cotidiano e as informações oficiais, reorganizando os dados levantados.

Capítulo VI – “O Livro-Registro” (Reescrevendo a história da cidade)

Capítulo VII – “O Folheto” (Reorganizando a cidade)

Capítulo VIII – Maquete do bairro (Reconstruindo o espaço urbano)

Capítulo IX – Campanha educativa (Reunindo os cidadãos)

Capítulo X – Considerações Finais

Os capítulos VI, VII, VIII e IX constroem atividades pedagógicas a partir de todo trabalho realizado. Essas atividades apresentam ações, que serão desenvolvidas na comunidade.

CAPÍTULO I – A CIDADE

Lingoti será o nosso amigo na descoberta da cidade. A nossa cidade pode ser melhor e mais bonita. Se nós a conhecermos, poderemos tratá-la com mais carinho e cuidado.

Lá na Grécia antiga, ser cidadão era habitar a cidade e ter uma série de direitos. Hoje, apesar de nós nos esquecermos de que, ao habitar a cidade, somos cidadãos, precisamos descobrir a alegria de viver na cidade.

No Brasil, somos mais ou menos 110 milhões de habitantes na cidade para um total de 170 milhões de habitantes. A grande maioria das pessoas saiu da zona rural e foi morar na zona urbana. Isso criou uma série de problemas, tais como o aparecimento das favelas, falta de água encanada, de esgoto tratado, de espaços de lazer, de vagas nas escolas e postos de saúde, de creches, de transporte, de habitação e outros serviços.

Mas, não foi apenas a migração do campo para a cidade que ocasionou tantos problemas. A organização política das cidades não é planejada para proporcionar o bem estar dos cidadãos, uma série de outros interesses acabam desviando destes objetivos. Este tema é muito amplo. Para que a sua cidade melhore, será preciso conhecer os seus problemas, organizar grupos de pessoas, interferir no poder político e atuar em sua rua.

Precisamos descobrir uma forma de reconstruir as cidades, fazê-las mais bonitas, agradáveis, saudáveis e, sobretudo, resolvermos alguns problemas bem simples. A cidade espera que seus cidadãos consigam tratá-la com grandeza. Temos responsabilidade de administrar nossas relações com a parte da cidade onde estamos inseridos, onde moramos.

Lingoti vai realizar uma série de pesquisas e espera que você faça o mesmo aí na sua cidade. Um dia ele parou quietinho no canto do seu quarto e ficou imaginando que tamanho seria a sua cidade, quantas pessoas viviam nela, o que as

peessoas faziam... Ficou pensando se todos os quarteirões eram iguais aos de sua casa.

(fotos e pensamentos)

Perguntava-se se as ruas eram todas do mesmo tamanho. Saiu até a rua e ficou olhando calado para todos os lados, observava as casas, o terreno vazio ao lado da padaria da dona Catarina, olhou bem determinado para a casa da dona Maria Neves, ficou parado perto do Sr. José que conversava muito animado com o pessoal da esquina.

A imaginação foi crescendo e Lingoti olhava para as bocas de lobo, tentando entender para que serviria, a Florinda varria a calçada e jogava o lixo todo no terreno vazio, o Guido molhava as plantas lingoti pensava de onde vinha a água da torneira. Entrou correndo para ir ao banheiro e, ao dar descarga, viu-se espantado ao perceber que ele não sabia para onde iam aquele “cocô” e o “xixi”.

De repente, ele se deu conta de que havia uma série de dúvidas sobre muitas coisas, voltou para a rua, contou as árvores do quarteirão e elas eram apenas sete, o caminhão da coleta de lixo passou e ele perguntou aos rapazes: “Onde vocês vão levar esse lixo?”, e o moço, espantado, disse: “Para o aterro, a coleta seletiva passa depois”. Lingoti não entendeu nada e ficou com mais dúvida. Entrou correndo e perguntou à mãe se ela sabia que o Sr. Pedro da casa de baixo estava doente, a mãe, surpresa, quis saber quem lhe contou.

Lingoti, meio fora do mundo, iniciou uma série de perguntas à mãe. Dona Carolina sugeriu que ele perguntasse na escola, pois ela não saberia responder tudo aquilo.

(fotos)

(mapa da cidade)

CAPÍTULO II – IDENTIDADE E ESPAÇO CULTURAL

Lingoti esperou ansioso pelo dia seguinte e, ao chegar à escola, correu para a sala de aula. No momento da chegada da professora Afonsinha, com a alegria e o entusiasmo de sempre, Lingoti foi logo perguntando sobre tudo. Dona Afonsinha, que sempre queria fazer um trabalho com seus alunos, sugeriu para a sala uma pesquisa. Toda classe aderiu e não se falou outra coisa durante todo o dia.

Dona Afonsinha, que era muito competente, pediu aos alunos que esperassem até o dia seguinte para que ela organizasse e planejasse como seria realizada a pesquisa. A turma toda concordou em esperar a novidade até o dia seguinte.

Lingoti foi para casa curioso e ao mesmo tempo com mais dúvidas, pois havia passado a manhã observando a escola, os jardins, os bebedouros d'água, os banheiros, as funcionárias da limpeza, os cestos de lixo, a cantina, etc.

Em casa, à tarde, fez as tarefas, em seguida foi à rua falar com os amigos do quarteirão. Descobriu que a avó do seu amigo Henrique era analfabeta, ficou sabendo que o pai do Vitor perdeu o emprego e que a tia da Laís estava com dor de barriga. Ao ouvir essas histórias, não parava de pensar de onde vinham as doenças todas, porque as pessoas ficavam doentes...

Passou o resto do dia agitado, ansioso por descobrir algumas coisas.

No dia seguinte, na escola, dona Afonsinha trouxe a proposta da pesquisa. Cada aluno da sala deveria observar o quarteirão de sua casa e coletar uma série de informações que seriam transformadas em um livrinho, uma maquete, um jornal mural, um folheto e um varal de informações.

Eles deveriam iniciar a pesquisa, encontrando no planta da cidade, que a professora pendurou na sala de aula, seu bairro, sua rua, seu quarteirão, e sua casa.

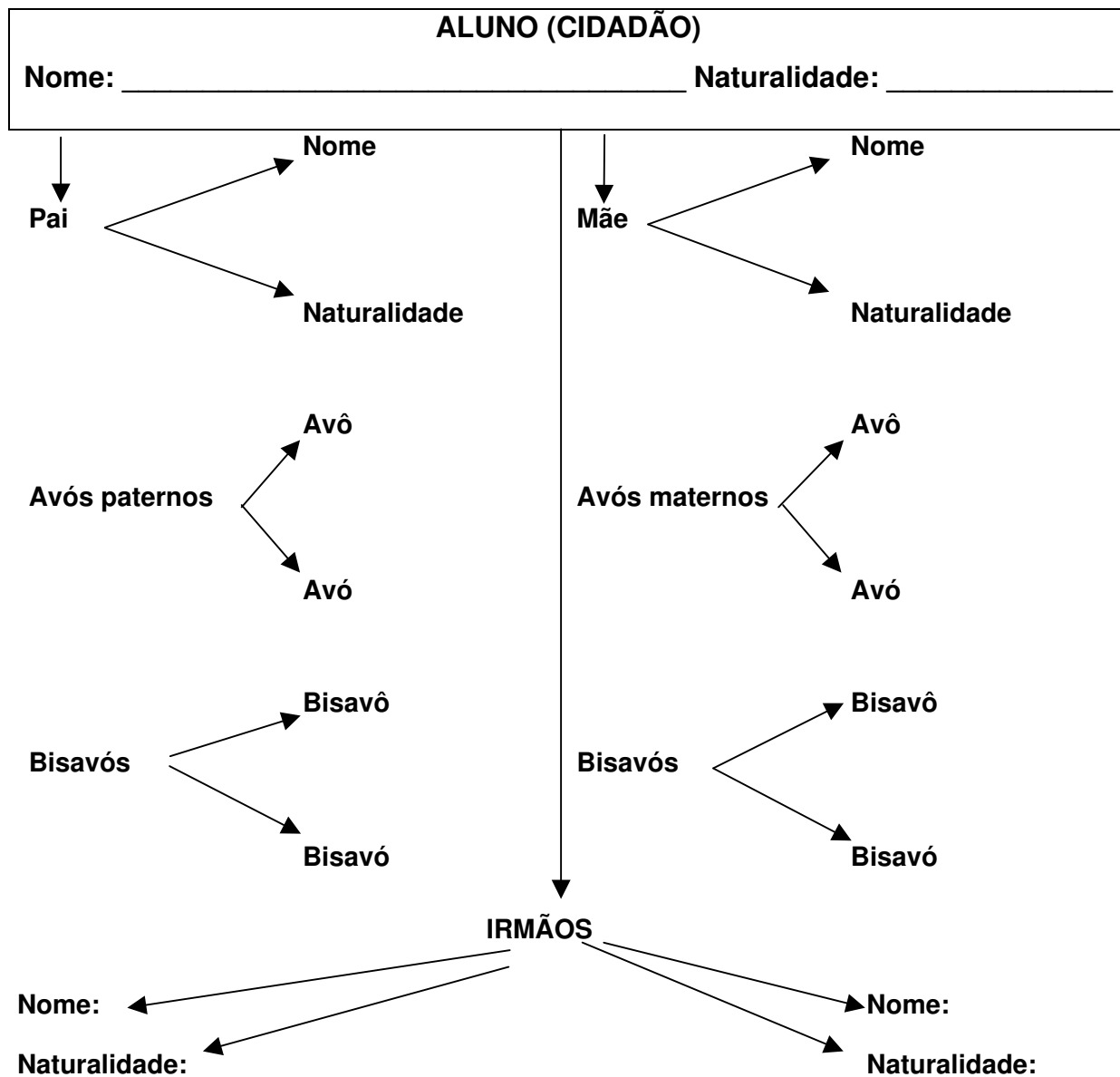
Após cada um localizar-se com exatidão, seria colocado o nome do aluno com um alfinete colorido para marcar bem onde cada um morava. Após a localização do

espaço no mapa da cidade, os alunos receberam, de tarefa para casa, a tabela para ser preenchida com as informações sobre nomes e naturalidade dos familiares. A sugestão foi para que se perguntasse aos pais, tios, avós ou outros familiares. Essa tarefa deveria ser trazida na aula seguinte.

Aproveitaram o planta para identificar os espaços coletivos, museus, bosques, praças, teatros e outros que poderiam servir de lazer cultural. Ao lado do planta, cada aluno foi convidado a construir a história da sua família, vinculando com suas cidades de origem. Cada aluno da sala trouxe a tarefa preenchida com o quadro da família. Logo que todos se localizaram, a professora começou a contar a história daquele bairro, onde a maioria dos alunos morava.

Após o estudo da planta da cidade os alunos realizaram o esquema com as informações sobre os nomes e a naturalidade dos familiares. A sugestão foi para que se perguntasse aos pais, aos tios, aos avós ou outros familiares.

Esquema familiar



Explicou que, por volta do início do século XX, próximo a 1902, quase não havia nenhuma casa por lá, as ruas eram de terra, as pessoas buscavam água nas fontes próximas, onde hoje existe uma praça, lavavam as roupas no riacho próximo, onde hoje existe o posto de saúde.

Disse que o esgoto era jogado em canaletas feitas de bambu e eram levados até um grande buraco atrás da atual rodoviária da cidade; esse buraco era chamado de “cloaca máxima”. Contou ainda que não havia coleta de lixo, que todo lixo era levado para um local indicado pelo Fiscal do Arraial, e neste lugar o lixo era queimado: era o Botafogo.

Logo os meninos fizeram um campinho de futebol perto deste local e deram o nome ao time de Botafogo. Enquanto ela contava essas histórias, os alunos ouviam atentos e ficavam querendo saber mais.

Faziam muitas perguntas sobre o bairro de antigamente.

Dona Afonsinha, que foi buscar todos esses dados nos livros de história do município, no museu, no arquivo histórico, na companhia de água municipal, também se entusiasmou e continuou explicando que, no final do século XIX, por volta de 1880, até o início do século XX, mais ou menos até 1920, era muito comum as crianças brincarem de corrida de saco, peteca, pião, pau-de-sebo, elas se reuniam para contar “causos” e cantar modinhas.

Disse ainda que aconteceu no bairro, entre 1894 e 1900, uma epidemia de tracoma; que as pessoas morriam por causa da malária, febre amarela, tuberculose e pelas “lombrigas”.

Todos alunos levantaram a mão juntos para perguntar o que eram essas doenças e como Dona Afonsinha soube tudo isto. Ela explicou cada uma das doenças e disse que encontrou essas informações junto à secretaria de saúde municipal, que tem dados daquela época escritos em seus livros.

Lingoti observou que a aula já iria terminar e perguntou:

– Quem construiu todas essas casas, a escola, a praça, a igreja, como mudou tanto assim?

Dona Afonsinha perguntou se todos já tinham reparado na estação do trem, que ficava atrás da praça. Um amigo de Lingoti disse que sempre ia brincar lá e que a mãe tinha medo porque o trem ainda passava e era perigoso. A professora continuou: pois é, logo que construíram a estrada de ferro, os engenheiros da Companhia Mogiana também foram morar perto da estação e os operários foram construindo suas casas ao longo da linha férrea e perto das estações.

Roberto deu um pulo da cadeira e disse: meu avô trabalhava nesta companhia, meu pai falou que todos no bairro eram funcionários da Companhia Mogiana.

“O senhor Carlos, lá do bar da esquina da praça, também dirigia o trem, ele falou que eram outros trens, parece que hoje só levam lenha, ele disse que transportavam de tudo, gente, sacos de milho e de arroz, materiais para construírem casas...”

A nossa história do bairro tornou-se cada vez mais atraente.

Lingoti, curioso, queria saber como eram as escolas, e Dona Afonsinha explicou que elas funcionavam na casa de algum professor, que só por volta de 1892 foi criado o 1º grupo escolar, mas que ele só foi instalado em 1902.

Falou que ensinavam os alunos a cortarem unhas e cabelos, a andarem de roupas limpas, que havia o inspetor escolar que passava revista e exigia ordem e asseio.

E a história do bairro seguiu animada.

A professora interrompeu para explicar como seria a pesquisa.

Iniciou dizendo que, como todos já haviam colocado seus nomes nos mapas, eles já sabiam um pouco sobre o bairro onde moravam, poderiam iniciar a pesquisa.

Todos estavam adorando, até o Mário, que nunca queria fazer nada, ficou atento, o Paulinho, que só queria brincar, começou a tomar nota do que era para fazer.

A professora escreveu na lousa:

Item 1 – Vocês devem conversar com seus pais, avós e vizinhos e tentarem descobrir mais sobre como era o bairro antigamente.

Tudo o que vocês ouvirem, anotem no caderno.

Façam muitas perguntas aos idosos, eles terão muito o que contar.

Passem em todas as casas do quarteirão e perguntem se existe algum morador antigo, que saiba como eram as ruas, se existia asfalto, sobre a água, a coleta de lixo, perguntem onde eles trabalhavam, peçam que eles lhes contem histórias.

A memória dos idosos é muito importante para nós entendermos tudo que aconteceu, como ocorreram as mudanças. Peçam ajuda aos pais e avós para realizarem esta tarefa.

Vocês terão um mês para coletar todos os dados da nossa pesquisa, por enquanto vamos anotar tudo no caderno, depois faremos lindos trabalhos com o que foi pesquisado.

	Nº de pessoas por casa	Idade das pessoas	Quantos trabalham	Estudam
Casa 1				
Casa 2				
Casa 3				
Casa 4				
Casa 5				

Item 2 – Cada aluno contará quantas casas existem no seu quarteirão, e desenhará no caderno como são essas casas, se têm jardins, garagens, se são sobrados, enfim, tudo que vocês observarem.

Item 3 – Contar quantos terrenos vazios existem no quarteirão, observar se os terrenos estão com lixo, se o mato está alto, se os terrenos estão murados e com calçadas, se há moscas, baratas e ratos lá.

Item 4 – Observar se existe bar, padaria, açougue, banca de revistas, ponto de ônibus e outros estabelecimentos comerciais. Se houver, descrever detalhadamente cada um deles.

Item 5 – Contar as árvores e arbustos plantados no quarteirão, observar se elas são árvores com flores ou não. Tentem descobrir o nome da espécie destas

árvores, observem se elas são adequadas para serem plantadas em calçadas, se arrebitam as calçadas com suas raízes. Desenhar em cada uma delas no caderno.

Item 6 – Passear pelo quarteirão e contar quantos “bueiros” ou bocas de lobo existem, observar se as pessoas varrem o lixo das calçadas nesses buracos, se estão desentupidos ou sujos.

Item 7 – Perguntar para a mãe em quais dias da semana passa o caminhão de lixo. Observar como as pessoas colocam o lixo na rua: em sacos? latas? Verificar se existe suporte de lixo nas portas das casas e anotar tudo no caderno.

Item 8 – Perguntar para a mãe se o carteiro passa por aquela rua, quantos dias ele passa e a que horas.

Item 9 – Fazer uma pesquisa entre os vizinhos, seguindo o roteiro abaixo (conforme tabela no item 1):

1. Quantas pessoas moram na casa? A idade de cada pessoa e o que elas fazem, se trabalham e estudam
2. Tem alguém doente na família? Qual é a doença?
3. Todos na casa são alfabetizados? Se não forem, perguntar por quê.
4. Onde a família costuma passear nos finais de semana?
5. Têm carro ou usam ônibus para ir trabalhar?
6. Perguntar ainda tudo que cada um observar e desejar colocar na pesquisa.

Item 10 – Há telefone público no quarteirão? Quantos?

Item 11 – Quais linhas de ônibus passam em frente à sua casa? Eles vão de onde para onde? Quanto custa a passagem do ônibus?

Item 12 – Quantos postes de luz existem? A rua é clara ou escura? Explique como ela é.

Cada um deve colocar no caderno tudo que observar e perguntar. Quanto maior o número de informações, mais completa será nossa pesquisa. O roteiro é apenas uma sugestão, quem for mais curioso poderá melhorar a pesquisa.

Dona Afonsinha explicou ainda que esses itens seriam tarefas de casa para todo o mês e disse ainda que ela iria explicar sobre todas essas coisas que eles iriam pesquisar no quarteirão.

Tocou o sinal! Na saída da escola, alguns pais esperavam seus filhos com fome, pois já era meio-dia. A turma saiu conversando, trocando idéias e perguntando: “Pai, você sabe quantas árvores tem no nosso quarteirão?” O pai: Claro que não!”

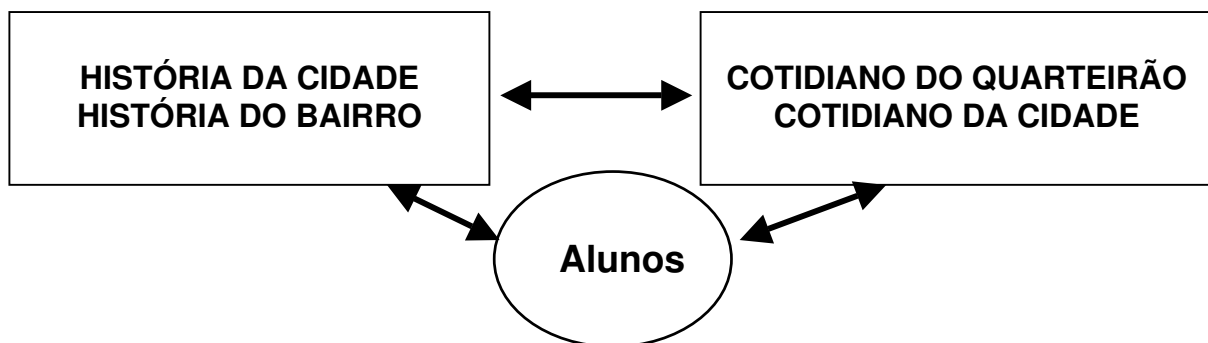
“Pois eu terei que contá-las...” A pesquisa passou a ser assunto das famílias daquela classe.

Nas aulas seguintes a professora trouxe informações sobre a cidade. Eram informações da história, da geografia, da saúde, do saneamento...

Ela procurava trazer informações atuais e do cotidiano da cidade; informava sobre a história e procurava relacionar com o bairro e o quarteirão que eles estavam pesquisando.

CAPÍTULO V – O COTIDIANO DA CIDADE

Dona Afonsinha fez um quadro na lousa para explicar como seria o trabalho inteiro.



Vamos trabalhar com a história e o cotidiano. Vocês irão pesquisando, nós iremos buscando informações, e assim iremos construindo nosso trabalho. Como somos cidadãos, construiremos um trabalho que nos ajude a exercer nossa cidadania.

Cada um deve dar o nome que quiser ao seu trabalho.

Esse será um trabalho interdisciplinar, pois usaremos todas as disciplinas, ainda usaremos todos os dados que vocês coletarem, combinado?

Precisaremos saber algumas coisas para entendermos a pesquisa.

Nossa cidade tem hoje mais ou menos 550 mil habitantes. Nós sabemos isto pelo censo que o IBGE fez.” Dona Afonsinha aproveitou para explicar o que é censo e IBGE.

Os alunos achavam estranho a cidade ser muito rica e ainda ter pobre pelas ruas. A classe ficou muito agitada com as informações. E conversaram tanto que a professora não conseguia controlar o barulho.

Depois de algum tempo, a professora colocou ordem e recomeçou explicando que, apesar de ser rica, do dinheiro circular pela cidade, esse dinheiro estava concentrado nas mãos de poucas pessoas; que estes dados chamavam-se **dados estatísticos**, embora eles fossem úteis e necessário, às vezes eles eram difíceis de serem entendidos.

As pessoas que vivem na cidade enfrentam vários problemas.

A nossa cidade tem 105 mil casas e ainda faltam 22 mil casas para resolver o problema da habitação.

Nós temos muitas pessoas sem empregos, o que dificulta muito a vida das famílias. Sem salário, não dá para comprar comida, pagar as contas, comprar livros, remédios para os doentes, tudo fica complicado.

Algumas pessoas não tiveram oportunidade de estudar e nem sequer sabem ler e escrever. São analfabetos.

Outras pessoas, doentes, não conseguem vagas nos hospitais e acabam morrendo.

Existem na cidade vários problemas para serem resolvidos. Se nós começarmos a conhecê-los estaremos dando um passo para resolvê-los.

Os olhos de Lingoti brilhavam, como se ele estivesse sonhando acordado. Sonhar, sonhar acordado chama-se utopia, é um grande sonho que temos, sem estarmos dormindo.

Ele sonhava em resolver todos os problemas da cidade, queria crescer logo e ser prefeito para ajudar a decidir sobre todas as injustiças que a professora estava contando.

CAPÍTULO VI – “o livro-base”

Cada aluno já tinha muita coisa da pesquisa: desenhos, fotos, até pinturas foram feitas. O caderno de anotações estava quase cheio. Lingoti, sempre muito curioso, já queria saber o que iriam fazer com todas aquelas informações. Neste momento a professora pediu que anotassem os materiais, que deveriam trazer para a próxima aula:

- sucata (caixa de fósforos, tampinhas, palitos, caixinhas, copinhos);
- jornal e revistas velhas;
- folhas de árvores;
- pauzinhos;
- um copo de areia e um de terra;
- papéis coloridos;
- cola, tesoura, fita adesiva;
- régua;
- papel sulfite;
- tinta guache;

e o que eles pudessem trazer para realizar o trabalho.

Cada aluno deveria montar um livrinho com todas as anotações pesquisados, ilustrando cada página. Por exemplo: (capa, pág. 1 dedicatória, pág. 2 índice, pág. 3 mapa da cidade com rua e quarteirão marcados, pág. 4 item 1 da pesquisa)

E, assim, o livro poderá ter quantas páginas cada aluno desejar. Cada um poderá criar o seu livrinho da forma que achar melhor, até a página 3 todos seriam semelhantes, porém, depois, cada um faz como quiser.

A classe vibrou, explodiu de tanta alegria, pois todos tinham mil idéias e iriam adorar aquela aula onde poderiam montar o seu quarteirão em um livrinho. Lingoti já quis dar nome ao livro, ele disse: “Meu livro vai se chamar: ‘O quarteirão dos idosos’”. Todo mundo riu, até que ele explicou que seus vizinhos eram idosos que ficavam sentados na porta das casas todo final de tarde. A outra disse que o dela se chamaria “quarteirão dos bares”, o outro, “quarteirão do lixo”, e assim a discussão ficou animada.

A tarde, as casas, foram usadas para procurar materiais para levar à escola no dia seguinte. Lingoti não parava de procurar coisas para levar, sua avó deu até uns restos de linhas de crochê para ele levar.

Ele pegou um pouco de arroz, feijão, macarrão, semente de girassol, alpiste do passarinho, milho. Imaginava cada página do livrinho e saía procurando os enfeites, cortou até um montão de grama e levou para fazer um jardim.

Sonhou a noite toda com o trabalho.

No dia seguinte...

Nenhum aluno esqueceu os materiais, como sempre acontecia.

Dona Afonsinha dividiu os grupos de trabalho e disse que passaria pelas mesas para orientá-los. Todos iniciaram os trabalhos com bastante entusiasmo. Os livros ficaram lindos, e eles sugeriram uma exposição no pátio da escola, para que todos pudessem admirá-los. Assim foi feito, com grande sucesso.

CAPÍTULO VII – “O FOLHETO”

Já que todos tinham levado muitos materiais, a professora sugeriu que eles fizessem folhetos de orientação para serem distribuídos no quarteirão de cada um.

Deu sugestões dos temas dos folhetos:

- Não varrer o lixo para dentro dos bueiros.
- Plantar arbustos nas calçadas das casas.
- Colocar o lixo fechado na rua.

- Não desperdiçar água.
- Prevenção contra a dengue.
- Prevenção contra diarreias.
- Vacinas.
- Outros.

CAPÍTULO VIII – “MAQUETE DO QUARTEIRÃO”

A tarefa de casa foi ainda mais agradável para os alunos.

Cada aluno foi convidado a construir uma maquete do seu quarteirão com objetos de sucata.

A maquete, o livrinho e os folhetos, após serem expostos na escola, poderiam ser expostos no quarteirão. Os vizinhos seriam convidados a conhecerem o trabalho.

Poderia ser pedido ao dono da padaria ou da loja para que eles expusessem o trabalho por alguns dias. As pessoas teriam um retorno da pesquisa, uma vez que colaboraram com ela.

Lingoti pediu ao dono da mercearia para expor seu trabalho. Todos do quarteirão foram até lá para ver. Ele aproveitava para explicar tudo o que sabia e ainda pedia para as pessoas melhorarem aquele quarteirão. O dono da mercearia conhecia um vereador e o convidou para ver o seu trabalho. O sucesso foi tanto, que o vereador resolveu levar o trabalho e deixar exposto na Câmara Municipal por uma semana. O moço do jornal fotografou e fez uma matéria, foi até a escola e entrevistou outros alunos. A classe da Dona Afonsinha estava muito orgulhosa do trabalho. Tinha até menina ficando meio convencida e nem dando bola para os meninos da outra turma.

CAPÍTULO IX – “CAMPANHA EDUCATIVA”

A classe, animada, resolveu organizar algumas campanhas para melhorar a cidade. Os temas das campanhas foram sugeridos pelos alunos a partir de suas relações com os quarteirões e da descoberta dos principais problemas apresentados naquele espaço urbano.

Cada aluno iria fazer a campanha no seu quarteirão.

As campanhas foram:

- reunir os moradores e plantar árvores em todas as portas das casas do quarteirão;
- falar com os donos dos terrenos vazios para que limpem o terreno e todos combinarem de não jogar mais lixo neles;
- combinar com as donas de casa para não varrerem as folhas e o lixo da rua, jogando dentro dos bueiros;
- convidar todo quarteirão para ir ao posto de saúde, tomar as vacinas;
- beber água só filtrada ou fervida;
- prevenir contra a dengue e diarreia;
- campanha contra o piolho;
- campanha da higiene pessoal e das casas;
- animais domésticos soltos, sujos e sem vacinas em dia;
- esgoto a céu aberto: jamais!

O trabalho descrito em sua trajetória metodológica através deste livro-base é síntese da elaboração construída na escola.

Conclusões parciais.

Ao descrevermos o processo de trabalho com as crianças, ao mostrar as etapas e suas disposições, podemos notar a ampla adesão de todos ao processo. Além dela, a habilidade da equipe em apresentar as informações na forma de compreensão das crianças, com uma narrativa adequada, com a sedução das personagens e a clareza das proposições. Tratou-se de uma metodologia, que foi

sendo construída na sala de aula, ultrapassava a sala e a escola e inseria-se na cidade, na vida, na identidade das pessoas.



**Formar o Cidadão.
Construir a Cidadania.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nada mais coerente do que uma visão abrangente de cidadania, configurada em responsabilidades compartilhadas difundidas nos mais diversos recortes sociais, políticos e econômicos. Nesta concepção participativa, podemos identificar três esferas de atuação conjunta que são indispensáveis para qualquer ação efetiva de conservação da natureza e de objetivação da cidadania ambiental. A primeira refere-se à administração pública, exercida em três diferentes níveis – o federal, o estadual e o municipal. A segunda corresponde à sociedade, que conta com uma grande diversidade de interlocutores. Na esfera da sociedade, temos a atuação das escolas, das comunidades de bairro, das igrejas, dos sindicatos, dos movimentos urbanos e rurais, das universidades, (...). A terceira esfera materializa-se em âmbito individual, com o cidadão atuando no espaço da sua casa, do seu bairro, do seu local de emprego e assim por diante. Waldman, Maurício, 2002.

Compreender a cidade e sua dinâmica foi nosso objetivo. Em primeiro lugar, para apreender sua identidade histórica, suas matrizes políticas, seus recortes econômicos e suas perspectivas demográficas e culturais. O todo da cidade escondia-se na amplitude de seus desenhos urbanos, na sofreguidão de seu processo de constituição dilacerante e dilacerada. Para todos os quadrantes, faltava uma dimensão de identidade, que pudesse ser próxima, que pudesse produzir identificação cultural para além da urbiidade geográfica. O estudo do microssistema

do quarteirão nos ofereceu os subsídios para que pudéssemos compreender as relações do cidadão com a cidade.

As contradições que surgiram do levantamento, serviram de base para a organização do trabalho. A cidade se apresenta distante do cidadão, fora das possibilidades de diálogo, o cidadão cada vez mais isolado, vive solitariamente seus pequenos problemas e sonhos. Dentro das moradias, um mundo real e imaginário se constrói diariamente, poucas lutas coletivas fazem parte deste cotidiano, cidadãos apáticos seguem sua história tentando vencer os desafios, o desemprego que assusta, inibe, sufoca e desestrutura, o emprego precisa ser mantido a qualquer custo, a eficiência e a competição regulam o mercado, que por sua vez controla a sociedade e impõe seus valores.

A cidade se apresenta com olhos plácidos, calados, de quem aprendeu a distanciar-se, parece não querer pensar em sua história. O cidadão agüenta docemente as lágrimas da solidão, do medo, da desesperança.

Neste cenário cinzento, fomos buscar a esperança, a beleza das coisas simples, o pôr do sol, a chegada da lua e a primavera . *“Nossa esperança deixa de ser ilusão quando fazemos a experiência da solidariedade contra a competição e da gratuidade contra o jogo de interesses”* (5ª Semana Social Brasileira – CNBB).

Após pesquisar os bairros e os quarteirões, nos deparamos com uma série de perguntas, que nem sempre soubemos responder, não poderíamos concluir esta tese, visto que o processo de construção da cidadania e formação do cidadão acontece no cotidiano da cidade, é histórico e se apresenta com todas as controvérsias e os conflitos da sociedade em que se insere.

Deixamos nossa contribuição, ao sugerir que, no microssistema do quarteirão, crianças, jovens, adultos e idosos se encontram capazes de vencer o grande desafio de reorganizar o espaço urbano, de forma a torná-lo agradável, saudável, privilegiando o bem-estar dos seus moradores.

Esta tese faz parte de uma longa caminhada de lutas, conquistas e construções, mas também de muito sonho, esperança e desejo de diminuirmos o

processo de exclusão social, de encontrarmos experiências capazes de resgatar valores que a economia de mercado nos obriga a esquecer.

A competição desmedida, a concorrência sem limites não conseguem responder e resolver os problemas apresentados. O avanço tecnológico não devolveu ao homem uma vida mais saudável, os bens produzidos pela sociedade e não distribuídos de forma justa não fizeram esta geração mais feliz.

As estatísticas da depressão e ansiedade, a busca por literatura de auto-ajuda, a proliferação de respostas rápidas e mágicas nos obrigam a olhar a sociedade com desconfiança e reserva.

Trabalhamos nesta pesquisa na tentativa de desvendar a cidade e o cidadão nas suas particularidades, no oculto desejo dos cidadãos de buscarem uma vida melhor. Encontramos angústias, batalhas, solidão, desesperança, individualismo, competição, sonhos pequenos, encontramos cidadãos tristes, saudosos de momentos mais solidários e prazerosos.

O passeio pelos bairros oculta desejos tão simples, que nos surpreendemos ao estacionar no quarteirão. Idosos sentados nas portas das casas guardam a nostalgia de dias mais tranquilos, crianças espalhadas pelas ruas esperam um futuro teimoso que há de chegar.

Trabalhadores e desempregados fazem do emprego, nem sempre escolhido ou desejado, a essência de suas vidas, não há possibilidades diferentes. O lazer primário, reduzido a poucas horas diante da TV, torna-se enfadonho, como enfadonha se apresenta a vida. A cidade oferece poucos espaços coletivos, pouco lazer. A cidade se fecha aos seus cidadãos e os isola em seus pequenos mundos.

Estamos descrevendo cidadãos de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, uma das cidades com melhor índice de desenvolvimento humano (IDH). Segundo a ONU, é a 6ª colocada no *ranking* nacional. Diante deste contexto, decidimos escrever o livro-base de história como instrumento de pesquisa e forma de repensar o espaço urbano.

Sugerimos algumas práticas pedagógicas, que pudessem aproximar os cidadãos, estimular a discussão de seus problemas e provocar ações coletivas,

visando reconstruir o modelo de cidade que desejamos. Trabalhamos com a pesquisa de campo, contextualizada historicamente, inserida no cotidiano e capaz de provocar mudanças no quarteirão.

Não há conclusões, apresentamos vários questionamentos acerca do modelo de sociedade que não responde ao processo de exclusão social. Acreditamos que partilhamos a responsabilidade de promover um acesso igualitário à cultura, à educação, à comunicação e a tudo que torna a vida verdadeiramente digna. Deixamos registrado a experiência dos quarteirões, porque acreditamos que partilhamos a responsabilidade de ouvir mais atentamente o clamor dos cidadãos ao almejar uma existência que permita a alegria. Deixamos o sonho e a ousadia de pretender reconstruir a cidade para os cidadãos. A troca de aprendizagens, o aprender a conviver e a construção da cidade com o cidadãos, eis o grande desafio.

BIBLIOGRAFIA

ADAS, Melhem. *A fome: crise ou escândalo*. São Paulo, Moderna, 1988.

ADAS———. *Geografia da América*. São Paulo, Moderna, 1994.

ADAS———. *Panorama geográfico do Brasil*. São Paulo, Cortez, 1990.

ALMEIDA, M.J. *Suagh' Len'hor*. São Paulo, Cortez, 1990.

ALMEIDA, Maria Marta C. Ensino de Ciências a partir dos problemas da comunidade (Rio Grande do Norte). São Paulo, Instituto de Física, USP, 1981 (Dissertação de Mestrado).

ALVES, Júlia Faliverre. *Metrópoles: cidadania e qualidade de vida*. São Paulo, Moderna, 1992.

APAP, Georges. *A construção dos saberes e da cidadania: da escola à cidade*. Porto Alegre, Artmed, 2002.

———. *Ideologia e currículo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

APPLE, Michael W. *Educação e Poder*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

ARBEX, José. *Guerra fria. Terror de Estado, política e cultura*. São Paulo, Moderna, 1997.

ARTE/CIDADE. Grupo de Intervenção Urbana. São Paulo, Sesc, Marca D'Água, 1994.

AUZELLE, Robert. *Chaves do urbanismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

- AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo, Ática, 1994.
- AZEVEDO, José Clóvis de. Construção coletiva e participação popular. In: SILVA, Luiz Heron da. *A escola cidadã no contexto da globalização*. Rio de Janeiro, Vozes, 1998. p. 308.
- AZEVEDO, José Clóvis de. *Escola cidadã: desafios, diálogos e travessias*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- . *O novo espírito científico*. Portugal, Lisboa, Edições 70.
- BACIC, Nelson. *Geopolítica da América Latina*. São Paulo, Moderna, 1992.
- BAGNATO, Maria Helena S. A contribuição educativa dos programas de saúde na 5ª série do 1º grau. São Carlos, UFSCar, 1987 (Dissertação de Mestrado).
- BALLESTER, Margarita. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre. Artmed, 1992.
- BARBIERI, M.R. e CARVALHO, C.P. LEC: estratégias e procedimentos. LEC-FFCLRP-USP. In: A Universidade e o aprendizado escolar de Ciências. Projeto USP/BID “Formação de Professores de Ciências, 1990-93.
- BARBIERI, M.R. *et alii*. Educação, saúde e meio ambiente. Relatório final das discussões. Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, Desenvolvimento e Saúde. Rio de Janeiro, Fiocruz, 20 a 24.04.92.
- BARBIERI, M.R.; CARVALHO, C.P. e PALOCCI, H.S. (comissão editorial). Anais do 1º Encontro Regional de Ensino das Ciências. Ribeirão Preto, FFCLRP-USP/LEC, 1991. 90 p.
- BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Reforma do ensino primário e de várias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1947. p. 98, 143-146.

BARREIRO, Julio. *Educación popular y processo de conscientizacion. Argentina, Siglo Veintiuno, 1974.*

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo.* São Paulo, Brasiliense, 1989.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

———. *O coração informado.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base.* 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

BICUDO, Hélio. *Direitos civis no Brasil existem?* São Paulo, Brasiliense, 1982.

BOFF, Leonardo. *A fé na periferia do mundo.* Petrópolis, RJ, Vozes, 1978.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista.* Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

BRECHT, Bertolt. *Santa Joana dos matadouros.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

BRUZZO, C. *Em nome da saúde, da ordem e do progresso.* Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 1989 (Dissertação de Mestrado).

CALDAS, Waldenyr. *Cultura.* São Paulo, Global, 1980.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

———. *Palomar.* Lisboa, Editorial Teorema, 1987.

———. *Seis propostas para o próximo milênio.* São Paulo, Cia. de Letras, 1990.

CAMPOS, Sousa Wagner Gastão. *A saúde pública e a defesa da vida.* São Paulo, Hucitec, 1994.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo.* Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo, Contexto, 1994. Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano. São Paulo, Edusp, 1994.
- CARRAHER, D. *et alii*. Caminhos e descaminhos do ensino de ciência. *Ciência e Cultura*, 137(6), 1985.
- CARVALHO, C.P. Ensino noturno. realidade e ilusão São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.
- . O difícil acesso à escola primária pública. Estado de São Paulo, 1945-1964. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 1989 (Tese de Doutorado).
- CARVALHO, C.P.; UHLE, A.B. e BARBIERI, M.R. Formação continuada. In: Anais do Congresso Paulista de Formação de Educadores. Águas de São Pedro (SP), 24 a 28.04.93. pp. 101-109.
- CARVALHO, Cecília M. *Construindo o saber. Técnicas de metodologia científica*. Campinas, Papirus, 1988.
- CARVALHO, J.M. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia. das letras, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- CHIAVENATO, Júlio José. *As lutas do povo brasileiro, do “descobrimento” a Canudos*. São Paulo, Moderna, 1989.
- CORBIN, Alain. *Saberes e odores*. São Paulo, Cia. da Letras, 1987.
- COSTA, Maria Cristina C. *Democracia*. São Paulo, Global, 1986.
- CRUZ, Nice B.P. *Manoel Penna, Centenário*. Ribeirão Preto, SPD Marketing e Comunicação, 1989.

- CUNHA, L.A. *A política educacional no Brasil e a profissionalização do ensino médio*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1992.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo, Moderna, 1999.
- DALLARI, Sueli Gandolfi. *A saúde do brasileiro*. São Paulo, Moderna, 1987.
- DECCA, Edgar S. *O nascimento das fábricas*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre os movimentos populares no Brasil*. São Paulo, Global, 1986.
- DELIZOICOV, D. Concepção problematizadora do ensino de ciências na educação formal. São Paulo, Ifusp/Feusp, 1985 (Dissertação de Mestrado).
- DELIZOICOV, D. e ANGOTTI, A.J. *Metodologia do ensino de Ciências*. São Paulo, Cortez, 1990.
- DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade: olhar sociológico pós-moderno*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.
- . *Educação e conhecimento*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.
- . Pobreza política. In: *Papers*. São Paulo, Fundação Konrad Adenauer-Stiftung, 1993.
- DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. *Formar um cidadão: Uma proposta da escola católica*. Porto Alegre. Veritas, 1997.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel*. São Paulo, Ática, 1995.
- DOYLE, Arthur C. *O cão dos Baskervilles*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- FACCIOLI, Maria Ana. *Histórias de vida: A Aids e a sociedade contemporânea*. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 1991 (Tese de Doutorado).
- FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo, Cortez, 1989.
- . (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo, Cortez, 2001.
- FERRI, Mário G. e MOTOYAMA, Shozo (coord.). *História das ciências no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1979/1981.
- FERRIANI, Maria das Graças. *A inserção do enfermeiro na saúde escolar*. São Paulo, Edusp, 1991.
- FISHER, Tânia (org.). *Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1997.
- FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Nova Fronteira (Coleção Grandes Romances).
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FRACALANZA, H.; AMARAL, J.A. e GOUVEIA, M.S.F. *O ensino de ciências no 1º grau*. São Paulo, Atual, 1986.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREITAG, B. *Escola, Estado e sociedade*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1980.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1989.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Pré-História do Brasil*. São Paulo, contexto, 2002.

GABEL, Joseph. *A falsa consciência*. Lisboa, Guimarães Ed., 1979.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. São Paulo, Cortez, 2001.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GAMBOA, Silvio S. *Epistemologia da pesquisa em educação*. Campinas, Unicamp, 1987 (Tese de Doutorado).

GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio. *A cidadania negada*. São Paulo, Cortez, 2001.

GIANNETTI, Eduardo. *Vícios privados, benefícios públicos?* São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

GRANJO, Bittencourt Helena Maria. *Agnes Heller. Filosofia, moral e educação*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo. Ed.Àtica, 1998.

GULLAR, Ferreira. *Os melhores poemas*. São Paulo, Global, 1983.

HEGEL, Friedrich W.G. *O sistema da vida ética*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1991.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

HURTADO, Nunez Carlos. *Educar para transformar. Transformar para educar*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

KOKINSKI, Regina Taam. *41 respostas sobre ensino e cotidiano escolar*. São Paulo, Scipione, 1998.

KOWARICK, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

KOWARZIK, Schmied Wolfdietrich. *Pedagogia dialética*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

KRASILCHIK, M. *O professor e o currículo das ciências*. São Paulo, Edusp, 1987.

LA TAILLE, Yves de. *Piaget, Vygotsky, Wallon*. São Paulo, Summus, 1992.

LAJOLO, Laurana. *Antonio Gramsci, uma vida*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

LANDMAN, J. *Evitando a saúde e promovendo a doença*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

LAURENTI, R. *et alii*. *Estatísticas de saúde*. São Paulo, EPU, Edusp, 1985.

LAURIANO, Monsenhor João. *Elementos para a história religiosa de Ribeirão Preto*. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1973.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro, DP e A Editora, 1987.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo, Documentos, 1969.

LIBÂNIO, João Batista. *Ideologia e cidadania*. São Paulo, Moderna, 1995.

LIMA, Gérson Zanetta de. *Saúde escolar e educação*. São Paulo, Cortez, 1985.

LIMA, Licínio. *A escola como organização educativa*. São Paulo, Cortez, 2001.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

LOURENÇO FILHO. Introdução ao estudo da Escola Nova. São Paulo, Melhoramentos (Biblioteca de Educação), vol. XI, 1930. p. 13.

LUTFI, Mansur. *Cotidiano e educação em química*. Ijuí, Ed. Unijuí, 1988.

———. O cotidiano e o ensino de química. *Contexto e Educação*, Univ. de Ijuí, 6(22):38-45, 1991.

MACEDO, Luiz José. Projeto de modelo curricular para o ensino integrado de Ciências. Campinas, Unicamp, 1979 (Dissertação de Mestrado).

MAKARENKO, S.A. *Problemas da educação escolar*. URSS, Edições Progresso, 1986.

MARICATO, Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo, Hucitec, 1996.

MARQUES, Mario Osório. O mundo da vida cotidiana e a educação. *Contexto e Educação*, Universidade de Ijuí, 6(22):30-37, 1991.

MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo, Hucitec, 1996.

MARTINS, Neda Lian Branco. *Em busca da escola ideal*. São Paulo. Ed.Escuta Ltda, 1998.

MARX, K. e Engels, F. *A ideologia alemã*. São Paulo, Hucitec, 1993.

MATOS, F.C. Olgária. *A escola de Frankfurt*. São Paulo, Moderna, 1993.

Mc LELLAN, David. *As idéias de Engels*. São Paulo, Cultrix, 1977.

MELLO, Maria Conceição D'Incao. *O "bóia-fria": acumulação e miséria*. Petrópolis, Vozes, 1976.

MENDES, Trigueiro Durmeval (coord.). *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de S. Estrutura e sujeito. Uma reflexão sobre a práxis social no setor saúde. Trabalho apresentado no Seminário sobre Prática Científica: “Ciência, História e Saúde Coletiva”, Fiocruz, 18.10.89.

———. Interdisciplinaridade. Uma questão que atravessa o saber, o poder e o mundo vivido. Palestra no 1º Seminário de Estudos do Programa de Apoio à Reforma Sanitária (Pares). Esnp/Fiocruz, 08.05.1990.

Violência social e saúde, Uma discussão interdisciplinar. Trabalho apresentado no V Congresso Latino Americano de Medicina Social. Caracas, 16-23 de março de 1991.

———. (org.). *A saúde em estado de choque*. Rio de Janeiro, Fase, 1986.

MIRANDA, José Pedro. *Ribeirão Preto de ontem e de hoje*. Ribeirão Preto, El Dorado, 1971.

MURARO, Marie Rose e BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.

NASCIMENTO, Estelina e REZENDE, Ana Lúcia. *Criando histórias, aprendendo saúde*. São Paulo, Cortez, 1988.

NIDELKOFF, M. T. *Uma escola para o povo*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

NUNES, César. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP, Autores Associados, 2000.

NUNES, César. *Aprendendo filosofia*. Campinas, SP, Papirus, 1987.

PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo, Cortez / Instituto Paulo Freire, 2001.

PAÍN, Sara. *A função da ignorância*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul, 1999.

PALOCCHI, H.S. Contribuição para o ensino de Ciências no 1º grau. Ribeirão Preto, FFCLRP-USP/LEC, 1989. (057 mimeo).

———. O que o professor leva para a sala de aula? *Passando a Limpo*, FFCLRP-USP/LEC, I(2), abril/1993.

PÉCHEUS, Michel e FICHANT, Michel. *Sobre a história das ciências*. São Paulo, Mandacaru, 1989.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo, Contexto, 2003.

PLATÃO. *A República*. Brasília, Ed. Univ. Brasília/Ática, 1989.

PONTES, José Ricardo S. *Estudo da epidemia de dengue no município de Ribeirão Preto – SP, 1990-1991*. Ribeirão Preto, Faculdade de Medicina, USP, 1992.

POSSAS, Cristina. *Epidemiologia e Sociedade. Heterogeneidade estrutural e saúde no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1989.

PRETTO, N.D.L. Os livros de Ciências da 1ª à 4ª séries do 1º grau. Bahia, UFBA, 1984 (Dissertação de Mestrado).

PUCCI, Bruno. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. Rio de Janeiro, Difusão, 1979.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo, Hucitec, 1996.

———. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 1987.

———. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo, Hucitec/Educ, 1994.

———. *Por uma geografia nova*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1978.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular para o ensino de Ciências, 1º grau. São Paulo, SE/CENP, 1988.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, SP, Autores Associados, 1993.

———. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1980.

———. *Política e educação no Brasil*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1988.

———. *Escola e democracia*. Campinas, Autores Associados, 1995.

———. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP, Autores Associados, 1994.

SCLIAR, Moacir. *Sonhos tropicais*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

SEVCENKO, N. *A revolta da vacina*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

SICCA, Natalina A. Laguna. Experimentação no ensino de Química – 2º grau. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 1990 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Heron Luiz (org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. 11.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo, Manole, 1988.

SOARES, C.L. O pensamento médico-higienista e a educação física no Brasil – 1850/1930. Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 1990 (Dissertação de Mestrado).

- STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência?* São Paulo, Siciliano, 1990.
- SUSKINK, Patrick. *O perfume*. Record, 1985.
- TEIXEIRA, Cecília M.S. O conceito de cotidiano. Um instrumento metodológico ou um modismo. *Contexto e Educação*, Universidade de Ijuí, 6(22):9-13, 1991.
- TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania de um mundo globalizado*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.
- VASCONCELLOS, José Luiz. *Programas de Saúde*. São Paulo, Ática, 1992.
- VEIGA, Alencastro Pessoa Ilma (org.) *Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas, Papirus, 1995.
- . *Espaço do projeto político pedagógico*. Campinas, Papirus, 1998.
- VENTURI, Robert. *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. Porto Alegre, Mercado Aberto (Série Perspectivas), 1985. p. 88.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando (org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro, Garamond, 2001.
- VERNANT, Jean Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro, Difel, 2002.
- VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- VILLASANTE, T.R. *Comunidades locais*. Madrid, Teal, 1994.
- . *Las democracias participativas*. Madrid, Hoac, 1995.
- WALDMAN, Mauricio. *Guia Ecológico Doméstico*. São Paulo, Contexto, 2000.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 1968.

Jornais

- Folha de São Paulo
- O Diário, de Ribeirão Preto
- Jornal a Cidade, Ribeirão Preto
- Diário Oficial do Município de Ribeirão Preto
- Jornal do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo
- Jornal da Manhã

Arquivos

- Jornal A Cidade, Ribeirão Preto
- Jornal Diário da Manhã, Ribeirão Preto
- Casa da Cultura Municipal
- Histórico de Ribeirão Preto
- Museu Histórico de Ribeirão Preto

Relatórios

- Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto
- Secretaria Municipal do Bem-Estar Social de Ribeirão Preto
- Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto
- Proase (Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar)
- SVE (Serviço de Vigilância Epidemiológica Escolar)
- Vigilância Sanitária
- Daerp (Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto)
- Dursarp (Departamento de Urbanização e Saneamento de Ribeirão Preto)

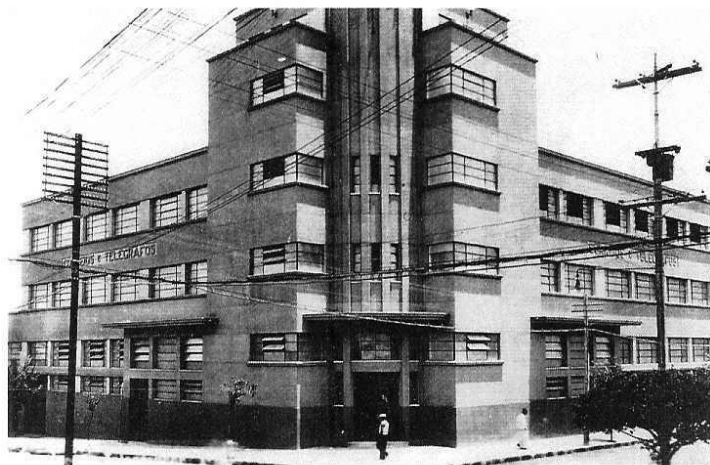
Planos e Projetos

- Plano Diretor de Ribeirão Preto
- Plano Escolar das escolas pesquisadas
- Plano de Trabalho da Assessoria Pedagógica de Ciências da 1ª Delegacia de Ensino de Ribeirão Preto
- Projeto de Pesquisa do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP .

Anexos

Fotos da Cidade de Ribeirão Preto – SP

As fotos em preto e branco documentam o passado, que resgatado na pesquisa dos quarteirões, permeia o cotidiano deste início de século XXI relatado pelas fotos coloridas dos espaços significativos na vida da cidade.



O prédio dos Correios e Telégrafos na América Brasileira com a Álvares Cabral



Vista aérea da cidade em 1957



Antarctica, indústria pioneira



Sede dos Correios e Telégrafos em 1927



Rua General Osório em 1883, uma das primeiras ruas



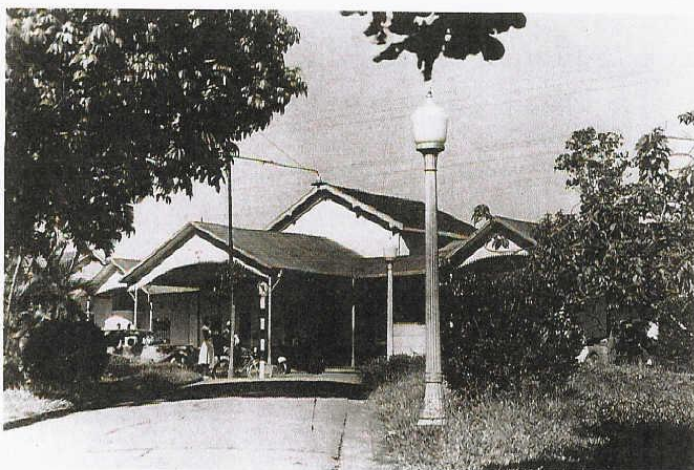
Praça XV de Novembro, demarcada como área central da cidade



Av. Jerônimo Gonçalves em 1927, sem as palmeiras



Antigo Mercado Municipal destruído por um incêndio



Antiga estação da Cia Mogiana



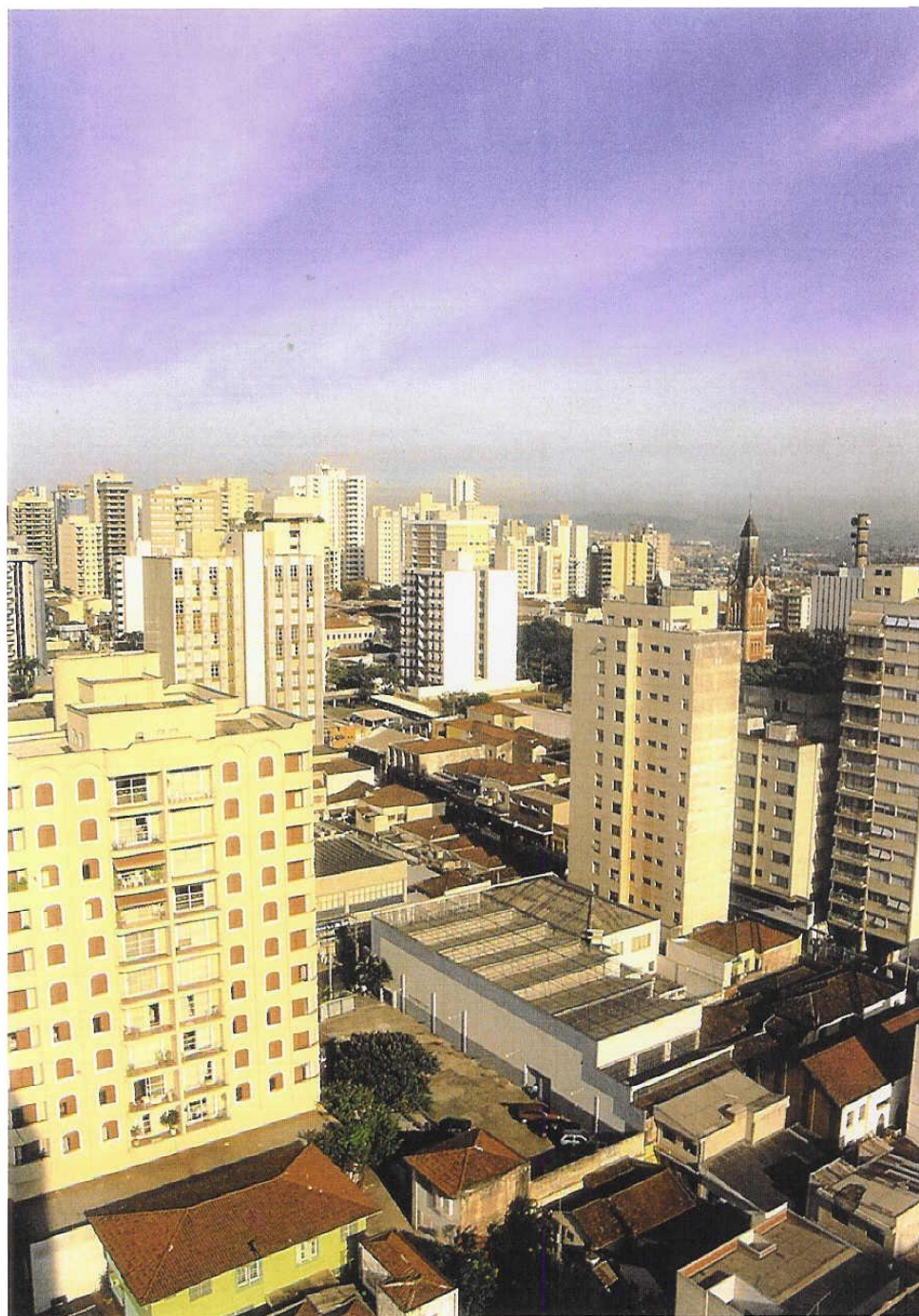
Praça XV de Novembro e a fonte luminosa



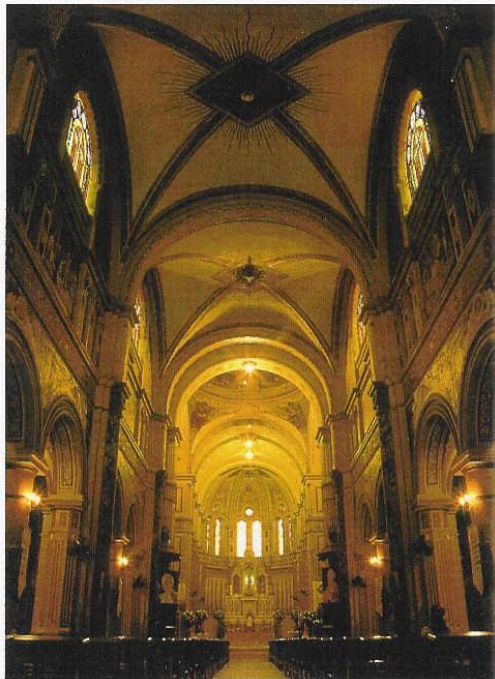
A avenida Francisco Junqueira na década de 50



Avenida Jerônimo Gonçalves, 1936



Vista parcial do centro de Ribeirão Preto



Catedral de São Sebastião



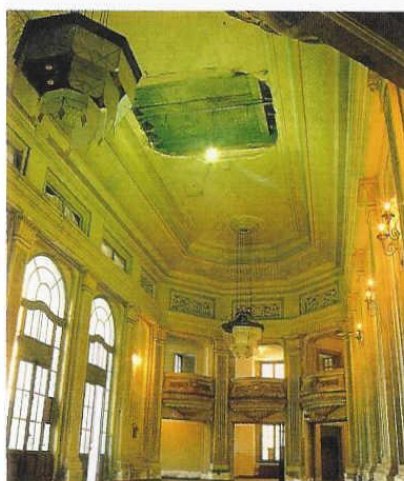
A esquina da Única, ponto de encontro dos ribeirãopretanos



Pinguim, a mais famosa casa de chope do país



O Theatro Pedro II construído em 1930



A sala dos espelhos do Pedro II



Os camarotes do Theatro



Teatro Municipal



O calçadão inaugurado em julho de 1992



O calçadão é hoje um dos lugares mais movimentados de Ribeirão Preto



A Francisco Junqueira, uma das principais avenidas da cidade



Faculdade de Medicina da USP



Museu do Café, no Campus da USP



Varanda do Museu do Café



Sala do Museu

O Quarteirão

O quarteirão tomado como unidade síntese dos conflitos e representações da cidade.

Eu fotografei os quarteirões, com o objetivo de registrar alguns espaços e particularidades de cada bairro, como forma de visualizar as descrições apresentadas nesta tese.

Bairro Alto da Boa vista



Bairro Alto Da Boa Vista

Apresenta uma adequada arborização, ruas limpas, trânsito tranqüilo, casas amplas, funcionários municipais varrendo a rua, que foi fotografada por volta das 14 horas de uma terça feira. Placas de sinalização e jardins na maioria das casas.

Foto tirada em Fevereiro de 2003



Bairro Vila Tibério



Bairro Vila Tibério
Fotografei esta rua em horário comercial, no período da manhã por volta das 11 horas. As casas se apresentam próximas umas das outras, não possuem jardins na sua maioria, a arborização da rua é descontínua, os funcionários municipais fazem a limpeza da rua, o movimento dos carros é considerável e os estabelecimentos comerciais se misturam com as casas. Foto tirada em Fevereiro de 2003

Bairro Jardim Iraiá



Bairro Jardim Irajá

Fotografado em um final de tarde de terça feira. Os terrenos vazios misturam-se com os prédios e acumulam o lixo do bairro, as casas e os prédios ficam próximos uns dos outros, a arborização da rua é irregular e as espécies plantadas são em sua maioria inadequadas para o espaço. Foto tirada em Fevereiro de 2003

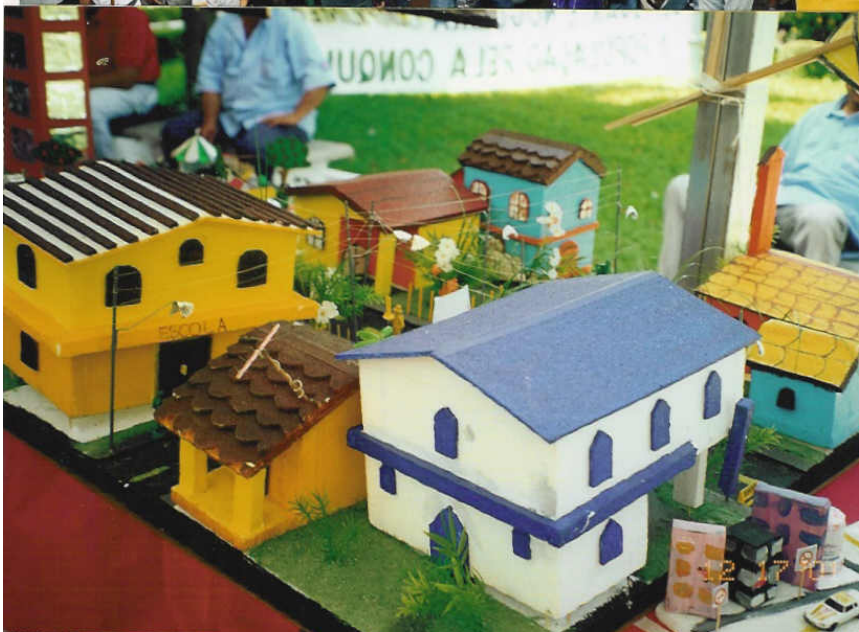


Fotos da Exposição dos Trabalhos Produzidos pelos Alunos

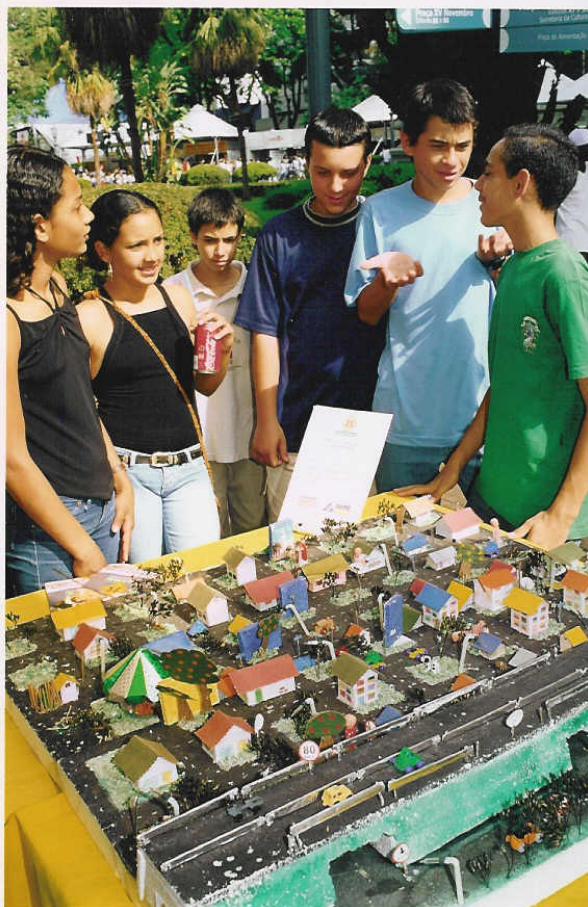
As fotos registram a exposição dos trabalhos elaborados pelos alunos, após a realização da pesquisa no quarteirão e produção do livro-registro.

As maquetes, cartazes, poesias, apresentações teatrais e poéticas, contaram com a participação de alunos de outras escolas, de moradores do Bairro e demais cidadãos convidados.

Projeto político pedagógico



Exposição de trabalhos produzidos pelos alunos após o término do projeto. A mesma foi realizada em uma praça pública e aberta para visitação. Os alunos participantes explicavam suas maquetes e todo o processo desenvolvido durante a pesquisa no quarteirão. Os alunos distribuíram folhetos e expuseram os cartazes confeccionados durante o decorrer do projeto. Foto tirada em Maio de 2000



Fotos da mesma exposição realizada na praça.



Foto tirada em Maio de 2000

Exposição dos trabalhos na escola



Exposição dos trabalhos do projeto cidadão, realizada na escola e aberta para visitação de alunos de outras escolas. Maquetes, cartazes, teatro e poesias fizeram parte do evento. Os alunos explicaram detalhadamente as ações e os instrumentos pedagógicos resultantes do projeto. Distribuíram folhetos com histórias em quadrinhos e charges com os temas pesquisados.
Foto tirada em Maio de 2000

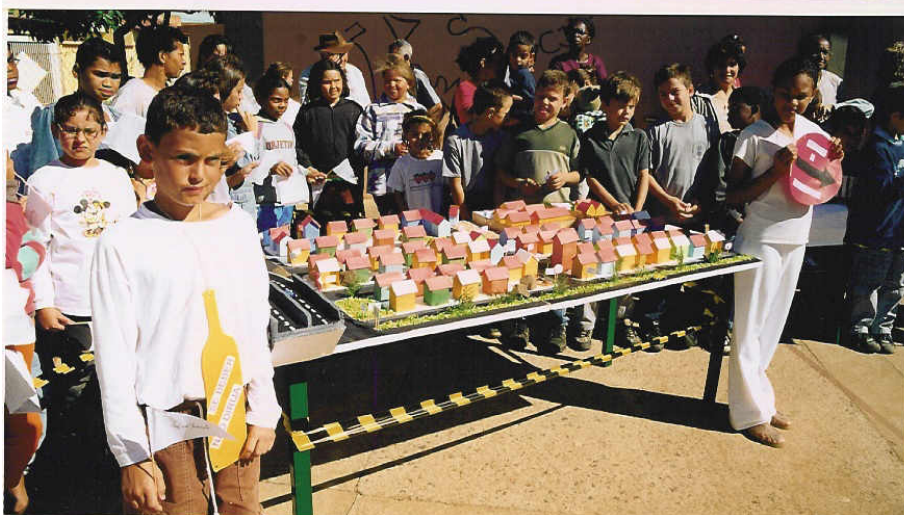
Exposição dos trabalhos na escola



Foi montada uma mini- cidade que pode ser percorrida pelos visitantes. Os problemas do trânsito foram evidenciados e os alunos orientavam os visitantes para a responsabilidade no espaço público da rua.
Foto tirada em Maio de 2000



Exposição dos trabalhos na escola



A exposição dos trabalhos dos alunos na escola fez com que eles pudessem explicar o livro-registro produzido durante a pesquisa. Cada aluno pode expor a maquete do seu bairro e detalhar as particularidades do seu bairro. Os visitantes participaram de apresentações de grupos de teatros focalizando os problemas dos bairros pesquisados. Foto tirada em Maio de 2000